A Bruxa

E A QUEDA DO DRAGÃO

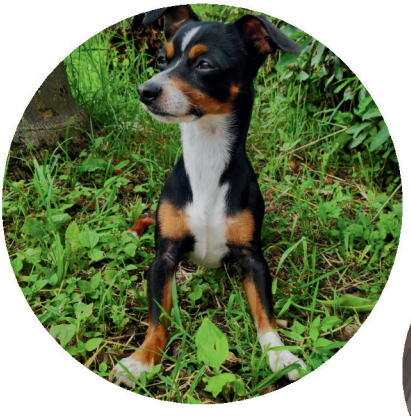
De: _____

Para: _____

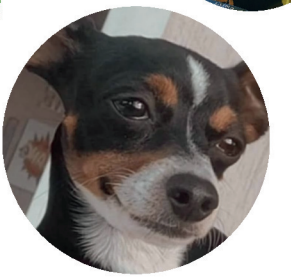
COSTELINHA

AGRADECIMENTO ESPECIAL AO COSTELINHA, MEU AMOR, QUE FEZ UMA PARTICIPAÇÃO NESSE LIVRO E MOSTROU UM POUCO DA SUA PERSONALIDADE CURIOSA, DESTEMIDO, CARINHOSO E CARENTE.

ESTÁ SEMPRE EM BUSCA DE UM COLO E UM CARINHO.







Prólogo
A Voz do Dragão



Eu estava caindo. Não lembro o instante anterior à queda.
Nem o golpe que abriu minhas escamas. Nem o rosto de quem ousou me ferir. Só lembro da sensação: O céu se afastando, o vento rugindo contra o corpo. A magia dentro de mim tentando se recompor e falhando.

Meu nome... isso também me escapou.
Como se tivesse sido arrancado de mim. Dragões não esquecem. Nós guardamos cada lembrança como brasas sob a pele.
Mas algo me atacou com uma intenção tão precisa que meu próprio espírito cambaleou. Atravessei as nuvens em queda livre, sentindo o ar comprimir minhas asas rasgadas. A terra se aproximava rápido, rápida demais até para um de nós. Parte de mim sabia que aquilo não era o final, não ainda, mas outra parte reconhecia o risco de desaparecer sem deixar vestígio.

Antes de perder a consciência, senti algo diferente no ar. Uma barreira. Um limite de magia que nenhum humano seria capaz de erguer. As minhas asas, rasgadas até o osso, já não conseguiam me manter no ar. E eu caí naquele vale.
Nenhuma proteção contra dragões, nenhum escudo de runas, nenhum aviso de fogo.

Bati em um telhado, tentei voar de novo e não consegui, fui perdendo a conciência. Foi quando atravessei os pinheiros, meu corpo atingiu o chão com violência. Senti ossos estalarem, senti sangue quente escorrer entre as escamas... e depois nada.
Nada além de escuridão. E dela, uma presença. Uma voz suave.
Um toque leve, perfume de ervas e um calor singular.
Não de fogo, de alguém.

Calor de um abraço que não recebi, mas quase pude sentir.
— **Quem é você...?** pensei, preso entre sonho e morte.
E, como resposta, senti mãos delicadas tocando minha pele humana.
Um toque cauteloso, bondoso, quente. E por um segundo, a dor diminuiu.

Mas então... outra sensação veio, não vinha dela por escolha.
Não vinha dela por maldade. Era mais profundo, mais escondido, mais... antigo. Algo na alma daquela mulher tremia como uma sombra trancada atrás de uma porta.

Bondade na superfície. Escuridão adormecida por baixo.
Quando sua magia encostou em mim, meus instintos se dividiram: parte de mim queria segui-la, parte de mim queria fugir, mas estava preso em um sono profundo.

O calor dela envolveu meu corpo ferido, tentando me manter vivo, respirando, consciente. Mas havia algo nela ... perigoso demais para ignorar.

A bondade daquela bruxa podia salvar minha vida...
mas a sombra dentro dela poderia destruir muito mais do que isso.



Capítulo
A FUGA





A névoa da floresta parece me engolir.
Corro entre as árvores segurando minha vassoura, e uma pequena bolsa mágica batendo contra o quadril. O ar frio corta meu rosto, a respiração sai em nuvens, e o som das folhas secas estala sob minhas botas apressadas. Galhos pontudos se estendem diante de mim, rasgando um pedaço do meu vestido, deixando uma linha fina de dor. Outro galho se prende no meu cabelo solto, puxando com força. Praguejo baixinho, arrancando-o com um gesto rápido.

A lua, tímida atrás das nuvens, ilumina apenas o suficiente para que eu veja o caminho e o perigo.
(Voar? Bom... isso está fora de questão.)
Se me vissem cruzando o céu, me levariam de volta à força ou pior. As sentinelas mágicas ainda patrulham o ar, e os humanos... bem, os humanos adoram caçar o que não entendem.

Desvio de uma raiz saliente, quase caio. Apoio a mão em uma árvore para não despencar. Atrás de mim, o som de cascos ecoa distante. Não são cavalos humanos. O solo vibra, eles estão perto.

— **Só mais um pouco**, sussurro, retomando a corrida.

Meu coração martela. Aperto o punho da vassoura. Só preciso alcançar a clareira, o ponto onde as árvores se abrem e o véu entre os mundos é mais fino.

Um clarão corta o céu, uma tocha mágica.

— **Droga**! Aperto o passo. Se eu chegar até lá, posso desaparecer.



O país secreto das bruxas, do qual estou fugindo é o Reino Valedorne, foi meu lar e minha prisão. Meus pais, os mais poderosos Reis Bruxos, entre os anciões, decidiram meu destino antes mesmo de eu nascer, eu deveria me casar com um bruxo velho muito poderoso, e gerar filhos capazes de manter o domínio do nossa origem.

Mas eu...

Eu só quero ser livre. Meus dons são raros, diferentes. Mas prefiro a magia que cura, que ilumina, que ajuda, não a que destrói.
(Uma explicação para outro cápitulo)

Durante a minha fuga entre os pinheiros, um som me fez parar, fraco, insistente.
Um chorinho.
Depois outro.
E outro.

Olhei ao redor, o coração disparado. A névoa se arrastava rente ao chão, o orvalho brilhava nas folhas, e por um instante a floresta ficou completamente silenciosa.
O som veio de novo, de uma pequena caixa de papelão abandonada perto das raízes de uma árvore gigante.
Aproximei-me devagar, tentando conter o tremor nas mãos.
Quando olhei dentro, três pares de olhos me encararam.

Três filhotes.
Dois pretos, de orelhas pontudas... e um menorzinho, de orelhas caídas e pelagem tricolor, preto, branco e marrom.



— **Malditos humanos**, resmunguei.

O menorzinho me olhou com olhos tão doces que senti algo despertar dentro de mim, aquele amor genuíno. Na verdade me apaixonei pelos três, mas o menor foi o primeiro a roubar meu coração.

— **Vocês estão sozinhos?...** perguntei baixinho, como se eles fossem me responder. — **Vou levar vocês comigo.**

Coloquei meu chapéu, retirei a varinha da minha bolsa e toquei de leve o ar, diante da pequena caixa e sussurrei:

— **Levitum Aire, Corpusca, objetum ,Sequere Me!**
(Levanta-te no ar, objeto ou pessoa, e segue-me.)

A brisa respondeu ao encanto, girando em espirais vermelhas que envolveram a caixa. Com um leve tremor, ela se ergueu do chão. Pequenos filetes de luz a envolveram, sustentando-a com delicadeza. Ela flutuava ao meu lado, afinal, eu não poderia correr com a caixa nas mãos.
A caixa levitava e me acompanhava, seguimos juntos pela floresta. O céu negro da madrugada, está começando a clarear, o dia acordava devagar. Foi então que o vi, um vale vasto, verde, cercado por pinheiros altíssimos e banhado por um lago cristalino. - **É o véu entre os mundos**. Suspirei, olhando lá na frente, ainda muito distante.

— **Meu novo lar...** murmurei com um sorriso travesso.
— **Preciso correr ou vão me alcançar.** Escuto um barulho, um estalo mais alto atrás de mim fez meu coração disparar.

Apontei a varinha. — **Quem está aí?! Apareça agora!**

Tudo permaneceu em silêncio.

— **Fala agora... ou eu o esmagarei até não sobrar nada que possa gritar, nem o seu nome.**

O vento soprou, e pequenas luzes começaram a surgir entre as árvores. Fadas, gnomos, duendes, ninfas... até um pequeno troll assustado apareceram, pisando devagar na relva úmida. Alguns cambaleando, feridos, com roupas rasgadas e olhares cansados.

— **Vocês são criaturas mágicas de vários reinos...** murmurei, abaixando um pouco a varinha ao ver os ferimentos. — **Estão machucados.** Meu coração já se apertou.

— **Viemos em busca de abrigo...** respondeu uma voz baixinha e fininha, de uma pequena fada com as asas rasgadas, seu brilho oscilando fraco. (Aprendi a língua das fadas ao oito anos.)

Um gnomo de barba trançada e uma faixa improvisada sobre o olho deu um passo à frente.
— **Sabemos que você é uma bruxa. Vimos quando salvou aqueles três cachorros abandonados pelos humanos. Queremos ir com você.**

Olhei para eles, tão diferentes, mas todos carregando o mesmo medo, a mesma solidão. Senti meu coração apertar, e um sorriso suave escapou.



— **Eu também fugi...** confessei, baixando completamente a varinha.
— **Então... podemos seguir juntos.**

Seguimos caminhando por horas. O céu já está azul e o sol iluminando tudo. E então, entre os pinheiros altos e o canto distante dos pássaros, finalmente chegamos no lugar avistado lá de cima. A caixa pousou suavemente no chão, e os filhotes se agitaram, latindo baixinho. As fadas pairaram sobre mim, e o gnomo tampouco conteve um sorriso.

— **É lindo né Bruxa?!**

— **Não é?** Respondi, com um brilho no olhar. — **E agora será nosso lar. E podem me chamar de Elara.**

Eu parei no centro do vale. O chão é um gramado verde lindo, muitas pedras grandes cobertas por musgo e folhas que brilhavam sob os raios do sol. Respirei fundo, sentindo o ar tocar minha pele, eu podia sentir a floresta.

As criaturas se aproximaram, formando um círculo ao meu redor. Olhares cansados, esperançosos. Fadas apoiadas em gravetos, duendes encolhidos dentro de seus capuzes, o pequeno troll cinza com as mãos grossas segurando uma meia velha furada de um humano, que havia achado no caminho.

Atrás deles, apareceram mais, cada um carregando sua própria história. Um casal de elfos, de cabelos longos e prateados, ambos com uma beleza extraordinária, mesmo com seus rostos sujos, o homem mancava apoiado num arco quebrado. Um sátiro com o chifre trincado caminhando devagar, abraçado a uma coruja cega. Havia uma ninfa do rio, com o corpo coberto por musgo, os olhos brilhando como gotas d'água à luz do amanhecer.



Um grupo de pequenas salamandras mágicas rastejava, deixando um rastro de brasas que não queimavam, apenas iluminavam o chão. Escondida entre as árvores, uma sombra tímida se aproximou, era uma mulher corvo. Suas penas estavam molhadas e com barro, e suas asas pendiam com o peso da dor.

Ao lado dela, uma raposa de três caudas olhava desconfiada para mim, protegendo um filhote encolhido debaixo do corpo.
Havia até um homem espírito da floresta, sua pele parecia feita de casca de árvore, e suas veias pulsavam com seiva dourada, seus olhos dourados, e orelhas pontudas, e dentes afiados.
Ele me olhou profundamente, e senti que reconhecia algo em mim... talvez fosse a mesma necessidade de recomeçar.

O vento soprou forte, espalhando folhas e luzes pelas copas.
O amanhecer iluminava aquele pequeno exército de sobreviventes. Criaturas que tinham fugido de reinos quebrados, florestas queimadas, águas envenenadas, ou de mãos humanas cruéis. Por um instante, ninguém falou. Apenas o som do vento, dos galhos rangendo, e dos meus três filhotes, ainda dentro da caixa, respirando com suavidade.

Então ergui minha varinha e disse, com a voz trêmula mas decidida:
— **Vocês não precisam fugir mais. Aqui... aqui nós seremos livres.**

Cravei minha varinha no solo. O som foi como um trovão abafado. A terra tremeu. O vento girou em volta de nós, levantando folhas e pétalas.

Ergui as mãos e comecei a murmurar:
— **Circulum Nebra et Rádix, Ventis duc et Florem dix,**
Velia surge, male oblitum sit.



(Círculo de névoa e raiz, vento que guia e flor que diz, que aqui o mal se perca e o bem floresça, que o véu se erga e o mundo esqueça.)

Antes que perguntem, sim, isso é Língua Antiga das Bruxas de Valedorne. Poucas linhagens ainda sabem pronunciá-la corretamente, e eu tive sorte de aprender com as anciãs da minha família. É uma língua que quando dita com o coração certo, ela obedece, quando dita com dúvida... bom, às vezes uma casa nasce de cabeça pra baixo e coisas erradas acontecem.

A luz começou a surgir embaixo de meus pés, traçando um círculo perfeito no chão. Linhas douradas e prateadas se entrelaçaram, formando símbolos antigos de proteção.

De repente, um clarão suave se expandiu.
Wooshhh,

E uma barreira translúcida envolveu todo o vale. Era como uma cúpula de luz líquida, quase invisível, pulsava em sintonia com o meu feitiço. Quem estava dentro podia ver o brilho sutil correndo pelo ar, delineando o contorno da barreira até onde os olhos alcançavam. Ao lado de fora, era impossível alguém ver, a não ser que fosse muito poderoso para sentir e quebrar.

Quem tentasse atravessá-la, eu sentiria e saberia exatamente a localização.
Apenas com minha permissão seria possível abrir um portal, para impedir que estranhos entrassem... ou que alguém saísse sem ser notado. Acreditem, tem muita gente má lá fora!



O gnomo olhou para cima, encantado.
— **Estamos... escondidos?**

— **Invisíveis e protegidos.** respondi, com um sorriso cansado.
— **Nenhum humano, nenhum caçador pode atrevessar.**
(Ah não ser que seja da meu reino, bom mas só se virem algo caindo ou atingindo o topo da barreira, só os bruxos mais fortes conseguem ver esse detalhe)

As criaturas comemoraram de alegria e começaram a se ajeitar, escolhendo seus pedacinhos de terra, limpando raízes, desenrolando mantos, improvisando cabanas e ninhos.
Os raios de sol se infiltravam entre os pinheiros, tocando o chão.

Fui até o final da barreira, o ponto mais distante de todos. Tudo era vasto, verde e vivo. Preciso de um lar, pensei. Um refúgio. Um lugar para mim e meus três companheiros...

Ainda tenho magia o suficiente, espero não errar o feitiço.
Ergui a varinha e deixei o poder fluir pelos dedos.

— **Doma Umbra, Rádixel e Lumi... mea dom nascit.**
(Casa das sombras, raiz e luz... minha morada nasce.)

As palavras antigas vibraram no ar, ecoando como uma nota cristalina. O solo tremeu levemente, e as raízes começaram a se contorcer, emergindo da terra como serpentes. Elas se entrelaçaram, formando a base. Pedras negras se ergueram em círculos, moldando as fundações.
Um brilho azul percorreu o chão, subindo em espirais até o céu e ali, sob minha magia, a casa começou a nascer, ela se formava com elegância sombria. A madeira negra, as janelas altas e arqueadas, refletiam a luz do feitiço como olhos despertando de um longo sono.



No topo, a torre mais alta ergueu-se como um dedo apontando para o céu, um caminho de pedras cinzentas se estendeu até a porta, ladeado por arbustos floridos e pequenas esferas de luz azuladas que flutuavam entre as folhas, e um extenso gramado em volta. A varanda circundava o primeiro andar, sustentada por colunas finas. E quando a magia se acalmou, diante dos meus olhos estava uma grande casa negra de três andares.

— **Wowww**, segurei meu chapéu, olhei para a casa com olhos arregalados, sorrindo de felicidade, e aliviada que a casa não saiu de cabeça pra baixo. A casa ficou majestosa e misteriosa.

— **É... acho que exagerei um pouquinho, deve ser lembranças por viver um uma casa grande demais. Mas eu amei.** Sorri, ajeitando o meu chapéu, toda orgulhosa do meu trabalho.

— **Nada mal pra quem fugiu com três cachorros e um feitiço de criar uma casa mal preparado.**

O pequeno gnomo riu, o troll deixou escapar um som rouco de aprovação, e até as fadas bateram suas asas animadas.

— **É linda, disse uma vozinha fina perto do meu ombro. Era a fada de antes, a das asas rasgadas.**

— **Parece que está viva.**

— **É porque está**, respondi, com um sorriso de canto.
— **A casa de uma bruxa sempre é viva, as portas se abrem quando sentem a chegada de sua dona,**



se limpa sozinha, entre outras coisas, mas às vezes é rabugenta. Bate as portas, apaga as luzes, prega peças. Olhei para baixo encontrando os olhinhos dele e sorrimos juntos.

— **Bom...depois eu termino a minha casa, quem precisa de magia para criar seu lar?** Gritei animada, levantando a varinha.

Todos gritaram: - **Euuuu**
Ajudei todos com seus pequenos lares e casinhas e cavernas.

— **Estou ficando boa nesse negócio de casas, daqui a pouco posso começar a vender para os humanos**, sorri com um pouco de maldade. Muito cansada e com um pouco menos magia, e olha que para bruxas da minha linhagem a magia demora muito para acabar. Mas eu corri a noite toda até o amanhecer, fiz um feitiço enorme de proteção e todas as outras coisas que vocês viram por aqui, eu realmente preciso de um descaço.

Voltei para minha casa e parei no meio do caminho quando senti algo estranho no ar, ao me aproximar, um barulho grave.
O chão vibrava baixinho, quase como um ronronar profundo da própria terra. Depois, uma rachadura cortou o solo bem a frente da porta.

— **O quê...?** sussurrei, dando um passo cauteloso.

— **Ah, não**, resmunguei. — **Se for mais um troll querendo fonte de água... juro que eu...**

Meu corpo cambaleou e a terra começou a se abrir devagar, se desfazendo em torrões que rolavam para os lados. Uma luz verde suave escapava das fendas, pulsando como um coração.



Então, algo começou a crescer dali. Primeiro uma raiz. Depois outra. Depois o tronco se ergueu, abrindo-se em torções, como se tivesse se espreguiçando. E uma espiral de magia tão familiar que meus olhos encheram de água.

Eu reconheceria essa presença em qualquer lugar.
— **Velhanthir**... minha voz falhou.

O tronco ainda moldava seu rosto quando eu dei um pulo para trás, e depois outro para frente, e então simplesmente desabei em risos e lágrimas, as mãos sobre a boca.

— **EU ACHEI QUE TIVESSE PERDIDO VOCÊ, POR CONTA DA MINHA FUGA!** gritei, rindo e chorando ao mesmo tempo, como uma criança.

A madeira estalou devagar. O rosto se abriu como esculturas antigas se reerguendo. Os olhos se acenderam em um verde profundo.
A voz veio... profunda, lenta, sem pressa...

— **Eeeellaaaaraa...**
Eu... nunca... deixeiii.... você... Estava... caaamiinhaandoo... atéééé... aquuuiii. Euu aaa protejoo deeessdee...do diaa em....que....nasceuu. Euu... vouu tee.... protegerr até... oooo finall.
Eee... secaaarei... no... momentooo... em... que... você... parar... de... respiirarr...

Minhas lágrimas simplesmente caíram. Ele me encontrou.
Ao me aproximar, Velhanthir moveu um dos galhos. Lento. Cauteloso.

Como uma mão colossal aprendendo a ser suave.
O galho pousou levemente no topo da minha cabeça, deslizando entre meus cabelos, exatamente como fazia quando eu era pequena e dormia encostada em suas raízes.

Toquei o galho com cuidado, como quem toca a mão de um ancião amado. Quando o rosto voltou à forma habitual, eu abracei o tronco forte, com o corpo inteiro. Cheguei a fechar os olhos. Uma lágrima quente escorreu pelo meu rosto e caiu na casca antiga, que absorveu como se também sentisse saudade.

— **Eu estou tão feliz que está aqui**... murmurei.

A madeira vibrou sob meus braços. Outro galho se moveu... deslizando pela minhas costas... agarrando o tecido do meu vestido e me levantou, eu flutuei no ar por poucos segundos, ele me desceu gentilmente na frente da porta.

A voz ecoou de novo, grave e
— **Vaaá... terminarr... seuuu... laaar... Elaraaaa...**
Euuu... estarei... viijiiandoo...Suaaa... caaasa...E... você...

Eu sorri, enxugando as lágrimas com o dorso da mão.
— **Tá bom, tá bom, seu velho mandão. Eu vou terminar meu lar. Fica aí, ta bom!**

Velhanthir soltou uma gargalhada...e se expandiu por um lado da parede e um lado do telhado. E foi assim que meu guardião voltou para mim.



Finalmente entrei, vi minha lareira enorme de pedras com um tapete antigo, estava ao centro da casa, entre a sala e a cozinha, a casa é grande e quente por dentro. Segui até a cozinha

Entrei e sorri sozinha. Esta vazia. o chão de pisos antigos. Tirei a varinha do bolso e dei um giro no ar.
— **Ordinem Doma, formam et colorem, sicut cor desiderat.**
(Ordem da casa, tome forma e cor, como o coração desejar.)

A energia percorreu no ar, uma centelha prateada saiu da ponta da varinha e se espalhou em círculos, logo as panelas começaram a surgir, penduradas sobre o fogão de ferro, um caldeirão pesado apareceu no canto, repousando sobre três patas, ainda soltando um leve vapor azul.

Abri minha bolsa mágica, pequena por fora, infinita por dentro, e comecei a retirar o que havia trazido comigo. Frascos de vidro delicado, poções, ingredientes raros. Coloquei-os nas prateleiras recém-formadas, que se erguiam sozinhas das paredes, com tábuas lisas e entalhes que lembravam galhos.

As prateleiras se encheram de frascos coloridos, cada um com um rótulo escrito à mão, Essência de Noite Tranquila, Pó de Alegria, Raiz de Proteção. Tinha uns frascos que eram presentes, como lágrimas de sereias, pó de fada, entre outros. Quandos os ajudava ganhava algo em troca. Por fim, ficou completa de móveis, utensílios e uma mesa ao centro.

Suspirei, observando o resultado.
— **Agora sim**, murmurei.



No andar de cima. Fiz primeiro meu quarto, com paredes, escuras e aveludadas, eram cobertas por entalhes antigos, formando símbolos que só bruxas da minha linhagem reconheceriam. Uma cama grande, com um dossel de madeira negra talhada em arabescos que se torciam como galhos encantados, a cabeceira ostentava meu sigilo familiar, pulsando em dourado suave.

A cama grande com um colchão macio com cobertor azul-escuro. No teto, pendurado por correntes finas, está um lustre de ferro envelhecido com cristais pendurados que brilham como gotas de luz. Com velas mágicas que nunca derretem. No chão, um tapete grande em tons de azul e cinza, com desenhos geométricos e runas. O piso é de madeira antiga, bem polida, de tom castanho escuro.

O resto eu faria com o tempo. Olhei ao redor e suspirei, exausta e feliz. Meus três filhotes entraram logo atrás, os dois dobermanns, pequenos de patas gordinhas e grandes, explorando cada canto com o faro curioso, e o menorzinho, tropeçava nas próprias patinhas enquanto tentava acompanhar os irmãos. As orelhas se empinavam pra trás de um jeito desengonçado, e ele resmungava baixinho.

— **Venham, meus guardiões**, chamei, rindo. — **Vamos comer, devem estar famintos.**

Com um gesto de mão, a poeira se ergueu e desapareceu no ar, o chão reluziu, e pequenas tigelas de cerâmica surgiram diante deles, cheias de carne cozida e grãos, e outros com água em frente a lareira. Os três correram animados, os rabos balançando como se quisessem levantar voo.



O som de suas lambidas e resmungos felizes encheu o ambiente.
Me sentei no tapete, deixando o corpo relaxar enquanto observava eles comendo. Fiquei ali, apoiando o queixo na mão, fazendo caras e bocas pensativas, como se estivesse decidindo o destino do mundo, mas, na verdade, só estava escolhendo nomes.

— **O menorzinho...** olhei para ele, agora de barriga inchada de tanto que comia — **Você vai se chamar Costelinha.**
O pequeno parou de comer deu um latido curto, como se aprovasse. — **E vocês dois**, apontei para os irmãos maiores, que se entreolharam com ar de seriedade exagerada
— **serão Balder e Tyr. Fortes, fiéis e completamente bagunceiros, pelo que já percebi.** Os dois latiram, como se tivessem entendido cada palavra.

Sorri sozinha e chamei meus três filhotes. Eles vieram correndo em minha direção, o pequeno tropeçando nas patinhas curtas, os dois maiores saltando, prontos pra brincar.
Deitei no tapete e, em segundos, fui cercada por rabos balançando e lambeijos . Ri alto, o som ecoando pelas paredes de madeira recém-erguidas.

— **Bem-vindos à nossa nova casa, meus guardiões**, sussurrei, acariciando cada cabecinha com cuidado.
O fogo estalou na lareira, lançando faíscas amerelas no ar.
Fechei os olhos e respirei fundo.
Aquele som, aquele calor, aquelas pequenas presenças em volta de mim...já não me sentia mais sozinha.

E quando o sono chegou, deitei com meus três companheiros na cama grande.



O Costelinha se aninhou em meus longos cabelos, fungando no meu pescoço, os outros dois, Balder e Tyr dormiraram um em cada lado das minhas pernas. Adormecemos juntos.

Na manhã seguinte, no jardim, fiz surgir uma mesa longa, cadeiras, travessas com frutas, pães e bolos, e comidas estranhas para outros seres. O primeiro banquete do nosso reino.
Brindamos, rimos e comemos muito. Momentos depois, bati coma faca na taça
— **Cada criatura terá um pedaço da terra para chamar de seu, estou aqui e vou ajudar a todos, quero que tenhamos uma convivência feliz e agradavél. Aqui ninguém caçará, ninguém será caçado.E quem ameaçar nossa liberdade... será banido.**

Um coro de vozes ecoou:
— **Paz e liberdade!**

Nos apresentamos, dançamos, conversamos e escutei cada criatura e o suas histórias de fuga.

Nos dias seguintes, cada criatura estava feliz em seu lar.
Eu ajudava a todos com poções para cura, para fertilidade da terra, para afastar pragas, entre outras coisas.



E, aos poucos, o vale se tornou um lar para quem não tinha mais para onde ir. Meses depois, Costelinha cresceu pouco, um cãozinho curioso que pesava três quilos e me seguia por toda parte.
Balder e Tyr por outro lado, tornaram-se dois grandes dobermanns magníficos, protetores e imponentes.
Meu lar está cheio de vida.

De tempos em tempos, eu atravessava disfarçada a fronteira dos humanos. Comprava carne, ovos, cobertores, livros, ingredientes e algumas decorações humanas que me encantavam.

A cada mês, meu refúgio ficava mais bonito.
A casa completa, decorada, aconchegante. E o reino vibrante e feliz.

(Não sei o que leram sobre bruxas, mas a minha casa é limpa e cheirosa, sem teias de aranhas por todos os lados.)



Três anos se passaram.
Nosso pequeno reino prosperava.
Novas criaturas chegaram com o tempo, feridas,
assustadas, vindas de lugares que já não existiam.
Foram acolhidas... Estavam salvas.
E eu... estava em paz.



Capítulo

A QUEDA DO DRAGÃO





O som dos pinheiros dançando ao vento era como música para mim. A bruxa de cabelos negros como a meia-noite... no caso, eu, estava na cozinha, descalça, cantarolando uma canção antiga. Daquelas que ninguém mais lembrava, mas que ainda moravam nos ossos dos bruxos antigos.

Meu vestido longo preto como de uma camponesa, manchado de ervas e fumaça, rodopiava conforme eu me movia entre frascos e caldeirões, misturando poções com uma precisão duvidosa.

— **Uma gotinha de beladona... ou eram duas? Ah, que se dane**, murmurei, soltando uma risadinha debochada.
Costelinha, meu cãozinho curioso, me observava de cima do balcão ao lado do caldeirão, com aquela expressão de quem julgava todas as minhas decisões.

— **Não me olha assim, Costelinha. Você sabe que eu sou uma bruxa, não uma farmacêutica!**

No chão, estendidos como dois tapetes de músculo e vigilância, estavam Balder e Tyr, meus dobermans imponentes e fofos.
Até eles suspiraram com o meu comentário.

Minha casa é um verdadeiro refúgio mágico. Uma casa incrível que eu mesma fiz. A lareira de pedras, mantinha o calor constante, mesmo nas noites mais frias.
Tivemos noites congelantes nos dois últimos anos no coração da Floresta de Korvelin . Ah, sim, esse é o nome da floresta. Nunca contei antes, né?
Soa bonito, não? Floresta de Korvelin.



Nos fundos, minha horta viva, literalmente. Os legumes sussurravam uns aos outros, e as flores se inclinam quando alguém canta. Um jardim que, sinceramente, tem mais personalidade do que eu às vezes. As flores mudam de cor conforme meu humor (uma bênção e uma maldição), e as ervas cochicham entre si quando acham que não estou ouvindo. O jardim se estendia até onde os pinheiros formavam uma muralha ao redor da propriedade. Era o tipo de lugar que não aparecia em mapa algum... a menos que eu quisesse que aparecesse.

Vivo aqui desde que fugi do castelo dos meus pais, como vocês já devem lembrar, não é? Aquela fuga desajeitada pela floresta, com galhos me arranhando. Sim, foi naquela noite. Eu fugi dos temidos e belíssimos bruxos Elros e Lysandra, governantes de Valedorne, a antiga terra mágica escondida por labirintos infinitos.

Enquanto eles acreditavam que poder significava domínio, eu sempre achei que o verdadeiro poder estava na liberdade. Gosto de terra nos pés, chá forte, e feitiços simples ou desastrosos, dependendo do dia.
O motivo da minha fuga, vocês também já sabem, não é? Aquele casamento arranjado com um bruxo velho e feio como um sapo cansado. Nem todo feitiço do mundo me faria dizer “sim” pra aquilo.

A manhã seguia tranquila, a luz do sol filtrando-se pelas janelas e dançando sobre as prateleiras cheias de frascos.
Eu mexia lentamente o caldeirão, preparando uma poção para dores de cotovelo.

Literalmente.

Um feitiço antigo que aliviava tanto a dor física quanto aquela do coração, quando se escolhe alguém que não devia.



A encomenda é de Narel, o pequeno espírito das brumas que vivia perto do riacho. Desde a última lua, andava cabisbaixo, com o brilho das asas meio apagado. Disse-me, envergonhado, que se apaixonou por uma ninfa que só aparecia quando o sol nascia e, como ele só existia na névoa, jamais poderiam se tocar. Coloquei algumas pétalas de rosa lunar na poção e murmurei um encanto para suavizar o coração.
O vapor que subiu tinha cheiro de chuva e lembrança.

Cantarolava distraída quando ouvi o estalo.

CRAAACK!

Um ruído brutal de madeira cedendo ecoou sobre minha cabeça. A casa inteira tremeu como se tivesse sido atingida por um raio. Costelinha soltou um latido fino e pulou do balcão direto para almofada no chão. Balder e Tyr se levantaram em um salto, rosnando, orelhas em pé. O som vinha de cima... arrancando metade do meu telhado.

— **Mas que caralh**...comecei, mas parei no meio da frase ao correr até a janela, com o coração disparado. Afastei a cortina de linho com um puxão e por um instante, o sol desapareceu.
Uma sombra gigantesca cobriu o sol por uns segundos.

Um corpo colossal atravessando o céu, caindo em câmera lenta. As escamas negras, lisas como obsidiana, refletiam lampejos dourados da luz que ainda lutava para atravessar entre as árvores. As asas estavam rasgadas e a cauda longa cortava o ar.

Um rugido abafado escapou da garganta dele, ecoando entre os pinheiros e vibrando nos vidros da minha casa. Eu pude sentir o chão tremer antes mesmo de ele tocar o solo. As folhas voaram, os galhos se curvaram, e o impacto veio como um trovão.

BOOOOM!

A casa inteira sacudiu. Poeira caiu do teto, frascos chacoalharam nas prateleiras, e um dos meus caldeirões rolou pelo chão. Sorte estar vazio. Eu pisquei, ainda com as mãos na cortina, tentando entender se aquilo realmente tinha acontecido.

— **Um dragão????** perguntei icrédula.
— **Um maldito dragão preto!**

Juro pra vocês... é um dragão mesmo.

Fazia séculos que não se via um. Eu pelo menos nunca tinha visto ao vivo e a cores, só li sobre eles. E aquele... tinha acabado de cair do céu raspando sobre o meu telhado.

Fiquei olhando por alguns segundos, em silêncio, tentando processar a cena. Então franzi a testa, cruzei os braços e resmunguei:

— **Ah... ótimo**, murmurei, apertando a ponta do nariz. — **Eu acabei de consertar o telhado, seu lagarto voador!** Gritei para a janela, indignada.

Costelinha latiu atrás de mim, nervoso. Balder e Tyr já estavam de pé, rosnando para a janela, prontos para o que fosse.
Mas eu continuei ali, parada, pensando, e eu tinha que ser rápida.

Eu sabia o que era. É um dragão negro. De uma lenda muito antiga.
E ele... tinha acabado de cair no meu jardim entre ás árvores
Eu uma bruxa, ainda estou sem acreditar.

Balder e Tyr já corriam em direção à porta, latindo como se fossem enfrentar um exército inteiro. Costelinha, com sua valentia minúscula, seguiu logo atrás deles, agora ele já corria sem tropeçar, ele aprendeu a correr tão rápido quanto seus irmãos.

Eu, por minha vez, não pensei duas vezes. Peguei a vassoura encostada na parede, saltei pela janela, deixando o vento fresco bater no rosto. Meus cabelos negros se espalharam no ar, dançando como chamas.

— **EU VOU RESOLVER ISSO, MAS NEM PENSE EM MORRER NO MEU JARDIM, OU VAI VIRAR ADUBO!** gritei, voando alto sobre as copas dos pinheiros, para encontra-lo.

Os meninos me seguiam em terra firme, correndo velozes entre as árvores, latindo e farejando. O chão estava coberto de folhas partidas, o ar impregnado de um cheiro metálico, sangue e magia. A floresta ficou silenciosa, sorte que caiu longe das casas dos outros seres que moram aqui.

Pousei a poucos metros daquilo que, segundos antes, fora um dragão.
Mas o que encontrei... me fez arregalar os olhos.
Não havia mais asas, nem escamas.
Havia um homem, nu e desmaiado.
Sim, peladinho. E antes que pensem, não, não foi um feitiço de curiosidade.

Ele é alto, forte, coberto de arranhões e feridas. A pele, mesmo humana, mantinha aquele brilho das escamas que eu havia visto no céu. O cabelo é preto como noite sem lua, uma cicatriz enorme no olho, entre outras cicatrizes espalhadas no seu corpo bronzeado. Sim, estou reparando, afinal ele esta sem roupas.



Pisquei uma, duas vezes. Olhei pro céu, depois de volta pra ele. Suspirei fundo.

— **Eu sabia que hoje ia ser estranho... mas um homem pelado e desmaiado no meu quintal é novidade.**
Estalei os dedos e murmurei um encantamento rápido:
— **Mantum velum**,(Cobre com manto.)

Uma manta escura surgiu, feita de tecido que lembrava seda e sombra ao mesmo tempo, cobrindo o corpo dele. As feridas ainda sangravam, mas o fluxo começava a diminuir, a magia já estava agindo.

Me aproximei devagar, ajoelhei ao lado dele e senti sua respiração, está fraca, mas firme.

— **O que é você, hein?** Perguntei baixinho. — **Um castigo? Um sinal? Ou só um azar voador?**

Balder e Tyr rosnaram baixinho, os olhos atentos, enquanto Costelinha subiu no meu colo e enfiou o focinho no rosto do homem, como se quisesse acordá-lo.

— **Cuidado, meu pequeno, ele pode morder**, murmurei, mas não afastei.

O vento soprou outra vez, levantando folhas e um frio súbito correu pela minha pele. Olhei pro céu, as nuvens se juntavam, escuras, pesadas, escondendo o sol.

Abracei Costelinha e olhei de novo para o homem inconsciente. Algo dentro de mim me alertava, o sexto sentido de uma bruxa é poderoso.

— **E se ele for perigoso? Ou se ele trazer o perigo pra nós?** Andando de um lado para o outro pensativa roendo a unha, com o costelinha no colo.

— **Mas não posso deixar esse homem jogado e morrendo aqui...** falei olhando para Balder e Tyr. Eles me responderam com um resmungo.

Respirei fundo, decidi checar novamente, toquei seu peito nu com a palma da minha mão, seu coração batia lentamente.
O calor do corpo dele ardia como brasa e mesmo assim, eu sentia uma força adormecida sob a pele dele, como se a qualquer momento ele pudesse explodir em chamas.

— **Tá, lagartão... vamos tirar você do meio do mato antes que meus tomates absorvam essa energia masculina e comecem a crescer peludos,** murmurei, segurando a varinha e disse:

— **Levitum Aire, Corpusca, objetum ,Sequere Me!**
(Levanta-te no ar, objeto ou pessoa, e segue-me.)

As aspirais começaram a brilhar em tom lilás, e uma névoa suave envolveu o corpo do homem. Aos poucos, ele começou a flutuar, pairando no ar como uma pena pesada.

Subi na vassoura num pulo rápido, segurando Costelinha nos braços. A corrida pra chegar até aqui foi longa e o suficente para seu coraçãozinho, ele se ajeitou com o focinho colado no meu peito, as orelhinhas em alerta. Balder e Tyr, dispararam na frente, correndo em zigue-zague entre as árvores como dois relâmpagos negros, sabiam o caminho de volta de olhos fechados. Esses tinham corações fortes e muita energia para gastar.



Enquanto sobrevoava a trilha de pinheiros, o sol voltou a aparecer, o vento quente, bagunçava ainda mais meus cabelos longos. As folhas farfalhavam, um passarinho assustado voou de um galho próximo, e o cheiro de resina e terra úmida se intensificava conforme eu me aproximava de casa.

A porta dupla se abriu sozinha com um estalo leve. As janelas também se abriram, permitindo a entrada de vento fresco.
Aterrissei desajeitada no chão de madeira da sala. Costelinha saltou do meu colo e correu direto para o tapete, farejando tudo, animado.
Conduzi o corpo flutuante até o centro da sala e o deitei com cuidado sobre o grande tapete diante da lareira.

— **Hfff... Você pesa mais do que parece, viu, lagartão?**

O tapete exalava um leve cheiro de lavanda e fumaça de lenha. Balder e Tyr se deitaram de cada lado do estranho, imponentes e atentos, prontos para morder, caso eu pedisse. Costelinha logo correu atrás de mim, já que estava a caminho da cozinha.

Corria pela casa como uma tempestade organizada, puxando frascos, bandagens, folhas secas de alecrim, unguento de camomila, garrafas de vidro e uma pequena chaleira encantada. E o costelinha seguindo meus passos como uma sombra.

Meu vestido preto balançava ao redor das pernas e os pés descalços marcavam o chão com passos leves e apressados.

— **Droga! Não tive tempo de preparar uma poção para ferimentos graves, vamos de improviso.** Carregando várias coisas, parei e deixei no chão ao lado dele. Comecei a limpar as piores partes, e colocava tudo dentro de uma sacola.

— **Costelinha, pega essa sacolinha aqui. Isso, meu amorzinho e joga fora. Tua mamãe vai precisar muito da tua ajuda hoje**, falei enquanto o tratava.

Ele pegou a sacola com a boca, com as gazes usadas dentro, e trotou ligeiro até o cesto de lixo na cozinha, jogando tudo dentro com precisão. Voltou correndo com a língua de fora, empolgado.

Ajoelhada ao lado do homem, suspirando fundo. Após limpar seus braços e rosto, puxei o tecido escuro que o cobria até um pouco abaixo do umbigo, revelando mais da barriga definida, os músculos bem desenhados mesmo em descanso. Sua pele ainda estava fervendo, suava muito, tinha pequenos arranhões e manchas de sangue seco. E para minha surpresa, na sua coxa esquerda tem um machucado profundo.

— **Será que eu lembro como costurar um machucado?!**
Aqui quase ninguém se machuca a ponto de precisar ser costurado.

Resmungo nervosa, como se alguém fosse me escutar, enquanto pego uma agulha e desinfeto com álcool. Minutos depois eu finalizo.

— **Costurado com sucesso.**

Olhei bem pra ele, mordi o lábio inferior, arqueando uma sobrancelha.
— **Uau... quem quer que tenha te feito, caprichou, viu?**

Costelinha levantou a cabeça e me encarou.

— **Não me julgue Costelinha. Eu sou bruxa, não santa.**
E ele é um homem muito bonito. Respondi o olhando de novo.

Com um pano limpo e água morna, comecei a limpar os ferimentos com cuidado. O vapor subia da bacia, deixando gotas quentes escorrendo pelos meus pulsos. Conforme ia limpando, usava ervas para acelerar a cicatrização, murmurando pequenas palavras em voz baixa

— **Curare Unire. (Cura e une)**... Ia ajudar a estancar o sangue e curar em menos dias do que o normal. Só funciona em feridas superficiais. A pele dele reagia ao toque das ervas, absorvendo o unguento com uma leve cintilância dourada.

A cada movimento, Costelinha me seguia, espiava os frascos, cheirava as compressas, e quando eu deixava algo cair no chão, lá estava ele, prontamente pegando e levando para o lugar certo. O calor dentro da casa estava mais forte que o normal. A lareira estalava de leve, embora não estivesse acesa, talvez apenas refletindo o calor do corpo dele.

(Posso dizer que adoro um homem quente, sorrio com malícia nos lábios)



Quando terminei os curativos, limpei as mãos na barra do vestido e encarei o rosto dele.
Mesmo machucado, havia uma beleza feroz em seus traços. A mandíbula forte, os cílios escuros e espessos e lábios carnudos.
Inclinei o rosto, estudando-o em silêncio.

— **Não posso te deixar pelado no meio da minha sala.**
Eu tenho limites. Sorrio de canto. (Alguns, pelo menos.)
Levantei-me, estalando os joelhos, e comecei a empurrar o corpo dele no ar novamente, dessa vez o guiando até o quarto no último andar. Caso ele surtar dá tempo de fugir.

A escada de madeira rangeu sob meus pés descalços. O cheiro de ervas medicinais pairava no corredor. Costelinha subia atrás de mim, farejando cada degrau como se fosse novo. Balder e Tyr, subiam com toda a calma do mundo.

O quarto tem uma cama de ferro preto com lençóis brancos, uma cômoda de madeira maciça, com espelho antigo na parte de cima e uma janela grande aberta, por onde entra uma brisa, carregada do cheiro de pinheiros lá fora. E seu próprio banheiro.
Deitei-o ali, ajeitei o lençol até a cintura e suspirei, passando a mão na testa suada.

— **Pronto, bonitão. Agora é contigo... só não me morde quando acordar, e por favor, tenta não destruir minha casa se resolver virar um dragão de novo**

Abaixei-me e beijei sua testa, um gesto que sempre faço. Um tipo de bênção, como se um beijinho fosse curar tudo.
Saí do quarto, deixando a porta entreaberta, com Costelinha de guarda.

No corredor, Balder e Tyr deitaram-se em frente a porta, como dois soldados sombrios. Desci as escadas, soltei o cabelo dos grampos e suspirei alto.

— **Se eu soubesse que hoje ia receber visita de um bonitão, tinha colocado corset.** Olho para meus seios colocando as mãos neles e os levantando para cima.

A casa voltou ao silêncio. Mas ainda sentia algo.

A noite chegou...
O calor da noite fazia minha pele grudar no tecido, e meus pés sempre descalços, estavam cobertos de terra e folhas secas da floresta.

— **Socorro... tô igual chá velho. Meus pés tão mais sujos que pensamento de sátiro**, murmurei rindo para mim mesma, indo direto para o banheiro.

O banheiro é amplo, com paredes cobertas por azulejos antigos em tons de marfim e azul profundo, que cintilavam levemente sob a luz das velas flutuantes.

A banheira, de ferro fundido e pés em forma de garras prateadas, parecia saída de outro século. Sobre ela, um vitral redondo projetava no chão desenhos coloridos conforme o luar atravessava o vidro. .

O espelho, emoldurado por entalhes de flores e serpentes. A Margo, falava quando alguém se aproximava, com uma voz doce e elegante, sempre opinando com humor de quem o olhava.

Às vezes recitava poesias. Outras, apenas soltava um “você precisa de um banho de sal e um encanto”, por vezes cantava quando o vidro embaçava. Em uma parede de pedras sentei-me em um banquinho de madeira, lavando os pés primeiro, esfregando entre os dedos com sabão de lavanda feito por mim. E quando o vapor da banheira subia, formava figuras que dançavam por um instante antes de desaparecer.

— **Isso, sai lama... sai pinha, sai floresta inteira.**
— **Agora banho de banheira.** Respiro profundamente e solto lentamente ao estar finalmente dentro da banheira.

Depois de me lavar completamente, vesti uma roupa simples e confotavél, uma calçola preta e uma camisola longa preta.
Soltei meu cabelo todo bagunçado, saí do banheiro com a pele ainda úmida e os pés limpos, pronta pra me esparramar um pouco antes que o caos da vida batesse de novo à porta.

— **Venham com a mamãe**, chamei, descendo até a varanda e pegando meu copo de chá gelado de hibisco com maçã na mesinha do lado da balança.
Balder e Tyr vieram primeiro, as patas pesadas fazendo eco na madeira da varanda. Costelinha apareceu logo atrás, abanando o rabinho e soltando um espirro. Eu me sentei no balanço largo de cordas trançadas, bem no centro da varanda, e eles se acomodaram ao meu redor,



A madeira do balanço rangeu de leve enquanto eu me ajeitava com as pernas cruzadas, o copo na mão e o olhar perdido no céu. A noite estava estrelada e estranhamente silenciosa. Os pinheiros ao redor balançavam suavemente, e no meu pequeno canto encantado, vagalumes dançavam no ar, como pequenas estrelas rebeldes brincando entre as folhas.

— **De onde será que você caiu, heim?** perguntei baixinho, encarando o céu escuro. Balder latiu uma vez.

Olhei pra ele, arqueando a sobrancelha. — **Tá tentando me contar alguma coisa, Balder? Vai virar oráculo agora?**

Ri sozinha. O copo gelado encostava na minha coxa quente e transpirava. Costelinha correu para fora da varanda, dando pulinhos desajeitados no ar, tentando alcançar os vagalumes com patinhas apressadas. Gargalhei com a cena.

— **Pega eles, Costelinha! Vai, mostra pra esses bichinhos quem é que manda aqui!**

Larguei o copo no chão de madeira da varanda, com um som surdo de vidro tocando madeira, e corri atrás dele, descalça mais uma vez. A grama ainda está morna. Balder e Tyr me seguiram imediatamente, latindo e saltando como dois potros gigantes.

O jardim iluminado virou um pequeno circo encantado. Corria, ria, rolava com meus cães na grama. Jogava galhos para Balder e Tyr disputarem como irmãos competitivos. Costelinha latia e pulava por cima das minhas pernas como um foguete peludo. Equanto Velhanthir nos cuidava, com seus olhos sempre atentos. E às vezes soltavas pequenas gargalhadas ao notar como eu estava feliz com minha nova vida.



— **Seus doidos! Vocês vão me derrubar!** gritei, com os olhos brilhando de felicidade. Deitei-me no meio deles, com os cabelos espalhados como uma coroa negra sobre a grama.

— **Será que ele vai sobreviver?** perguntei ao céu.
Ninguém respondeu. Apenas o zumbido distante dos grilos, o farfalhar das folhas e a respiração tranquila dos meus companheiros.

Suspirei fundo.

— **Ótimo! E eu vou ter que me lavar de novo.** Me olhando toda cheia de terra e grama e meus pés novamente encardidos.

Entramos todos novamente. As luzes se acenderam sozinhas. O ar aqui dentro esta carregado com o cheiro de chá. Peguei um pano umedecido na cozinha e limpei cuidadosamente as patinhas dos meus meninos, um por um, como fazia todas as noites.

— **Pata pra mamãe... Isso, Balder. Agora você, Tyr. Costelinha, vem cá, patinha da frente, isso!**

Depois, fomos para o quarto. A cama grande e macia, coberta por lençóis e travesseiros amontoados.



Ventava levemente pela janela aberta, trazendo o cheiro do jardim recém pisado. Entrei no banheiro do quarto, tomei um banho rápido. Quando voltei, passei creme de lavanda nas pernas, soltei de novo o cabelo ondeulado e armadado e pulei na cama.

— **A cama é minha, mas quem dorme sou eu espremida na beirada, né?** Tyr apenas fungou.

Balder já havia deitado do lado esquerdo, Tyr ocupava a parte de baixo como um cobertor peludo, e Costelinha, lógico, já estava colado em mim com o fuço escondido no meu pescoço, fazendo um barulhinho de respiração que mais parecia ronco de fada.

Fechei os olhos e murmurei uma oração antiga. Uma que minha mãe costumava cantar quando eu era criança, feita para proteger os sonhos.

A casa adormeceu junto com a gente.



Capítulo

O DESPERTAR





O sol ainda nem tinha alcançado o topo do céu quando um som grave e rouco ecoou pela casa.

Grhhh...
Um grunhido profundo, quase um rugido abafado.

— **O que foi isso?** murmurei, acordando com o coração acelerado.

Do andar de cima, no quarto do topo, ouvi um barulho seco, como de madeira rangendo sob algo pesado. Meus cães saltaram da cama antes mesmo de eu entender o que estava acontecendo. Tyr latiu uma vez, agudo e direto. Balder e Costelinha desceram pelo pé da cama como um pequeno pelotão desordenado, latindo e apontando para o corredor.

— **Ai, meu caldeirão! Ele acordou!**

Pulei da cama com os cabelos completamente bagunçados, despenteados até a bunda, usando minha outra camisola preta. (minha cor favorita) que eatava toda torta assim que eu levantei.

— **Vamos, meninos! Venham com a mamãe!** gritei, correndo, os pés descalços batendo no assoalho de madeira.

Subimos as escadas juntos, feito um pequeno exército de patas e confusão. Quando abri a porta do quarto, o homem já estava sentado na cama, olhos arregalados, o peito arfando. O pano negro escorregado para o lado, e ele parecia... perdido.

— **Quem são vocês?!** gritou, olhando ao redor, tenso.

Ofegante, parei na porta e fiz uma reverência exagerada, tentando prender o cabelo rebelde e tentando respirar.

— **Primeiro, não me assusta mais desse jeito, segundo...** coloco a mão no peito e respiro. **Prazer. Eu sou a Elara. Esses são Balder, Tyr e Costelinha, somos os bonzinhos, salvamos você. E você, bonitão, quem é?** Respirei fundo.

Ele piscou, confuso, passando a mão pelos cabelo desgrenhado.
— **Eu... não consigo lembrar.** Olhou para baixo
— **Eu tô pelado?!** VOCÊ VIU MEU...?!

Virei o rosto com um sorrisinho torto.
— **Vi um pouquinho... mas cobri rapidinho. Nada que vá te deixar traumatizado, tá?**

Ele corou, resmungando algo que não entendi.

— **Relaxa, coloquei esse manto mágico em você. Discreto e elegante.**

— **Ah! Você precisa de um banho. Eu só passei um paninho úmido até onde podia. E olha, com todo respeito, você tá precisando mais de sabonete do que de lembranças agora. Mas cuidado, você ainda está cheio de curativos.**

— **Tudo bem...** murmurou, ainda atordoado.

Com esforço, ele se levantou, gemendo ao esticar os músculos. O guiei até o banheiro do quarto, onde as pequenas maravilhas da casa começaram a se mostrar. Assim que ele entrou, o espelho na parede se iluminou e cantarolou:

— **Bom diiiia, bonitão!** 🎵

Meus espelhos, são como papagaios, reptem tudo o que eu digo. Mas isso ele não sabia e não precisava saber... ainda.
Ele parou, surpreso. A pia soltou um jato de água morna sozinha, ajustando a temperatura. O sabonete líquido formou bolhas de lavanda no ar, e uma toalha macia flutuou, se posicionando ao lado da banheira.

— **Que lugar é esse...?** murmurou, tocando o espelho, que respondeu:
— **Toca mais e eu cobro o jantar primeiro, querido.**

Coloquei as mãos na boca, segurando o riso. Deixei ele sozinho, descobrindo a magia do banheiro. Voltei para meu quarto. Fui direto pro banho, e hoje vou lavar meus cabelo... depois escovei os dentes, passei um bálsamo de limão na pele e vesti um vestido preto, com os ombros de fora e tecido leve, de manga curta e que vai até os pés, porém tem uma longa fenda, que deixa minhas pernas livres para correr pela casa.

Corri até a cozinha e, com um movimento da mão, lancei o feitiço:

— **Matinae Magical!**

A chaleira voou até o fogão, que se acendeu com uma labareda controlada. O garfo começou a bater sozinho os ovos na tigela, e as frutas se cortavam no ar enquanto a manteiga aquecia as frigideiras. Pedaços de carne eram cortados com a faca encantada para os cães, que já lambiam os beiços.
Logo, a toalha de mesa voou até o centro da sala e se estendeu sozinha. Xícaras, pratos e guardanapos se colocaram nos lugares, e o bule começou a se encher de café recém-coado.

Foi então que ele apareceu descendo as escadas.
Descalço, com o pano ainda amarrado no corpo, descia devagar, apoiando-se no corrimão. O cheiro de café e magia pairava no ar, e a luz do sol entrava pelas janelas.

Eu estava de costas, cantarolando a música de um bruxo famoso.
Quando girei, com o vestido esvoaçante, o vi parado ali.
Tudo congelou, as panelas, as colheres, até o vapor suspenso.

— **Oiii**, eu disse com um sorrisinho sem graça.

— **Você é uma... uma encantada?** perguntou ele, maravilhado.
Sorrindo de canto.

— **Eu sou encantada, assim como você. Só que eu sou uma bruxa. E você, pelo visto, é um dragão.**

— **Eu sou um dragão...?** levou as mãos à cabeça. — **Mas eu... eu não lembro de nada.**

— **Tá tudo bem! Vem sentar, o café tá quase pronto.**

Estalei os dedos e a magia voltou a se mover. O café se servia sozinho, o pão se aquecia, as panquecas saltitavam na frigideira. Meus cães já comiam do lado da varanda.

— **Eu não lembro de quem eu sou, mas as bruxas não costumam ter gatos pretos?** perguntou ele, curioso.

— **Eu não sigo padrões**, respondi. — **E nem fala isso perto deles, senão Tyr vai ficar magoado e Costelinha vai tentar morder sua canela, já o Balder, ele arrancaria sua perna mesmo.**

Os cães ergueram as orelhas. Costelinha soltou um latido seco, como se confirmasse.

— **Bom... eu não faço ideia do que dragões comem. Mas como você tá em forma humana, vamos começar com ovos mexidos e bacon, imagino que você seja carnívoro.**

— **Não comendo vocês já é um bom começo**, ele respondeu sério.

— **Agradeço**, disse eu, fingindo um brinde com a xícara. — **Eu gosto de estar inteira pela manhã.**

Ele pegou uma panqueca, e eu joguei uma boa colherada de geleia de morango.

— **Eu mesma fiz. Com os morangos da minha horta.**
Ele mordeu um pedaço, fechou os olhos e soltou um som de satisfação.

— **Hmmmm! Eu gosto de panqueca com geleia de morango, e de ovos mexidos com bacon.**

— **Eu sabia. Sou uma cozinheira de mão cheia... apesar de ser jovem,** falei, toda orgulhosa, erguendo o queixo.

— **Modesta também, pelo visto.** Ele sorriu de canto.

— **Só um pouco, respondi**, piscando pra ele.

— **Eu gosto de café... acho.**
Passei duas xícaras. Uma amarga. Outra com leite e mel.

— **Experimenta as duas. Você precisa descobrir se tem gosto refinado ou infantil.** Ele fez careta na amarga e riu.

— **Infantil. Com certeza.** Ele respondeu ao provar o café doce.

— **Eu também gosto do docinho**, respondi com um sorriso cúmplice.

Depois do café, peguei os curativos e troquei os antigos com muito cuidado, sentada ao lado dele no sofá.

— **Preciso comprar roupas para você...** falei, olhando de cima a baixo, sem conseguir disfarçar o sorriso. — **Não que eu me importe em ficar admirando esse abdômen, mas já tá parecendo uma pintura viva.**

Inclinei a cabeça, estudando o rosto dele por um instante.
A pele bronzeada contrastava com os cabelos escuros ainda úmidos, lisos e compridos, caindo de leve sobre o olho da cicariz, olhos profundos, e dourados se misturavam a tons de âmbar e laranja incandescente, com veios vermelhos finos, No centro, a pupila negra e afiada, mesmo em forma humana, seus olhos ainda são de um dragão, selvagem e hipnótico.

— **Ou... posso ir até a cidade comprar alguma coisa enquanto você tenta lembrar quem é**, continuei, tentando disfarçar o rubor que me subia pelas bochechas — **e, de preferência, quem te atacou também.**

Peguei uma fita métrica e comecei a medir seus ombros, peito, pernas, altura... enquanto ele tentava disfarçar o desconforto.

— **Você não pode simplesmente... sei lá, usar magia pra criar uma roupa?** perguntou, arqueando uma sobrancelha.
Suspirei e dei um meio sorriso.

— **Poder, eu posso. Mas da última vez que tentei, a túnica saiu com uma manga a mais e um buraco bem no meio da...** fiz um gesto vago com as mãos — **região proibida.**

Ele riu, o primeiro riso sincero desde que acordara.
— **Então é melhor não arriscar.**

— **Exato. Mas não tem nada aí que eu não tenha visto.** Dei uma piscadinha. — **Mas.....Prefiro evitar constrangimentos mágicos por enquanto. Juro que um dia ainda aprendo a conjurar roupas decentes... ou pelo menos que cubram as partes certas.**

O manto escorregou um pouco quando ele se mexeu, revelando mais pele do que eu esperava. Arqueei uma sobrancelha, tentando manter a compostura, o que foi praticamente impossível.

— **Relaxa**, falei, levantando as mãos em rendição e segurando o riso.
— **Eu já vi coisa pior. Tipo um centauro bêbado pelado. Você tá na média.**

— **Coisa pior? Então estou tão ruim assim?**, resmungou ele, rindo baixo.

Minhas bochechas ficaram vermelhas. — **Eu estava tentando quebrar o clima dragão... Você é... é... você não está ruim não!** Respondi olhando para o lado tentando disfarçar, me levantando rapidamente.



— **Meninos, mamãe vai até a cidade!** gritei, já pegando minha bolsa mágica.

— **E você, senhor Dragão, se comporta. Nada de cuspir fogo, nem devorar meus filhos. Tá entendido? Deixei dois trolls e alguns sátiros do bosque de vigia até eu voltar. E, acredite, eles levam o trabalho muito a sério.**

Antes de sair, fiz um "V" com os dedos, levei até meus olhos e depois apontei pra ele, num gesto claro de tô de olho em você.
Abri um meio sorriso antes de desaparecer porta afora, e num piscar de olhos, eu já voava rumo à passagem secreta.

Na cidade, entrei caminhando discretamente por um vilarejo humano. O cheiro de pão fresco se misturava ao de lenha queimada e à sujeira que eles pareciam já não notar. As ruas de pedra estavam cheias demais e as casas apertadas. Algumas janelas tinham flores, outras escondiam doença, descuido e medo. Água parada se acumulava nas laterais do caminho, vi pessoas tossindo ou doentes deitadas na rua. Os humanos ainda vivem de maneira antiquada! As mulheres passam rápido, olhos baixos, corpo tenso, sempre atentas a quem vinha atrás.

Andei entre eles fingindo ser igual. Mas era impossível ignorar: eu vivia anos à frente deles. E eles ainda insistiam em chamar isso de progresso. Dessa vez, estava disfarçada. Usava um vestido em tom amarelo-claro, de tecido simples e bem caído. Um espartilho ajustado marcava a cintura e sustentava o busto, deixando o colo levemente à mostra, como era comum entre as mulheres dali. A saia era longa e ampla, cobrindo os pés. Nada chamativo. Apenas o suficiente para parecer uma humana qualquer.
Os cabelos presos e loiros, presos em um coque frouxo, balançavam quando o vento passava. Caminhei até uma lojinha escondida entre uma alfaiataria e uma venda de ervas. O letreiro torto balançava com o vento, e a vitrine empoeirada

mostrava roupas simples, mas bem-feitas. Entrei sem chamar atenção. Peguei calças, camisas, camisetas, roupas íntimas, tecidos leves, e algumas mais resistentes. Na hora de pagar, hesitei. Eu não tinha as moedas usadas por eles. Tirei da bolsa algumas moedas encantadas e entreguei à vendedora com o melhor sorriso que consegui fingir.

(Não me julguem... nunca tive dinheiro humano. Mas ninguém jamais reclamou de ouro que brilha quando o encanto se desfaz.) Segui para as outras lojas. Ele precisa de um perfume (ele cheira lenha queimada, coitado), alguns presentes para meus três bebês e lembrancinhas para o restante do pessoal. Estava na hora de voltar ou o encanto iria acabar.

Ao passar pelo portal voltei ao normal. Voei para a casa e pousei na frente da varanda, a cena me parou. Ali estavam meus três cães deitados no balanço com ele. Balder e Tyr dormindo de cada lado, e Costelinha deitado em cima do peitoral dele, como se estivessem juntos há anos. Cruzei os braços, fingindo reprovação

— **Ah, que ótimo, agora terei que criar três cachorros e um lagarto gigante. Vocês três, são uns traidores.** Falei em tom de deboche e brincadeira.

Todos os três me olharam ao mesmo tempo e correram em minha direção, pulando, abanando os rabos, lambendo meus braços como se não me vissem há dias. Ri, cercada pelos meus filhos de quatro patas.

— **Tá bom, tá bom... eu também tava com saudade.**
Mas meus olhos voltaram para ele. E ele... estava sorrindo.

— **Hei, Dragão!** chamei com uma voz cantada, balançando os sacos de pano que tirei da bolsa mágica.

— **Trouxe roupas novas e bragas... você está precisando. E como sou uma criatura de alma muito generosa, também trouxe uma camisa para dormir, e com um pouco de magia, fiz surgir pequenos dragões no tecido, você vai adorar**, disse sorrindo com os olhos fechados.

Ele se levantou com uma sobrancelha arqueada, ainda enrolado no manto, pegando as sacolas com um sorriso envergonhado.

— **Obrigado. Eu... não sei o que dizer.**

— **Diz "obrigado, Elara maravilhosa, você é uma deusa da floresta e minha salvadora." Funciona sempre**, pisquei pra ele, já me afastando.

— **Obrigado. Elara, você é minha salvadora**, respondeu ele com um sorriso malicioso de canto.

— **Não foi bem o que.....** parei de falar ao avistar aquele um monte de telha quebrada e jogada no jardim.

— **Ah! E eu me esqueci! Tenho que arrumar o telhado! Ainda bem que não está chovedo.**

Ele ficou me olhando, confuso, até me ver voando novamente na vassoura, flutuando sobre a casa com o cabelo solto balançando no ar. Com a varinha na mão, disse com firmeza:

— **Reparum Tegula!** (Repara a telha!)



Um som grave e suave ecoou, como o estalar de madeira se ajustando. O ar começou a brilhar em pequenas fagulhas azuladas dançavam em espiral, se agrupando sobre o telhado. As telhas rachadas começaram a deslizar em seu devido lugar, se encaixando com precisão. Fragmentos quebrados se juntavam, se fundindo num mosaico perfeito. O brilho azul se espalhava pelas emendas, correndo como rios de luz , selando cada fresta com uma cintilação serena.

— **Tá vendo, Dragão?!** gritei lá de cima, olhando pra ele lá embaixo.
— **Antes de cair no meu quintal, você bateu no telhado! Quase tive um infarto e meus tomates com certeza traumatizaram!**

Ele riu, erguendo a mão pra proteger os olhos do sol.
— **Me desculpa! Se eu pudesse, eu mesmo arrumava...**

Enquanto eu esperava as telhas se encaixarem no lugar, o vi entrando pela porta, segurando aquele monte de sacos de pano.

A magia se dissipou em um último lampejo, deixando a casa inteira banhada por um reflexo azulado que se desfez lentamente com o vento. Finalmente terminei, desci suavemente, pousando no chão, e fiquei ali, observando-o sair até a varanda novamente.
Usando uma uma camisa de linho bege, de mangas longas e soltas, com o tecido amassado e o colarinho aberto, e uma calça de algodão marrom, presa por um cordão simples na cintura. Estava descalço, assim como eu.
Eu não gosto de roupas com cores... mas nele... ficou lindo.

Parei diante dele e disse: — **Hmmmm... gostei. Ficou muito bonito.**



— **Obrigado**, disse ele, ajeitando a camisa, ligeiramente sem graça. Sorri e nos sentamos no balanço.

— **Conseguiu lembrar de algo?**

Ele abaixou o olhar.
— **Infelizmente, não. É tudo vazio, só uma sensação... como se algo estivesse me observando. Mas nada concreto.**

— **Que pena... bom, você não sendo um psicopata que matará todos nós já esta ótimo.** Gargalhei como uma verdadeira bruxa que sou, e ele me olhava preocupado. — **Mas pensando bem, não sei se tenho uma poção pra memória. Posso vasculhar meus grimórios mais tarde, mas agora... eu tenho afazeres e meus meninos precisam brincar!**

Levantei num pulo e saí correndo pelo jardim, jogando meu chapéu para o lado, chamando os cães.
Baldor, Tyr e Costelinha vieram atrás, latindo, como uma comitiva real, brincamos todos juntos, jogava gravetos, corriamos. Senti o vento nos cabelos, o sol tocando minha pele. Corri descalça pelo gramado, o vestido esvoaçando em volta das coxas. Meu cabelo levemente ondulado se espalhava como tinta negra no ar.

Cuidei da minha horta mágica com o mesmo carinho de sempre, cantarolando feitiços para as plantas crescerem, conversando com as ervas como se fossem velhas amigas.

— **Cresce direitinho, minha alface de ouro... você tá quase pronta pro almoço, minha linda. Não seja tímida!**



Quando terminei, bati as mãos para tirar a terra dos dedos e me abaixei perto do pomar, onde os coelhos luminescentes sempre passavam querendo comida. Seus pelos tem um brilho azul suave, como se refletissem estrelas, e cada um deles tem dois rabinhos e três olhinhos curiosos, sempre atentos a tudo.

— **Bom dia, pequenos coelhos**, murmurei, oferecendo folhas frescas que eles devoraram com pressa, suas orelhas compridas tremendo de satisfação.

Outros seres cruzavam o jardim. Esquilos de caudas feitas de pétalas saltavam entre os galhos, deixando um rastro de cheiro doce no ar. Pássaros pousavam perto de mim, com asas transparentes como vidro fino, refletindo a luz em tons suaves. Pequenos cervos dourados surgiam entre as árvores, o corpo brilhando como se tivesse sido moldados à mão. Perto das raízes do pomar, vi criaturas miúdas de pele clara e olhos grandes, parecidas com ratinhos, mas com pequenos chifres curvos. Mais ao fundo, lagartos de escamas opalescentes se aqueciam nas pedras, imóveis demais para parecerem reais. Todos vinham me cumprimentar e pegar algo para comer.

Enquanto isso, eu o via me observar de longe, com aquele olhar curioso. E, de vez em quando, também me pegava observando ele. Tão alto, de ombros largos, a pele bronzeada que contem veias douradas, como se o próprio sol corresse sob sua pele. Um olhar que carrega algo selvagem.

Mas... de onde ele tinha vindo? E quem o havia ferido?

Capítulo
O LAGO





Almoço

Na cozinha, eu preparo o almoço com toques mágicos.
Com um feitiço rápido, a frigideira começou a se mover sozinha, cozinhando um prato típico da floresta. Torta de carne mágica, feita com carne encantada e bem temperada, flores comestíveis que brilham levemente no escuro e uma crosta feita de trigo encantado que nunca queima.
Na salada, misturo folhas de alface frescas que cintilavam e tomates, direto da minha horta. E para acompanhar, preparei um suco de pétalas de névoa refrescante, com um toque efervescente. Levamos tudo e fomos almoçar sob a sombra da macieira, cujos frutos também mudavam de cor conforme o humor de quem os observava.

Ele deu uma garfada exagerada da torta e arregalou os olhos.
— **Uau... essa carne tem gosto estranho e gostoso!** disse, inclinando a cabeça como se tentasse decifrar o segredo.

— **Ah, claro!** respondi, piscando. — **Ingrediente secreto: um pouco de feitiço e muito amor de bruxa.**

Ele olhou para a salada e fez uma careta divertida.
— **E essas folhas cintilantes? São comestíveis ou devo chamar de decoração?**

— **Comestíveis, pode comer!** ri. — **O máximo que pode acontecer é começar a brilhar.**

Ele riu, depois me observou por um instante, mais sério.
— **Onde você os encontrou?** Perguntou olhando para os três, mordendo uma maça vermelha e brilhante, direto do pé.

Levantei o olhar, surpresa.
— **Os encontrei abandonado na floresta dos humanos, enquanto fugia.** Mas isso é história para outro dia.

Depois do almoço, conversamos, rimos, e caminhamos pela floresta enquanto o vento balançava as folhas e o cheiro de terra úmida misturava-se ao perfume das flores mágicas. Os cães nos seguiam satisfeitos e animados, farejando cada canto, brincando e às vezes atentos.

Apresentei ele a cada morador da pequena terra encantada. Primeiro, ao velho sábio da floresta, um espírito antigo que tomava forma humana quando o sol nascia e voltava a ser metade árvore, metade criatura ao cair da noite. Ele o observou em silêncio, olhos como pedaços de âmbar líquido, antes de fazer um breve aceno de aprovação.

Mais adiante, o corvo surgiu sobre um galho. Suas penas negras refletiam luz azulada, e quando desceu diante de nós, transformou-se em uma mulher negra, com dreads longos e escuros, uma linha branca entre sua testa e nariz e olhos totalmente pretos. Ela inclinou a cabeça, analisando-o com desconfiança.
— **Ele tem cheiro de fogo e de tempestade**, disse, antes de voltar a bater as asas e desaparecer entre as copas.

Por fim, chegamos à clareira dos elfos. Um casal vivia ali, guardando o jardim noturno, o coração da floresta, foram os primeiros elfos a chegarem aqui.
Ela se chama Lírien, e mesmo à luz suave da tarde, sua pele cintilava como prata. Os cabelos, longos e claros, pareciam fios de luar derramados sobre os ombros. Ao seu lado estava Kaelir, (o líder dos elfos), de pele pálida e cabelos longos preteados, e orelhas pontudas. Eles possuem uma beleza de outro mundo.



Lírien trazia no ventre a semente de um novo ser, uma criança que nasceria sob um novo lugar, longe das muralhas de seu antigo reino. Lírien havia me contado certa vez, que haviam fugido por amor proibido, ela, princesa da Casa de Eärwen, prometida a outro. Ele um guerreiro errante, nascido entre os humanos, portador de sangue misto e alma livre demais para os salões de cristal dos elfos puros. Quando seus olhares se cruzaram, nenhum decreto, rei ou fronteira pôde separá-los.

(Não vejo a hora de ver pequenos elfinhos, de belezas deslumbrantes correndo por aí.)

Lírien pousou a mão sobre o ventre e sorriu. Aquele sorriso calmo.
— **Thalen en'lor, eneth sil'vaen... tor vaer nor thal'a ven.**
(Três anos... e o vale ainda nos acolhe como no primeiro dia.)
Sua voz soava quase angelical.

— **Nórien el'lara, selien tor'nir vaer hauhd' noouri'n.**
(Você nos protegeu bem, Elara. Nenhum mal passou, desde que ergueu o véu.) Ela olhou para o homem ao meu lado, estudando-o com atenção antes de acrescentar
— **Kaelir nor'en vel, tor drak'os en'than.**
(Não é comum alguém atravessar a barreira sem ser chamado.)

O tom não era de desconfiança, mas de cuidado e até medo, afinal eles estavam formando uma família, como outros seres ali.
Kaelir, apenas permanecia em silêncio.

Então os repondi em Élanthir, a língua deles.

— **Enor kaelir ven'thael, nor'en mir. El sen'thael tor'nir en'lor selien vaer.** (Ele chegou ferido, eu o ajudei, assim como todos que entraram aqui.) Respondi com um sorriso sem graça.

Lírien se aproximou, repousando a mão sobre o peito dele. Seus lábios formaram palavras suaves.

— **Mír nor'en vaer drak'os, selien hom drago thal'a ven curi.**
(Que a alma da floresta te receba, homem dragão, e que a bênção do tempo te cure.)

Olhei para ele e traduzi:
— **Ela disse, que espera que você seja feliz aqui, homem dragão, e que você se cure com a benção to tempo.**

O marido apenas sorriu, baixou o olhar por um instante, tocando o peito em silêncio um gesto de gratidão.

Andamos mais um pouco pela trilha do vale. O ar está morno e leve, e os cães, cansados das correrias do dia, logo se aninharam na grama macia.
Deitei-me ao lado deles, e logo cochilamos todos ali, eu ele e os cachorros.

Ao despertar o céu já havia escurecido. Espreguicei-me lentamente, afastando um fio de cabelo do rosto, com um sorriso cansado e disse
— **Vem, quero te mostrar um lugar.**



Ele me segue pela floresta até chegarmos a uma clareira cercada de árvores antigas. No centro, está o maravilhoso lago Nélanor.
Um lago de águas azuis fluorescentes, flui como se carregasse estrelas líquidas. A superfície emite um brilho suave, quase sobrenatural.

— **Uau...** ele sussurra.
— **Esse é o Lago Nélanor**, digo. — **As águas são puras, dizem que vêm de dentro da terra encantada onde os sonhos nascem. Só seres mágicos conseguem vê-lo.** Humanos normais... enxergam apenas um lago comum.

Pequenas fadas surgem entre os galhos, com asas que cintilam em tons de esmeralda e lilás. Elas flutuam ao nosso redor, curiosas. Uma delas pousa no meu ombro e sussurra algo em meu ouvido.
— **Ela disse que você tem cheiro de fogo antigo.**

— **Isso é bom?** Ele pergunta sorridente.

— **Depende. Se você for o tipo de dragão que queima tudo, nem tanto. Mas por enquanto, você só tem queimado minha paciência...** pisco, brincando.

Sentamo-nos em uma pedra lisa à beira do rio. O som da água correndo. O ar aqui é mais leve. Mergulhamos os pés na água, ela é morna, vibrante e vejo os olhos dele se arregalarem quando tocam a superfície.

— **Parece que... está viva.**

— **Tudo aqui é vivo. Ela sente, cura, às vezes até mostra imagens pra quem tem o coração de um verdadeiro líder, honesto e puro.**

Ficamos em silêncio por um tempo. Apenas ouvindo os grilos, as fadas, o farfalhar das folhas. E as batidas de dois corações, mesmo sem saber direito quem somos.

— **Se você tem o coração bom, o rio cura feridas, mas se você tiver morrendo, infelizmente ela não cura...** digo com um olhar carinhoso.
— **Vamos ficar mais um pouco e ver o que acontece, sim?**

Logo, tiramos as roupas para não molhá-las, ficando apenas com as peças de baixo. (Sorte eu estar com uma roupa de baixo bonita e não algo velho.) Entramos na água morna. O calor flui das pedras e do próprio rio, abraçando a pele como um cobertor. Entramos juntos, deixando a água subir pelos nossos corpos até a cintura. Rimos como duas crianças ao notarmos nossa pele azul fluorescente e brilhante, como se o rio quisesse falar que agora fazíamos parte dele.

De repente, o impossível acontece. Pequenas gotas de água se erguem suavemente ao redor dele, dançando no ar como se tivessem vida própria. Formando espirais, girando lentamente, tocando sua pele uma a uma, deixando um rastro de brilho azul claro.

As feridas leves começam a cicatrizar diante dos nossos olhos.
— **Isso é... isso é incrível!** Ele ergue as mãos, as olha, sorrindo surpreso. Seus ferimentos leves, já não existiam mais.

— **Eu tô tão feliz!** gargalho alto, batendo palmas como uma criança.
— **Isso significa que você tem o coração puro... pelo menos um pouco!** Hahaha!

— **Só um pouco?!** Ele faz careta. — **Ei, isso é ofensivo. Eu me considero... 60% puro, no mínimo!**

Jogo água nele.
— **Generoso consigo mesmo, hein?**

Nesse instante, a água explode num pequeno chafariz de caos peludo, Balder e Tyr saltam do barranco direto no rio, espirrando água pra todo lado. Costelinha aparece correndo, pulando com um mini salto dramático.
Quase me afogo de tanto rir.

— **Costelinhaaa! Meu deus, você vai me matar de amor! Ainda bem que seus irmãos são seus guarda-costas particulares!**

Enquanto os cães nadam e brincam, completamente azuis e cintilantes, ele olhava ao redor tentando decifrar as fadas que voavam sobre nós, tagarelando com suas vozinhas finas.

— **Como você entende o que elas dizem?** ele perguntou, franzindo o cenho, acompanhando o voo delas. — **E os elfos também?**

Sorri, inclinando a cabeça com um toque de mistério.

— **Bom...tenho um segredo**, disse, antes de mergulhar.
A água me envolveu por um instante e, quando voltei à superfície, emergi bem ao lado dele, totalmente azul e vrilhante, gotas escorrendo pelos rosto. — **Eu não deveria te contar muita coisa afinal não sei nada sobre você... mas eu sou filha de reis. E, como futura rainha, era meu dever saber várias línguas, para poder me comunicar entre os reinos e com os seres mágicos. Então... eu falo umas seis, mais ou menos.**
Dei de ombros, com um sorriso divertido.
— **Não que eu esteja me gabando, claro... mas é bom você saber disso.** Falei com um sorrisinho de canto, levantando uma sobrancelha enquanto olho meu cabelo todo azul.

A água escorria pelo meu rosto, deslizando pelo pescoço e caindo de volta no lago como pequenas faíscas azuis. Dei um leve empurrão de brincadeira nele com o ombro, fazendo respingar água entre nós.

Dei um último olhar para ele, antes de completar, mais séria:
— **O resto... eu te conto quando souber de fato quem é você. E por que você está aqui.**

Tudo em volta brilha, árvores, água, até as pedras parecem cobertas de pó de estrela. É surreal, um mundo secreto escondido no coração da floresta. Depois de muitos risos, mergulhos e algumas tentativas falhas do dragão conversar com as fadas, saímos do lago, com as roupas nas mãos, caminhando lado a lado apenas de roupas íntimas, enquanto deixamos pegadas azuis pelo caminho e seguimos brilhando.

— **Espero que em algum momento eu volte a minha cor normal e pare de brilhar.** Ele disse olhando seus braços e pernas e rindo com a situação.



— **Talvez em alguns minutos, horas ou dias, nunca se sabe.** Digo cheia de gracinha e debochada.

— **Você se sente confortável, assim... de roupa íntima apenas?** Ele pergunta, sorrindo torto.

Arqueio a sobrancelha e rio debochada.
— **E você se sente confortável todo peladinho, caindo no quintal de uma donzela como eu?**

Caímos na gargalhada. Ele tosse de tanto rir, quase deixa cair a camisa molhada que usou para se secar.

— **Ok. Touché.** Disse ele.

— **Vou te contar mais um segredo, esse vale, com diversas criaturas, tem proteção mágica que ninguém vê do lado de fora. Impedindo invasores de entrar.**

— **Então, como eu entrei?** ele perguntou curioso.

Fiz uma carinha sem graça
— **Talvez... porque o feitiço não tinha conjuração para proteção contra dragões,** dei um pequeno sorriso. — **Eu citei tudo o que podia lobos sombrios, espíritos, necromantes, invasores humanos... mas dragões? Não me leva a mal, mas eu nem sabia que vocês ainda existiam.**

Olho de canto para ele e completo com humor:
— Eu tive que refazer o feitiço de proteção... agora contra dragões também. Até entender como vocês são, nenhum outro poderá entrar.

— **Gostaria de poder esclarecer suas dúvidas, mas eu não lembro nem do meu nome.** Ele respondeu tentando fazer graça. — **Talvez eu seja um tipo gentil de dragão. Um que não queima, só... cai em cima dos telhados.**

— **Aham. Romântico.** Continuo caminhando, olhando para frente.

RONC! O estômago dele ronca alto.

— **Uau**, rio. — **Isso foi você ou um ogro escondido atrás das árvores?** Pergunto olhando entre as árvores.

— **Eu tô com muita fome**, ele diz, com cara de dor passando a mão em sua barriga nua.

— **Ufa, por um momento pensei que fossem ogros querendo nos atacar.** Falo fingindo secar um suor da testa.

Os cães começam a latir, andando em círculos animados.
— **Eles também tão exigindo jantar**, digo. — **Vamos fazer uma fogueira. Hoje a janta vai ser sob as estrelas.** Falo colocando meu vestido, passando pela cabeça e braços, agora que meu corpo já está seco, ele coloca apenas sua calça. Ainda estamos um pouco azuis e brilhantes, parecendo vagalumes gigantes.

Jantar

Acendemos uma fogueira no centro do jardim com pedras em volta. As chamas ardem em tons de laranja e vermelho, lançando faíscas. Faço um feitiço para a tábua de ferro flutuar sobre as chamas. Em cima dela, começo assar o Pão de Lua Recheado, uma receita antiga feita com massa de raízes adocicadas e recheio de queijo derretido com ervas mágicas, e ao lado pedaços grandes de carne.

Para os cães, preparo cubos de carne marinada em infusão de cogumelos fortificantes, tudo encantado para nutrir e fortalecer.
Ele ajuda a virar os pães, rindo cada vez que a massa pula sozinha ao ser tocada.
— **Isso é melhor que qualquer banquete que me lembro...**
Disse ele rasgando um pedaço de carne nos dentes.

— **Que não se lembra, você quer dizer.**

— **É verdade**, ele responde, olhando para as chamas.

Olho para ele, quieta. O fogo reflete em meus olhos.
O vento sopra devagar, e por um instante, desejo que ele se lembre logo. Mas uma parte de mim... não quer que ele vá embora tão cedo.

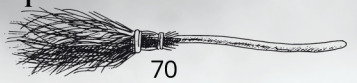
Sentados lado a lado, dividindo o último pão recheado, e pedacinhos de carne que eu cortei, para que ele não coma, como um ogro novamente. Costelinha está dormindo no meu colo. Balder e Tyr estão dormindo na grama, de barriga pra cima.

Mordo o último pedaço, sorrio e digo:
— **Talvez... você tenha caído aqui por um motivo.**
Ele olha para mim, sério.

— **Talvez o universo tenha te achado sozinha demais por aqui.** Ele fala me lançando um olhar engraçado, subindo e descendo as sobrancelhas.

Corro, disfarçando o rubor com uma risada:
— **Vamos dormir antes que você fique romântico demais. Isso aqui ainda é um vale encantado, não uma taverna de novela!**

— **Boa noite, bruxa esquisita.**



— **Boa noite, dragão... pelado.** Disse ainda correndo e olhando para trás. Sorrimos.

Balder, Tyr e Costelinha me lideraram na corrida, entramos na casa, ele veio logo após... o ar entre nós ficou levemente embaraçoso, então me apressei na despedida.

Troquei um rápido "boa noite" com ele, sentindo meu rosto corar. Ele se encaminhou para o quarto no terceiro andar, e eu subi apressada para o meu, no segundo. Banhos separados, no alívio da porta fechada, antes de finalmente cair na cama.

Senti um calor que não vem só da fogueira.
Fico deitada pensativa observando meus cães dormindo.



Capítulo

A POÇÃO





A casa está mergulhada em silêncio.

A lua escorre pela janela do quarto. Tyr ronca aos meus pés, Baldor respira pesado, encostado na minha perna e Costelinha, claro, tomou posse do travesseiro ao meu lado, parece um Croissant peludo.

Tudo está calmo... até não estar mais.
Um som distante corta a quietude.
Um estalo, depois um murmúrio.
Viro o rosto, atenta. Vem do andar de cima.

— **Vocês ouviram isso?** sussurro.

As orelhas de Tyr se erguem, Balder rosna baixinho e Costelinha abre um olho sonolento, mas logo fica em alerta.
Levanto devagar, de fininho, mas a madeira range. Subo as escadas em silêncio, com os cães logo atrás ,como sombras.
Olho para eles atrás de mim e coloco o dedo indicador sobre os meus lábios e faço: **Shiiii**
O som fica mais claro, respiração pesada. Chego diante da porta do quarto e sinto o ar quente que escapa por baixo. Abro devagar, caminho até o lado da cama. O corpo dele se contorce sobre a cama, coberto de suor. Os lençóis estão enroscados nas pernas, o peito sobe e desce rápido, os punhos fechados.

— **Ei... chamo baixinho**, mas ele não me ouve. Seu rosto se contrai. Os olhos se movem por baixo das pálpebras, rápidos, como se perseguissem algo terrível.

— **Não**... ele murmura. — **Não... me solta!** Ele grita
O grito é tão alto que eu me assusto e recuo num salto desajeitado.
Sinto o calcanhar bater na borda do tapete e... ploft!
Caio sentada no chão, o impacto ecoando na minha dignidade.



Os cães avançam, farejando o ar, atentos.
Tyr rosna baixo, mas eu levanto a mão, pedindo calma.

— **Shh... tá tudo bem...** Volto o olhar pra ele.
O corpo ainda treme. Um brilho incandescente começa a pulsar sob a pele dele, alaranjado... como fogo respirando por debaixo da sua pele.

— **Não, não, não se transforma aqui dentro...** começo a dizer, engatinhando até a beira da cama.
Encosto a mão no ombro dele e recuo com um suspiro. Está quente, quente como o sol.
Ele desperta num solavanco, eu levo um baita susto e solto um gritinho abafado com uma de minhas mãos.
Os olhos dourados se abrem, confusos, procurando algo.

— **Eu... vi...** a voz sai rouca. — **Eu estava voando. Era um dragão. O céu estava claro e... algo me atingiu. Dor.. fogo... queda.**

Ainda sentada no chão, respiro fundo, tentando me recuperar do susto.

— **Foi só um pesadelo**, digo, tentando soar calma, embora saiba que não foi só isso..
Ele me olha. O calor diminui, mas o brilho de fogo ainda lateja.

— **Foi real**, insiste. — **Eu senti tudo, o sangue, as garras e a queda.**

Ele passa a mão pelo rosto, tentando respirar direito.
— **Alguém me queria morto, ou ainda quer.**
Os cães se aproximam e se deitam em volta dele, formando um pequeno círculo protetor.

Solto o ar devagar e murmuro:
— **Certo... acho que nós dois precisamos de chá.**



Ele pisca, confuso. — **Chá?**

— **É! Camomila, pétalas de sonho e raiz de silêncio**, respondo, levantando e batendo a poeira da minha camisola preta de seda longa — **Cura quase tudo, inclusive sustos com dragões sonâmbulos.**
Desço as escadas, e todos descem atrás de mim.

Estalo os dedos a lareira acende num estalo suave.
Enquanto preparo o chá, sinto o olhar dele sobre mim. Os cães se acomodam, cansados da tensão, no tapete em frente da lareira ao lado dele. Entrego a caneca pra ele.

— **Aqui. Vai te acalmar.**

— **Obrigado, ele diz, ainda rouco.**

Sorrio.
— **A memória volta quando o corpo começa a confiar de novo.**

Ele me observa em silêncio, o rosto iluminado pelo fogo.
— **E você?** pergunta. — **Não tem medo de mim?**

— **De você?** arqueio uma sobrancelha. — **Se fosse perigoso, Balder já teria te mordido. Tyr te comido. E Costelinha... teria te julgado até a alma.**

Costelinha resmunga, confirmando. Nós rimos, o fogo estala, e Costelinha anda devagar e sonolento, e deitou no colo dele sem pedir licença.

— **Viu! Se você fosse perigoso, Costelinha não deitaria no seu colo. E ele adora você.**

— **Você tem mesmo um dom pra me fazer esquecer o caos**, ele diz, acariciando as costas do costelinha.

— **Não é dom, é costume**, sorrio. — **Você não é o primeiro ser poderoso que aparece no meu jardim sangrando.**

— **Sério?** Ele me olhou espantado.

— **Não! Você é o primeiro mesmo. Mas se eu parecer experiente, talvez você não surte.**

Ele ri baixo. Bebe o chá.
— **Você é cheia de gracinha.**

— **Aham. Faço o meu melhor Dragão.** Jogo os cabelos pra trás fingindo deboche.

Ele abaixa os olhos, sincero. — **Obrigado... por tudo isso.**

Ainda sentados no tapete macio da sala, o fogo estalando na lareira, quando bato a mão na testa.
— **Ai, céus! Eu ia olhar no armário de poções se tinha algo pra memória! Eu acabei me esquecendo dragão.**

Levanto em um salto, a camisola comprida esvoaçando.

— **Elara**, ele diz, rindo — **são três da manhã...**

— **E? Não é como se a gente tivesse que acordar cedo pra trabalhar no campo amanhã. A noite é jovem e eu também.** Risos. **Eu não consegui pegar no sono essa noite pra ser sincera, e o chá ainda tá quente e a minha curiosidade também.**

Vou até um armário rústico com portas de vidro manchado, cheio de frascos de todos os tamanhos, etiquetas empoeiradas com nomes como “Essência de Pensamento”, “Neblina de Lembrança”, “Gotas de Fada Extrovertida”. Vou puxando os vidros, lendo um por um com os olhos semicerrados.

— **Poção de relaxamento... poção pra cólica de sereia... ah, isso aqui é pra tirar cheiro de gambá encantado... definitivamente não!**

— **Você tem poção pra cólica de sereia?** Ele perguntou com os olhos arregalados.

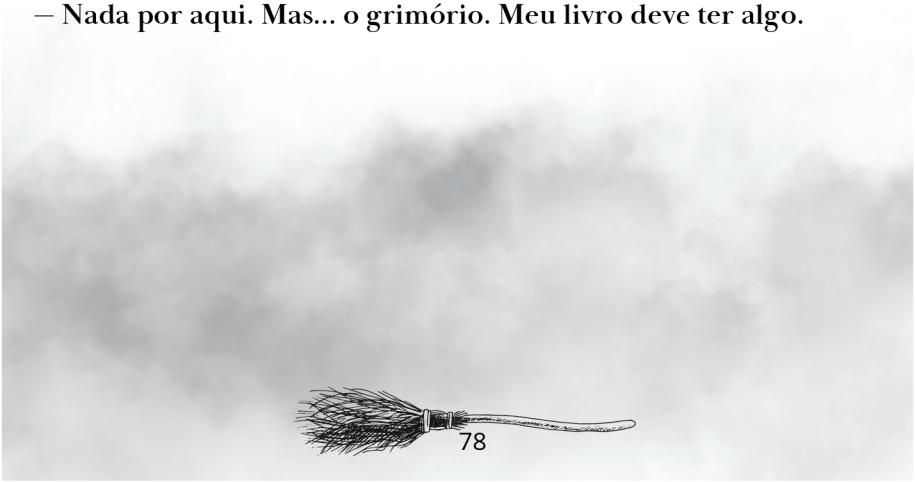
— **Já tive clientes complicadas, você não entenderia!** murmuro, jogando o frasco de volta na prateleira.

— **E cheiro de gambá?**

Olho para trás com as mão ainda no armário, franzindo a testa
— **Ummmmmm, mulheres com raiva.**

— **Entendi**, diz ele levantando a xícara no ar, como se brindasse.

Volto a olhar para o armário.
— **Nada por aqui. Mas... o grimório. Meu livro deve ter algo.**



Pego uma caixa de madeira escura e murmuro algumas palavras. As travas se soltam sozinhas e a tampa se abre. De dentro, retiro o livro, grosso, a capa é de couro escuro, pesada. Os fechos de prata estão tortos, gastos de tanto serem abertos e fechados ao longo dos anos. As bordas estão queimadas e, entre algumas páginas, ainda há restos de ervas secas, esmagadas pelo uso. Há marcas de queimadura nas bordas e pétalas secas entre algumas páginas.

Sento no tapete ao lado dele, de pernas cruzadas, e apoio o livro no colo.
Há símbolos gravados na capa, que foram gravados à mão, fundos e tortos. Alguns estão incompletos, interrompidos no meio do traço. Reconheço o desenho. Pressiono o polegar contra a pequena agulha escondida na borda da capa e faço um furo rápido, nada profundo. Uma gota de sangue cai sobre o couro, é absorvida na hora. O couro escurece e os símbolos começam a se fechar sozinhos, completando linhas que antes não existiam.

Os fechos de prata se soltam com um estalo baixo, as páginas se abrem sozinhas, mas não mostram palavras. Primeiro vêm imagens soltas, lembranças que não pedi para ver. Coisas antigas, algumas minhas, outras não. Seguro o livro firme e espero passar. Só depois disso as letras aparecem, escuras e bem marcadas no papel envelhecido. Agora posso ler.

— **Vamos ver... Cura, Invocação, Sopa de Luar, Aumento de... não, isso não**, murmuro, virando a página rapidamente com as bochechas levemente coradas.

Ele arqueia a sobrancelha. — **O que era?**

— **Nada que um dragão precise.**
A-ha! exclamo. — **Aqui!**



Viro o livro para mostrar a página iluminada pela luz da lareira. O título bordado em tinta prateada brilha entre os desenhos:
Memorare Lucem
(Para recordar a luz esquecida.)

— **É essa**, digo, empolgada. — **É uma poção antiga, usada por magos e bruxas que tiveram a mente apagada por feitiços ou traumas. Pode fazer a memória voltar... ou acelerar o processo.**

Levanto animada e corro até a cozinha. Pego meu caldeirão pequeno de barro preto, pequeno e robusto, com desenhos de raízes esculpidas nas laterais. Coloco-o sobre o suporte de ferro da lareira e estalo os dedos.

— **Ignis lento.**
O fogo surge lento e suave. A chama lambe o fundo do caldeirão com carinho.

— **Tá preparado pra me ajudar, Dragão?**

— **Desde que eu não precise me transformar pra isso, tô dentro.** Ele diz se levantando e vindo até mim.

— **Então vai me passando os ingredientes. Primeiro, folhas de flor-da-névoa. Estão no vidro azulado que brilha quando a gente xinga perto dele.**

Ele pega o frasco.
— **Esse aqui?** ele pega o frasco quase o derrubando. **Ai, caralh...! O vidro brilha.**

— **Esse mesmo! Ótimo palavrão de teste.**
Jogo as folhas dentro. Um vapor esverdeado sobe, fazendo o ar ganhar um cheiro de hortelã doce e maçã.

— **Agora, mel de abelhas da noite. O vidrinho que parece ter estrelas derretidas dentro.**

Ele me entrega com cuidado. O líquido realmente cintila.
— **Uau**... ele olha o frasco como um menino de cinco anos de idade. Curioso e impressionado.

— **Pega leve, senão ele tenta fugir. Esse mel é temperamental.**
Deixo escorrer três gotinhas. Elas caem como pérolas na poção, que muda de cor para um lilás suave.

— **Agora... pó de raiz de lembrança, uma pitada.**

Enquanto ele procura, Costelinha pula no balcão, se acomoda com as patinhas cruzadas, observando tudo atentamente. O narizinho mexe a cada novo aroma. Uma fumacinha roxa sobe sobe e toca o focinho dele. ATCHIM!
Rio alto, faço carinho na cabeça dele e sopro um beijo no ar pra ele.

— **Muito bem, meu ajudante mais fofo.**

Murmuro algumas palavras em minha língua ancestral. O caldeirão reage, soltando uma fumaça expressa e roxa.

— **Prontinha.** Olho para ele orgulhosa e sorridente.
Ele faz uma careta.

— **Eu vou ter que beber isso?**

— **É isso, ou eu posso jogar você do telhado para bater a cabeça novamente... E provavelmente você já comeu coisa muito pior quando se transforma em um dragão, voando por aí.**

— **Verdade...** diz ele, coçando a cabeça. — **Tipo carne crua?**

— **Só não sabemos os tipos variados de carne, né!**

Ele ri. Vou até o armário, pego uma taça de cristal com detalhes dourados e, com uma concha de madeira, sirvo o líquido. A poção é de um tom roxo cintilante, com leves redemoinhos prateados girando no centro.

Ele faz careta ao cheirar.

— **Você bebe isso e começa a se lembrar... ou vamos ter mais noites de chá, lareira, e você morando aqui de graça.**

Ele suspira, aceitando a taça.
— **Tudo bem... Eu até estava gostando de ficar aqui.**

Ele levanta a taça... e faz uma pausa, olhando pra bebida.
— **Você quer se livrar de mim, é isso?**

— **Eu?!** finjo ofensa. — **Eu só quero meus banhos de madrugada em paz, sem ouvir gritos de dragão!**

— **Ok... lá vai.**

Ele fecha os olhos, inspira fundo... e bebe tudo em um único gole. Seu rosto se enruga todo numa expressão de nojo e ânsia de vômito. Então ele engasga levemente, tosse, os olhos se arregalam.
— **Isso tem gosto de chá vencido com perfume de planta do pântano!**

— **Perfeito, então está funcionando.** Respondo fingindo plenitude, afinal é segunda vez que faço essa poção, a primeira foi na escola de magias de Valedorne e a pessoa apenas vomitou e ficou toda roxa.

Sorrio, enquanto o brilho suave da poção reflete nas bochechas dele, agora levemente coradas. Ele se senta no tapete de novo, os olhos meio turvos, e diz: — **Tá tudo girando...**

Me sento a sua frente, observo ele com atenção e digo:
— **Vamos ver se a luz da lembrança vai te encontrar.**

E assim, no calor da madrugada, com a lareira acesa e Costelinha cochilando no tapete junto de seus irmãos...
Observo a magia começando a agir, o corpo dele começa a tremer levemente, como se estivesse prestes a explodir, enquanto eu calmamente bebo meu chá.

Os olhos fechados se movem rápido, em espasmos sob as pálpebras. Ele desmaia com as veias de seu rosto e pescoço saltatas. A poção está agindo. A magia está remexendo o fundo da alma, procurando memórias.
Eu sigo sentada em silêncio, anotando tudo mentalmente. Costelinha, Balder e Tyr ao meu lado, cochilando.

Trinta minutos se passaram.
E então... ele desperta.
Arfando, como se tivesse sido arrancado de um mergulho profundo.

Os olhos dele se abrem de repente, assustados, e um brilho branco atravessa suas íris por um breve segundo. Ele tenta respirar, tosse e fica de joelhos diante da lareira. A testa toca o chão, os braços caem ao lado do corpo, como se o peso da lembrança fosse demais.

— **Que loucura toda foi essa...?** ele diz, a voz rouca. — **Que dor de cabeça absurda...**

Aproximo-me devagar e me ajoelho ao lado dele.
— **Ei... calma, respira. Tá tudo bem. Você tá aqui, comigo. O que você viu?**

Ele vira o rosto, suando, os olhos semicerrados, ainda ofuscado pela luz da lareira.
— **Eu... me lembro**, murmura, com esforço. — **De quem eu sou...** Tossindo... ele respira fundo. **E do motivo de ter caído aqui.**

Toco o ombro dele com delicadeza.
— **Então me conta**, e entrego a ele um copo de água.

Ele se endireita, ainda ajoelhado, bebe a água devagar, com os olhos fixos nas chamas.
— **Eu sou... ou melhor, nós somos, uma espécie que quase ninguém mais acredita que existe. Os dragões. Mas não os que atacavam vilarejos... essas histórias dos humanos são distorcidas. Por séculos fomos caçados, pelo nosso sangue.**

Franzo o cenho, atenta — **Sangue?**

Ele assente, olhando de lado pra mim.
— **Nosso sangue é... ouro. E tem propriedades mágicas raras. Uma pessoa idosa, pode rejuvenescer anos, com uma única gota, curar doenças, fortalecer encantamentos, dar vitalidade a magos no fim da vida. Podendo trazer alguém a vida novamente, só funciona dentro dos dez primeiros minutos em que o corpo se apaga. Vele muitas moedas de ouro e por isso... fomos perseguidos. Tudo tem um jeito certo de se usar, eu ainda não lembro bem como usa e seus efeitos.**

Ele suspira e com as mãos na cabeça que ainda segue latejando. — **Os mais jovens foram capturados e mantidos em laboratórios em reinos sombrios, muitos e muitos anos atrás. Alguns vendidos como escravos mágicos. Os anciões... mortos. Aos poucos, nos escondemos. Criamos um mundo à parte... uma fenda entre os planos. E lá, vivemos por eras, isolados.**

Levo a mão à boca, chocada, com os olhos marejados.
— **Mas você... fugiu?**

— **Fugi, mas não por rebeldia ou maldade.** Ele me olha diretamente agora. Com seus olhos de dragão intensos e doloridos. — **Eu quebrei a barreira. Eu queria ver o mundo. Entender por que tínhamos que viver com medo. Eu queria mudar as coisas.** Ele desvia o olhar.

— **E quando sobrevoava uma cadeia de montanhas... fui atacado. Eles estavam lá. Me esperavam. Caçadores de dragões ainda existem, Elara. E agora... sabem que existe uma barreira. Eu estraguei tudo.** Ele fala chorando com suas mãos cobrindo o rosto.

Engulo em seco.
— **Isso soa um pouco estranho, é como se esparassem um de vocês sair.**

— **Acho que alguém do meu povo me traiu ou fui seguido. Só sei que, quando fui atingido por aquelas flechas encantadas, caí. Perdi a consciência. E... acordei no seu tapete.**

Ele solta uma risada sem humor, em sua face explodindo dor e tristeza. — **Não é uma história muito heroica, né?**

Acaricio seu rosto com a palma da minha mão.
— **Não é sobre heroísmo. É sobre sobrevivência.**

Sento novamente ao lado dele, desta vez mais próxima e o abraço.

— **Obrigado...** ele sussurra.

— **Por quê?**

— **Por não me tratar como um monstro.**

Olho nos olhos dele e respondo com firmeza:
— **Você caiu no meu jardim, literalmente, sangrando, pelado e confuso. A primeira coisa que fez foi me assustar, não por ser um dragão, mas porque eu vi um dragão despencando do céu e, quando cheguei lá, tinha um homem nu no lugar. Depois disso, você me fez rir e ainda ajudou no café da manhã. Isso é o mais longe de um monstro que eu já conheci.**

Sorrio, tentando descontrair o clima com meu senso de humor.

Ele sorri, pequeno e honesto.
Balder encosta a cabeça na minha perna. Tyr se deita ao lado dele. E Costelinha... agora cochila no meu colo, como se soubesse que, por ora, tudo está bem.

Suspiro, olhando o fogo.
— **Então... você tem um nome?**

— **Tenho**. Ele diz, com voz baixa. — **Me chamo Eryon.**

Repito, como se testasse o som:
— **Eryon... Bonito nome, combina com você.**

— **E você... Elara, a bruxa excêntrica que fez você beber uma coisa roxa com um gosto horrível, durante a madrugada!**

Rimos juntos, dessa vez com alívio.

— **A minha cabeça está explodindo. Ele coloca as mãos na cabeça de novo.**

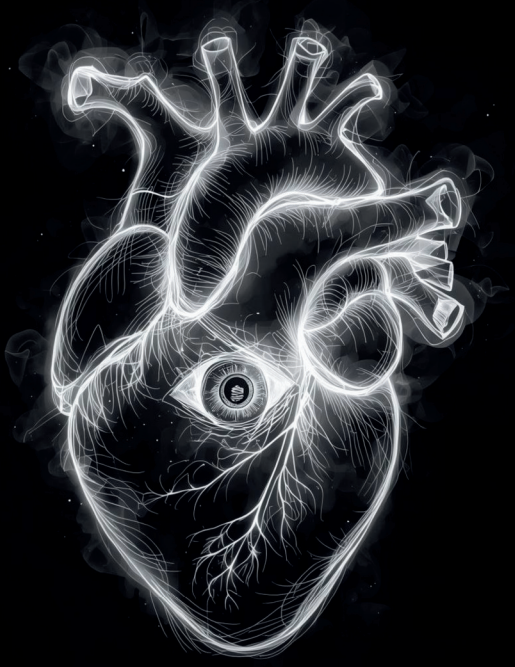
Pego uma almofada e a coloco no chão, perto da lareira. Ele hesita por um instante, mas o corpo parece ceder antes mesmo da vontade.
— **Descansa um pouco aqui.**

Ele se deita devagar, a cabeça repousando sobre a almofada, o rosto suavizado pela luz quente do fogo. Com outra almofada deito-me ao seu lado, o Costelinha se aninha em cima da barriga dele, Balder e Tyr se deitando próximos a mim. Eu começo a cantar, uma canção que o faz adormecer, ele fecha os olhos e eu observo dormir...
Sem perceber, adormeço também.



Capítulo

SENTIMENTOS





A luz suave da manhã esgueirava-se pelas janelas da sala, filtrada pelas árvores dos pinheiros. O fogo da lareira agora era só brasa, embora ninguém tivesse lembrado de apagá-la. Tudo estava quieto.

No tapete da sala, eu e Eryon dormimos. Costelinha estava enroscado nos meus pés, Balder e Tyr deitados colados ao nosso corpo. O calor me acordou primeiro. Depois, o peso em volta da minha cintura, abri os olhos devagar e dei de cara com Eryon dormindo à minha frente, o rosto relaxado, a respiração tranquila. Fiquei observando por alguns segundos. O jeito como o cabelo caía sobre a testa.
Olhei para baixo e vi o braço dele envolta da minha cintura, firme, natural, como se tivesse sido assim a noite inteira.
Voltei o olhar para o rosto dele. No mesmo instante, os olhos dourados se abriram. Por alguns segundos, fiquei presa naquele olhar... então ele sorriu.
Sentei rápido, me afastando envergonhada de algo que nem aconteceu.
— **Bom dia**, disse.

— **Bom dia**, ele responde, sorrindo para mim.

— **Eu... vou fazer café**, digo, mexendo nos cabelos longos e bagunçados, prendendo uma mecha atrás da orelha. — **E alimentar os meninos. E reforçar os feitiços de proteção do vale...**
Me levanto, ainda com os cabelos emaranhados, a camisola de seda preta toda torta e os pés descalços tropeçando no próprio tapete.

— **Eu posso ajudar**, ele diz, também se levantando. — **O que eu faço?**

Olho pra ele por um segundo, ainda tentando me recompor.
— **Só... prepara a mesa. À moda antiga. Sem magia, por favor. Vai ser... bom.**

Enquanto preparo as tigelas com carne cozida e frutas para Balder, Tyr e Costelinha, Eryon ajeita a toalha sobre a mesa de madeira rústica, posicionando as xícaras, pratos e talheres e a comida ao centro, tudo preparado... agora é só comer.
Os cães correm até seus potes, abanando os rabos. Costelinha solta um latido minúsculo e feliz.

Nos sentamos à mesa logo depois. O clima é calmo, um pouco silencioso. Comemos devagar, falando só o necessário.
— **Dormiu bem?** pergunto.

— **Eu dormi muito bem, e você?**

— **Também,** respondo, colocando um pedaço de pão na boca para evitar qualquer comentário desnecessário.

— **Minha dor de cabeça passou. Obrigada por cantar ontem à noite... eu apaguei.** Ele disse de maneira doce e sorridente.

— **Eu vou tomar um banho,** digo, me levantando da mesa após comer rapidamente. — **E tirar essa camisola.**. só queria subir, tomar banho, me arrumar e me sentir mais bonita

— **Eu também vou**, diz Eryon, se esticando com um bocejo.
— **Essa camisa e braga de dragões que você me deu é... adorável, mas eu não sei se combina com minha vibe de criatura lendária.**

— **A sua vibe combina com qualquer coisa, inclusive isso.** Disse apontando o dedo para a camisa de linho.

Rimos juntos, ainda com aquela sensação estranha do despertar. E então subimos, cada um pro seu quarto, cada um pro seu banho.

Entro no banheiro, e margo o espelho encantado que insiste em me elogiar com sua voz suave.

— **Bom dia, linda dos cabelos de luar**, diz o espelho.

Sorrio de canto, mas não consigo disfarçar o nervosismo.
— **Estou um pouco... nervosa hoje, Margo.**

O espelho vibra levemente curiosa.
— **Nervosa? E por quê, minha bruxa encantadora?**

Respiro fundo, tirando a camisola.
— **É possível... uma bruxa se apaixonar por um dragão?**

Margo brilha num tom rosado, e a voz sai em puro deboche encantado: — **Se for o homem-dragão que estou vendo peladinho no outro banheiro... pode sim. Até eu, se tivesse boca, o beijaria.**

Dou uma gargalhada, cobrindo o rosto.
— **Margo! Você não presta!**

— **Eu apenas observo e relato, querida. E o que estou vendo é digno de poesia.**

Rimos juntas, e a tensão no peito se dissolve um pouco. Entro na banheira com água morna, vou ençaboando braços, barriga, pernas e cantarolando.
Quando termino, o espelho suspira num tom teatral.
— **Boa sorte, minha doce Elara.**

— **Obrigada, Margo**, digo, enrolando a toalha no corpo.
— **Mas não conta nada pra ele. Sei que deve estar falando com ele também!**

— **Eu? Jamais.** O espelho vibra com sua risada
— **Espelhos têm reflexos... não segredos.**

— **Se contar, eu lanço um feitiço para te deixar muda por uma semana**, digo sorrindo e indo para o quarto.
O espelho volta ao normal.

Enquanto isso no andar de cima....



(Eryon)

Tudo é perfumado com ervas secas, tudo é cheio de magia, sou do tipo que observa tudo, mas não julga. O espelho, grande e oval, tem uma moldura de madeira escura com pequenos cristais embutidos. Assim que fecho a porta, ela fala comigo novamente, com sua voz suave e debochada.

— **Ora, ora... não é todo dia que um dragão entra pelado no meu campo de visão,** diz Margo.

Eryon arqueia uma sobrancelha.
— **Você é cheia de graça... igual a dona da casa.**

— **Hm, claro que sou**, responde Margo, ofendida e vaidosa ao mesmo tempo. — **Fui criada por ela, querido. Metade da minha beleza vem da bruxa, e a outra metade da minha própria personalidade brilhante.**

— **E preciso dizer... belo abdômen.**

— **Ei!** jogo uma toalha por cima do espelho. — **Não é educado espiar banhos alheios.**

— **Sou um espelho mágico, dragão. É literalmente o meu trabalho.**

Eryon ri baixo, o som grave misturando-se ao barulho da água.
— **Agora entendo por que essa casa parece viva.**

— **"Parece"?** retruca o espelho, debochada. — **Nós somos vivos. Cada pedra, cada chama, cada sombra. Ela fez assim pra nunca se sentir sozinha.**

Fico em silêncio por um estante dentro da banheira, com a água escorrendo pelos cantos da banheira e caindo no chão, o vapor rodando em volta de mim como névoa.

— **Ela parece solitária**, murmura ele, mais pra si do que pro espelho.

— **Parece, mas não é**, responde o espelho, com uma voz mais suave.
— **Só guarda demais o que sente.**

O dragão solta um leve suspiro.
— **Então somos parecidos.**

A margo solta um riso e o vidro vibra.
— **Cuidado, escamas de ouro. Ela é mais perigosa do que parece.**

— **Isso não é um aviso, é um convite**, sorrio de canto, pegando a camisa.

— **Haha!** o espelho ri, sua superfície tremulando de leve.
— **Boa sorte, dragão. A última criatura que disse isso acabou virando sapo.**

Dou uma risada curta tirando a toalha do espelho.
— **Então espero que ela beije sapos.** Encaro olhos borrados e um fundo turvo.

Margo suspira teatralmente.
— **Ah, o flerte interespécies... adoro quando o amor ignora as regras.**

Antes de sair, margo diz num tom brincalhão:
— **Boa sorte, escamas de ouro. Você vai precisar.**

— **Obrigado, espelho fofoqueiro.**

Enquanto isso, Elara veste seu vestido e penteia o cabelo.
No andar de cima, Eryon passa a mão pelos cabelos molhados e solta um suspiro.

Dois corações batendo em andares diferentes.

(ELARA)
Mais tarde, saio pela porta dos fundos com os três cães atrás de mim. Estou com um vestido novo, bordo escuro.

— **Fiquem perto**, digo a eles. — **Hoje eu vou reforçar as proteções novamente. Incluindo contra...** olho por cima do ombro, — **dragões.**

Eryon me segue a distância, observando.
Caminho até o centro do jardim extenso, onde as flores crescem em espiral e os pinheiros ao redor que tocam o céu. Ergo minha varinha de madeira.

— **Umbrae silvarum, lumen domus, protege meam familiam.**
Invo novam murum
(contra ferros, contra fogo, contra asas e olhos, proteja minha família de tudo que veem.)

O vento sopra mais forte. As folhas se erguem. E diante dos olhos dele, uma luz mágica sobe e percorre a barreira já existente, cercando todoo vale.

— **Uau...** ele diz, se aproximando. — **Você acabou de me banir da sua casa?**

— **Eu só tô me protegendo, já tinha feito escondida, agora só reforçando.** Sorrio de canto. — **Nunca se sabe quando um dragão vai cair do céu no seu jardim.**

Rimos. Balder late como se aprovasse.
— **Agora temos que pensar em como você vai sair e ajudar seu povo** digo, mais séria.

— **Eu não posso entrar naquela fenda na forma humana,** ele responde. — **Só dragões atravessam. Mas se eu me transformar aqui, corro o risco de atrair caçadores. Eles podem sentir o cheiro do nosso sangue, nossa pele, nossos dentes...**

— **Mas você não se lembra do caminho, certo?**

— **Ainda não. Só fragmentos. Céu. Montanhas. Gritos e o que eu te contei.**

Me aproximo e toco o ombro dele.
— **Você vai se lembrar, Eryon. Só não se cobre tanto. Já lembra mais do que há dois dias.**

— **E se eu não lembrar a tempo?**

— **Você vai! mas se não... ficamos comendo ovos mexidos com pão caseiro de bruxa e lidamos com isso depois.**

Balder late de novo. Tyr se deita entre nós, como se dissesse: "Vamos resolver. Com calma." E Costelinha... bem, ele tá latindo para o regador.

O vento passa suave, balançando meus cabelos e fazendo o vestido se mover. Eryon não diz nada, mas me olha como se fosse a primeira vez que realmente enxergasse quem eu sou.
Não só uma bruxa excêntrica. Mas alguém que lhe deu um lar... mesmo sem saber quem ele era.



Depois de reforçar os feitiços e conversar com Eryon sobre as memórias dele, sigo com as tarefas do dia. Ele insiste em me acompanhar, ainda tentando se sentir útil. Caminho entre os canteiros com uma cesta no braço, regando as plantas com o regador encantado.

— **Se quiser ajudar, pode varrer a varanda.** digo, sem olhar pra trás.

— **Claro, vou varrer**, ele responde, indo até o canto onde guardo as vassouras.

Ouço o som grave raspando no chão e, quando me viro...
— **Essa não!** grito, rindo. — **Essa é a que eu voo! Respeita meu meio de locomoção!**

Ele ergue as mãos, rindo.
— **Então é essa a sua vassoura?** Pergunta ele olhando curioso, subindo nela e falando. —**Voaaaa.**

— **Essa é a minha vassoura e você não vai conseguir voar, cada vassoura é feita no dia do seu nascimento com seu sangue, então ela só funciona comigo... e outra, você tem asas enormes não precisa de uma dessas. Agora pega a vassoura verde, que é de varrer o chão.**

Valhentir solta uma grande gargalhada. Soprando mais folhas até a varanda.

— **Hey,Valhentir, isso não é justo**, diz ele emburrado varrendo as folhas.

Enquanto ele varre, preparo pomadas pra gnomos com reumatismo, infusões pra fadas com insônias e um sabonete líquido de hortelã que um espírito da floresta encomendou, disse que os sabonetes humanos são “agressivos demais”.
Mais tarde, caminhamos até o pomar. As maçãs estão vermelhas e brilhantes.
— **Essa vai render a melhor torta da temporada!** Falo para Eryon, enquanto ele pega as maças e as coloca na cesta.

— **Estou curioso para provar**. Diz ele erguendo seu braço para pegar mais uma maça no alto.

Cesta cheia, hora de voltar. Observo Eryon carregando as duas cestas repletas de maças, tão vermelha e brilhantes, parece que alguém as ilustrou antes de chemargarmos lá. Balder e Tyr caminham ao seu lado, eu caminho mais devagar com o Costelinha no colo, cochichando em seu ouvidinho:
—**Você gosta dele? Eu também acho que estou gostando.**
Dou um sorriso travesso, e sigo caminhando.

Enquanto preparo a massa na cozinha, ele fica brincando com os cães no jardim. Tyr corre como se fosse um filhote, Balder finge cansaço só pra ganhar carinho, e Costelinha tenta escalar Eryon como se o homem fosse uma montanha. Observo pela janela, com sorriso nos lábios.
Eles já amam você..., penso.
E eu... começo a entender por quê.

Mais tarde, enquanto caminhamos até o jardim, com algumas palavras sussuradas, a toalha quadriculada voa pelo ar e nos passa, repousando no gramado. Tudo vai saindo pela janela da cozinha, pratos, garrafas, guardanapos voando e se posicionando sozinhos. E Eryon olhando impressionado, tudo voando pelo ar e se pocisionando antes mesmo de chegarmos, enquanto ele carrega a torta.
Sentamos na toalha estendida sobre a grama, cercados pelos cães, tomando chá gelado de hortelã e comendo a torta.

— **Essa torta tem gosto de infância**, ele diz, fechando os olhos.

— **E a minha teve gosto de responsabilidades demais**, respondo, brincando com a colher. — **Já que está nostálgico... lembra de mais alguma coisa?**

Eryon apoia os cotovelos nos joelhos e olha o céu.
— **Alguns fragmentos. Lembro de um ritual de voo. Eu era jovem. Da primeira vez que soltei fogo... era como cuspir o próprio coração em brasa. Mas também lembro do ancião dizendo: "somos os últimos. Guarde sua luz."**

— **Pesado...** digo, olhando pra xícara. — **Posso te contar uma coisa?**

— **Claro.** Disse ele mordendo um grande pedaço da torta.

— **Você me contou um pouco do seu motivo quando fugiu.., e eu entendo. Eu também fugi, como no dia que te contei no lago, só não contei tudo.**

Ele me olha curioso, então continuo:

— **Meus pais são reis bruxos poderosos. Vivem em Valedorne, o reino onde tudo é aparência, status e postura impecável. Lá, até o modo de mexer o caldeirão é uma questão de etiqueta, ninguém ri alto, ninguém erra um feitiço. E ninguém... é livre.**

Pego um pedaço de torta com os dedos, distraída.

— **Me ensinaram que bruxas de linhagem devem seguir tradições. Casar com alguém poderoso, unir poder com outro clã, manter o nome da família e ter filhos cada vez mais poderosos. E eu... fugi na véspera do casamento.**

Eryon arqueia uma sobrancelha, surpreso.
— **Fugiu porque não queria casar?**

— **Fugi porque não queria me apagar**, respondo, sem hesitar.

— **Fugi por tudo**, suspiro, olhando pro horizonte. — **Não queria me casar com um velho bruxo que parece um sapo, só porque ele tem magias impecavelmente fortes e pertence ao clã da minha linhagem. Basicamente, um parente distante que meus pais achavam ideal pra "preservar o sangue poderoso da família".**
Faço aspas no ar e reviro os olhos.

— **Traduzindo... eu deveria virar esposa de um ancião enrugado com cheiro de pergaminho queimado... só pra manter o status de Valedorne intacto e ser a bruxa perfeita que eles criaram.**

Mas eu gosto das minhas imperfeições também.



Queria ser... eu. E descobrir o que isso significa, sem uma multidão me dizendo o que devo ser.

— Fugi. Fiz minha própria casa, chamei meus feitiços, e criei minha bolha encantada. Agora sou uma bruxa de meia tigela com três filhos caninos e um dragão no jardim de casa, tirando as outras criaturas...
Rimos juntos.
— Ufa, foi bom vomitar todas essas palavras, Estou até mais leve, respondo com um leve sorriso e dou uma mordida na torta.

Eryon me observa, com seus olhos dourados cintilando.

— Deve ter sido insuportável viver num lugar assim, ele diz, com um meio sorriso. **— Ainda mais você... que gosta de andar descalça, cheia de gracinha, correndo por aí com cachorros.**

— Meus pais morreriam de desgosto ao me ver com os cabelos bagunçados, vestidos amassados e descalça correndo por aí com três cachorros do mundo humano.
Dou uma risada curta, balançando a cabeça.
— E você? Fugiu só por curiosidade mesmo?

Ele se inclina um pouco pra frente, o tom de voz mais baixo, quase pensativo.
— Eu fugi como te contei... quando comecei a lembrar, queria ver o mundo. Achava que todas as histórias eram só lendas. Mas, no fundo, eu ainda não sei quem sou lá dentro... ou quem são meus pais. pausa, com um leve sorriso torto.
— Acho que vou precisar de mais uma daquelas poções com gosto horrível.

Gargalhamos juntos, e por um instante, o ar entre nós ficou leve... como se o peso dos reinos, dos nomes e dos passados tivesse se dissolvido ali.



Capítulo
A FÊNIX





O sol começa a se pôr. O céu fica rosa e dourado.
Tyr ressona, Balder lambe a pata, e Costelinha está deitado no colo de Eryon, todo dono da situação ganhando carinho.

E então... um som. Estalido de galhos.
Endireito o corpo num segundo.

— **Meninos... farejem.**
Os três se levantam juntos, focinhos erguidos e corpos tensos. Seguimos até os arbustos. Tyr rosna baixo, Balder fica imóvel, Costelinha com seu pequeno corpo, fica em posição de que encontou algo, rabo reto, corpo ereto e uma das patas da frente levantadas, nos apontando a direção.
E ali, entre as samambaias quebradas, vejo um animal mágico ferido.
Uma fênix, criatura rara, de asas flamejantes. Está quase sem brilho.

— **Uma fênix...?** me agacho perto dela. — **O que aconteceu com você?**
A criatura treme nas minhas mãos, as penas perdendo as chamas, os olhos quase se fechando.
Ela força a respiração, a voz fraca sai baixinho.
— **Caçadores... por todos os lados... sabem que você está aqui...**

Antes que eu pudesse responder, uma centelha azulada acende sob suas asas. O corpo começa a se desfazer em cinzas, que flutuam no ar.

O corpo de Eryon começa a brilhar por dentro, como se ele tivesse engolido o sol. As veias ardem em vermelho, a pele treme, o ar esquenta.

— **Eryon... não, eles vão nos encotrar**, sussurro, me aproximando.

O calor é tão intenso que a palmas das minhas mãos queimam ao tocá-lo. Tyr e Balder latem sem parar. Costelinha choraminga. Mas eu não hesito. Envolvo os braços ao redor dele, mesmo com a pele queimando.

Seguro firme e falo perto do seu ouvido:
— **Está tudo bem. Eu tô aqui. Não se transforma agora... ou eles vão nos encontrar e quebrar a barreira.**
Passo a palma da mão no rosto dele, firme, sem soltar.
— **Fica tranquilo, Dragão. Eu tô aqui.**

Pouco a pouco, a luz dentro dele apaga. O brilho nas veias some.
Ele cai de joelhos, respirando com dificuldade.
— **Me desculpa... eu perdi o controle...**

— **Primeiro, precisa se lembrar de tudo**, digo, olhando pra ele.
— **Se agir antes da hora, vai acabar matando todos nós... e destruindo tudo o que eu construí aqui, e nem se quer estamos preparados para isso.**

— **Me perdoa...** ele murmura, cabisbaixo.

— **Eu perdoo.** Digo acariciando seu rosto.

— **Obrigado... por me segurar.** Ele agradece com os olhos marejados.

— **De nada. Tirando o fato que quase cozinhei meus peitos nesse abraço, e meus braços estão com queimaduras leves, está tudo bem!**
Disse tentando quebrar o clima.

Ele solta um riso fraco, mas sincero.
— **Você nunca para com essas tiradas, né?**

— **Nunca. É meu jeito de não enlouquecer. E de manter todo mundo sorrindo. Até dragões à beira de combustão.**

Os cães se aproximam novamente, mais calmos. A noite cai sobre a floresta, e o vento é morno. Ficamos ali, até que...

As cinzas da fênix tremulam sobre o solo, espalhando um brilho quase imperceptível. Uma brisa suave percorre o ar, girando em torno do pequeno monte de cinzas. As folhas do chão se erguem junto, e o brilho se intensifica, primeiro âmbar, depois dourado, depois branco. Quase nos cegando. Cobrimos os olhos e começamos a escutar um som delicado, de uma harpa distante e o estalar de uma fogueira. A luz diminui e conseguimos olhar novamente. As cinzas começam a se mover, rodopiando em espirais, formando uma pequena tempestade de luz.

E então... nasce uma chama azulada, que se abre em pétalas de fogo, revelando o contorno de asas. As chamas se moldam, se alongam, se curvam, até que ali, flutuando sobre o nada, surge a nova fênix.
Suas penas são chamas, alternando tons de cobre, azul e ouro conforme o bater das asas. Cada movimento deixa rastros cintilantes no ar.

Os cães se deitam, como se soubessem estar diante de algo divino. Eryon observa em silêncio, os olhos dourados refletindo o fogo celeste.
A fênix dá uma última volta sobre nós, soltando uma chuva de faíscas que tocam nossas peles, é suave, mas não queima.
Ela já não se lembra mais o que viu em sua vida passada.
Então ela dispara para o alto, para dentro da floresta e desaparecendo entre os pinheiros.

A noite já se assentou sobre a floresta como um manto espesso. O caminho de volta é silencioso. O vento carrega o perfume das árvores e das flores noturnas, e o céu está estrelado. À margem da trilha, as flores começam a se abrir. As pétalas liberam um brilho, cada uma na sua cor, elas brilham o suficiente apenas para destacar o caminho. Quando passamos, elas se fecham devagar. Mais adiante, borboletas com asas luminosas surgem entre os arbustos.



As asas tem luzes brancas, criando pontos brilhantes no ar. As árvores se movem com cuidado. Galhos baixos se afastam quando nos aproximamos.

Quando chegamos, a casa está morna, abraçada pela luz suave da lareira. Gravetos estalam, lançando pequenas fagulhas no ar. Tyr e Balder se acomodam perto do tapete, enquanto Costelinha se enrola aos meus pés, soltando um suspiro preguiçoso. Nos sentamos diante do fogo, eu e Eryon, cada um com um graveto na mão. Na ponta, pedaços de pão doce tostam lentamente, a crosta ficando dourada enquanto o interior permanece macio. Ao lado, um pequeno pote de mel aquecido repousa perto das brasas, perfumado com especiarias que preparei mais cedo.

— **Sabe...** ele diz, observando o fogo com o olhar distante
— **acho que estou começando a lembrar de mais coisas.**

Levanto o olhar, curiosa. — **Lembranças boas ou ruins?**

— **Um pouco dos dois...** ele suspira. — **Lembrei da minha mãe. Ela tem a pele pálida, longos cabelos vermelhos ondulados, é bonita e tem olhos dourados como os meus... Ela me disse que nosso sangue pode curar, mas também enlouquecer quem não fosse digno, por isso muitos humanos ganaciosos enlouqueceram ou queimaram de dentro pra fora.**

Arqueio as sobrancelhas, ainda segurando o pão doce fumegante.
— **Ah, ótimo. Além de quente e gostoso, ainda é potencialmente explosivo.**

Ele ri, um som baixo, rouco.
— **Eu queria ter dado uma gota à fênix. Mas eu não sei o que poderia acontecer... eu não lembro.**



— **Ela renasceu, está bem.** digo, sorrindo de leve. — **Depois me dá um pouquinho do seu sangue? Vou guardar num frasco e depois fazer um experimento. Como disse antes, eu sempre pego algo em troca.**

Eryon ri, inclinando-se um pouco mais perto.
— **Posso sim. Considere meu presente de agradecimento... por me acolher, me cuidar... e me impedir de incendiar a floresta.**

— **Um pagamento excelente**, respondo, erguendo o graveto.
— **Aceito.**

Coloco o graveto de lado, apago a ponta nas pedras da lareira e me levanto devagar. Minhas mãos já sabem o caminho. Vou até a cozinha, abro o armário e pego o estojo de madeira entalhada. Dentro, tudo está no lugar, separado em pequenas divisórias forradas com tecido escuro. Volto para o tapete.
Sento-me de pernas cruzadas, frente a frente com ele. A luz da lareira dança sobre nossos rostos.
Baixinho, como quem avisa uma criança:
— **Vai doer um pouquinho.**

Ele faz uma careta divertida, mas concorda. Apoia o antebraço sobre a minha perna, expondo a veia já marcada pelo calor do fogo, o que facilita o trabalho. Umedeço um pano em água morna misturada com ervas maceradas e limpo a pele com cuidado, retirando a sujeira e aquecendo a região. Só então abro o estojo.
Retiro uma agulha fina, bem polida, e um pequeno frasco de vidro. A ponta da agulha reflete a luz do fogo por um instante.
Respiro fundo. Murmuro uma palavra curta na língua antiga, usada para acalmar o corpo. Seguro firme e perfuro com precisão, rápido, no ponto certo. Ele contrai a boca por um segundo, um som baixo escapa. Logo depois, o sangue dourado começa a escorrer, espesso e luminoso, caindo no frasco como metal líquido aquecido. Mantenho a mão firme.

Olho nos olhos dele por um segundo, sorrio com leveza e digo nada. Volto a atenção para o frasco. O sangue sai em quantidade, constante, mais do que eu esperava. O primeiro vidrinho logo se enche. Troco com cuidado, aproveitando o fluxo, e deixo que outro frasco receba o restante.
Encho dois vidros pequenos até que o líquido alcance mais da metade. Dentro deles, redemoinhos dourados se formam e se desfazem lentamente, como se o sangue ainda guardasse movimento próprio. O cheiro que sobe é de metal fino misturado a mel quente.

Limpo o pequeno furinho no braço de Eryon com uma compressa e aplico uma pomada de raiz refrescante, e coloco um pequeno curativo.

Pego os frascos com calma, enquanto murmuro uma fórmula curta de conservação: “Rádix vitae, tenue serva.” O líquido responde, o brilho aquieta-se como se estivesse selado. Fecho os frascos com rolhas de cortiça, selo com cera rústica usando o calor de um gargalo de vela, e com a pena preta escrevo as etiquetas. Sangue de Dragão, aviso em letras pequenas logo abaixo, cura e pode trazer alguém à vida. OBS: dentro de 10 minutos. Pego cuidado para que a caligrafia fique firme.

Ele me olha e solta um riso cansado.
Guardo um dos frasquinhos na caixa, no compartimento acolchoado, e seguro o outro entre os dedos por um instante, sentindo o calor vindo de dentro. Coloco o kit ao lado, arrumo a etiqueta reta, levo tudo para meu armário. E guardo com muito cuidado meu presente de dragão.

Costelinha vira o focinho para nós, curioso; Balder e Tyr já roncam quase sem som.



Troco um olhar com Eryon, cheio de coisas não ditas.

Eu me encontro perdida em meus pensamentos, a lareira crepita baixinho. O ar está quente, pesado... não de perigo, mas de algo que eu não sei nomear ou que talvez eu saiba, mas não quero admitir.
Ele recosta a cabeça no encosto do sofá por um instante, o peito subindo lentamente, está cansado para manter a postura rígida que tanto tenta sustentar.

— **Você está... cansado**, digo, num sussurro que não precisava sair tão suave.

— **E você... está pensando demais**, ele responde, com aquele tom grave que parece arranhar por dentro.
Dou um sorriso de canto, forçando leveza.

— **Pensar é meu esporte preferido**.

— **Eu percebi**.

Silêncio outra vez, um pouco diferente...
Os cães já dormem espalhados pelo tapete, inocentes enquanto o mundo gira e ameaça desabar lá fora.

Ando até a janela, abro um pouco a cortina, a névoa da noite está mais densa, rondando como se procurasse brechas. Tocando a lateral da janela com os dedos. Os pinheiros rangem com um aviso que só bruxas entendem. Observo Velhanthir dormindo, logo despertará assim que as luzes da casa se apagar.

— **Eles estão vindo...** murmuro sem querer deixar escapar em voz alta.
Sinto o peso do futuro me apertando o peito. A barreira ainda não vibra, sinal de que os caçadores ainda estão longe, mas meu instinto... ah, esse nunca falha.

— **Eles já estão perto?** Perguntou Eryon, com um olhar de culpado.

— **Eu sinto que estão.** Olho para a barreira da janela. — **Mas em alguns dias... talvez menos...eles vão sentir a magia daqui. Vão seguir o cheiro.**

E penso comigo, eu não sei como vou proteger a todos se a barreira falhar. Um arrepio sobe pela minha nuca. Ele me observa quieto e atento. Como se estivesse esperando eu despencar... ou pedir algo.
E eu...
Eu só queria uma pausa. Só um instante de paz antes que o mundo nos engolisse. Começo a pensar de maneira positiva... eu sou uma das bruxas mais poderosas depois dos meus pais e bom, ele é um dragão enorme, juntos podemos dar um jeito. Mas não quero pensar nisso agora.

— **Ei, Dragão...** digo com a voz mais leve que consigo. — **Vem aqui.**
Ele arqueia a sobrancelha, como se tentasse adivinhar alguma travessura.



Capítulo
A DANÇA





— **O que você está aprontando?** Ele pergunta.
Dou um giro leve com os dedos. A música começa, suave, brotando das tábuas da casa, uma melodia lenta e baixa... feita de notas suaves.

— **Dança comigo.**

Ele pisca como se não tivesse entendido.
— **Dançar?** Ele repete, como se isso fosse tão estranho quanto eu pedir para ele cuspir fogo dentro da casa.

— **A menos que sua espécie tenha alguma maldição contra passos coordenados, sim** , digo rindo, estendendo a mão. — **Vem antes que eu comece a pensar demais e fique completamente insuportável.**

Ele se levanta, olha para minha mão estendida.
Alto demais na minha frente.
Feral demais para aquele gesto tão simples.

— **Eu não sei dançar**, murmura.

— **Ótimo. Eu também não.** Digo com um piscar de olhos.
— **Vamos passar vergonha juntos.**

Ele solta um suspiro... e coloca a mão na minha. A pele dele é quente. Quente demais.
Quando ele me puxa pela cintura, o ar some dos meus pulmões. Sinto os músculos dele tensionarem, ou talvez tenha sido eu.

Começamos a nos mover devagar, abraçadinhos, meus braços em volta do seu pescoço, os braços dele em volta da minha cintura a cabeça dele encostada na minha.

Até que nos olhamos por muito tempo... tempo demais.
Ele ri, um riso rouco, cansado... mas lindo.
O tipo de riso que derrete paredes.

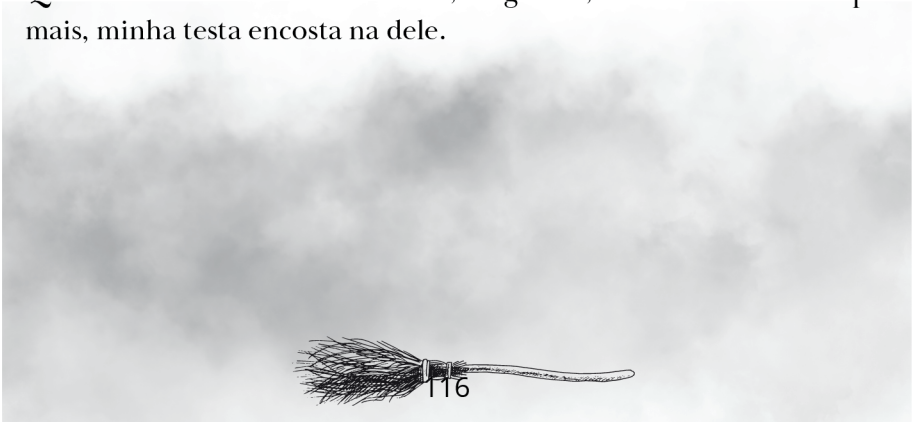
A mão dele sobe até meu rosto, devagar, como se temesse que eu fosse desaparecer. Ele afasta uma mecha de cabelo da minha bochecha, deslizando para trás da minha orelha, e meu coração bate tão forte que quase sacode meu próprio feitiço.

— **Elara...** ele diz baixo, quase num suspiro que eu não deveria ouvir.

E antes que eu possa responder ou fugir, ele me puxa com firmeza, seu corpo encontra o meu.
E o beijo... O beijo explode, inesperado, profundo e inevitável.

É como se fogo e magia e uma vida inteira escondida sob minha pele finalmente despertassem. Minhas mãos seguram forte seu pescoço e as dele apertam forte minha cintura.
E por um instante eu esqueço tudo, os caçadores, a barreira, o futuro incerto. Eu só quero aproveitar esse momento antes de morrer nas mãos de caçadores...

Sou só eu e ele.
E um universo inteiro entre nossas bocas.
Quando finalmente nos afastamos, ofegantes, confusos e famintos por mais, minha testa encosta na dele.



— **Eu não sei direito quem sou,** ele diz, a voz baixa, pesada de verdade.
— **Mas sei o que sinto.** Ergue o olhar até mim.
— **Eu quero eles seguro, eu sei que quero você segura. Mesmo que, para isso, eu tenha que me tornar tudo aquilo que o mundo teme. Se for preciso devorar os caçadores, um por um... eu devoro. Se tiver que queimá-los até não restar nada além de cinzas, eu queimo.**
Ele respira fundo antes de continuar.
— **E se depois disso me restar apenas o inferno... eu vou para lá sem hesitar. Desde que você esteja viva, desde que esteja protegida.**

— **E eu...** engulo seco — **quero que você viva para descobrir a vida que podemos ter juntos.**

Ele segura meu queixo por um instante, o polegar tocando minha boca e basta aquilo para quase me fazer perder o equilíbrio.
Meu corpo inteiro responde rápido demais, forte demais.

— **Elara...** ele sussurra, quase sem voz. — **O que você está fazendo comigo?**

— **Nada.** respondo, minha voz saindo mais baixa do que pretendia.
— **Ou tudo, não sei mais.**

— **Se eu te tocar de novo,** ele murmura — **eu não vou conseguir parar.**

Meu peito se aperta.
— **Então não pare.** Respondi olhando no fundo de seus olhos.

Não sei quem se moveu primeiro. Só sei que, quando percebi, sua boca já estava na minha novamente, e o beijo vem com muita intensidade e vontade.

As mãos dele deslizam pela minha cintura, pelos meus braços, pelas minhas costas. E eu o puxo para mais perto, muito mais perto. Tão perto que posso sentir o calor dele atravessando minhas roupas, queimando tudo que eu acreditava estar controlando. O beijo se move, se torna mais excitante, mais cheio. Ele me segura pelos quadris, me puxando com uma facilidade.

Seu corpo inteiro irradia calor, um calor que parece se moldar ao meu, que me envolve, que me derrete. Quando ele murmura meu nome contra minha boca.

— **Elara...**
— **Eryon...**

Ele desliza os dedos pela minha nuca, pela curva do meu ombro, pela linha da minha coluna.

— **Vem comigo**, ele sussurra, quase sem voz. Não há hesitação no meu corpo, nenhuma. Ele entrelaça os dedos nos meus e me guia até meu quarto. A porta se fecha atrás de nós.

A luz de fora invade o quarto pela janela, pintando o corpo dele em tons de sombra, ele parece esculpido à mão. Ele abre os botões do meu vestido... e puxa lentamente para baixo, o tecido cai, primeiro na minha clavícula, depois escorre por meus braços. Os olhos dele seguem o caminho, atentos, quase reverentes.

Eu puxo seu rosto para o meu e o beijo explode mais uma vez, mas ainda assim cheio daquela suavidade estranha dele, aquela que parece dizer eu poderia destruir tudo, mas nunca você.
As mãos dele passeiam pelo meu corpo nu, toques firmes, cheios de malícia. Ele me beija devagar, depois fundo, depois suave de novo.



Quando minha palma encosta em seu peito nu, eu finalmente sinto o que já imaginava: cada músculo marcado, rígido, quente, muito mais quente do que qualquer corpo normal.
Eu deslizo minhas mãos pelos os ombros dele, pela lateral do seu torso, pela linha do abdômen. E cada toque faz a respiração dele tremer um pouco. Ele fecha os olhos, como se meu toque fosse mágico... e de certa forma é!

Minha mão vai até o botão de sua calça, e quando eu a desço, devagar, Eryon prende meu rosto com as duas mãos e me beija de novo, mais profundo. Depois, num movimento firme e sem esforço, ele me ergue em seus braços, e me deita na cama.
Ele apoia uma mão ao lado da minha cabeça, o corpo pairando sobre o meu e por um instante, só por um instante, eu sinto o perigo e o desejo se misturarem. O corpo dele sobre o meu é calor puro.

Ele abaixa o rosto até meu pescoço, beijando minha pele, lento, íntimo demais para eu suportar sem tremer.

— **Você...** ele murmura, a voz tão baixa — **me elouquece...de um jeito que eu nunca pensei que fosse possível.**
Seu corpo se encaixa no meu com naturalidade, como se tivéssemos sido moldados juntos antes do mundo existir. Os dedos dele percorrem minha cintura, minha coxa, o contorno das minhas costelas. Ele beija meu ombro, minha clavícula, volta para minha boca, espalhando calor por onde passa.

Eu o abraço enquanto seu corpo está por cima do meu.
O corpo dele me queima de um jeito surpreendentemente bom, como se cada parte minha tivesse esperado para ser queimada por ele.

Ele me envolve com os braços, com o corpo, com o peso de seus músculos, como se quisesse me proteger até de mim mesma.
E ali, naquele quarto iluminado suavemente pela lua, com sua pele contra a minha, o mundo inteiro parece se dobrar.
Entre beijo e abraço, entre toques e suspiros, estavamos completamente entregues um ao outro.

Após um longo momento bem animados, nos aconchegamos na cama, abraçadinhos. O quarto está calmo, silencioso, envolto naquela penumbra azulada que só a noite consegue criar.
A luz da noite entra pela janela em fios prateados, tocando a cama, o chão, nossas pernas entrelaçadas... e desenhando o corpo de Eryon.
Ele está quieto, respirando devagar contra o meu pescoço, o braço pesado sobre minha cintura. Sinto o calor dele se espalhar por mim como um cobertor. Eu passo os dedos distraidamente pelos fios do seu cabelo.

— **Posso te perguntar uma coisa?** digo com a voz baixa, quase sussurrando entre o silêncio confortável.

— **Pode**, ele responde, preguiçoso, sem abrir os olhos.

Eu faço meu melhor tom sério, mesmo com o sorriso querendo escapar: — **Sua mãe sabe que você trata as mulheres com essa selvageria toda?**
Ele abre os olhos na hora.

Um sorriso perigoso se forma no canto da boca.

— **Não sei**, diz ele, inclinando o rosto até quase encostar no meu — **mas eu trato assim só quando eu vejo que ela gosta**.
Ele pisca descaradamente, lento e lindo.

E eu não resisto, começo a rir.
Ele ri também, baixinho, encostando a testa na minha.

— **Perigoso você**, murmuro, mordendo a boca, tentando não sorrir mais.

— **Você que começou**, ele responde, passando o dedo pela minha cintura.

— **Você ainda está quente demais**, murmuro.

— **Fogo interno**... ele responde, a voz baixa, sonolenta. — **Não desliga.**

— **Deve ser útil no inverno.**

— **E no verão você vai me expulsar da cama**, ele ri contra meu pescoço, fazendo cócegas.

Meus lábios se curvam sem eu querer.
— **Nunca expulsaria você da cama. Só... jogaria um balde de água.**

Ele ergue a cabeça lentamente, me olhando com aquele brilho âmbar que parece ver mais do que eu digo.

— **Você gosta mesmo de mim, né?**

— **Não**, digo séria. — **Eu só gosto de manter um dragão por perto para não passar frio à noite.**

Ele finge indignação, mas o sorriso entrega. Se aproxima, encostando a testa na minha.
— **Você está bem?** ele pergunta, num tom tão suave que quase dói.
Como se tivesse medo da resposta.



— **Estou**, acaricio o rosto dele devagar. — **Tô... calma. E você?**
Ele pensa por um segundo.

— **Desde que acordei naquela floresta... eu não sinto medo. Nem daquilo que eu perdi... nem do que eu posso lembrar... nem do que eu posso ser.**

Meu coração amolece inteiro.
— **E o que fez isso?** pergunto baixinho.
Ele beija a ponta do meu nariz, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— **Você.**
Sinto calor subir ao meu rosto, mas antes que eu diga qualquer coisa...

— **UUUUUUUUUUUUUUU...**
A gente olha um para o outro como dois culpados recém-descobertos.

— **uuuuuuuuuuu... uu...** Outro chorinho, mais sentido ainda.

— **Elara...** ele murmura — **seus filhos estão nos chamando.**

Eu cubro os olhos com a mão.
— **São os três chorando.**

— **Levanta!** Eryon rola para o lado, e nós dois levantamos, procurando nossas roupas entre cobertas amassadas e travesseiros jogados. Ele pega minha roupa do chão e estende para mim com um sorriso de canto.

— **Você deixou eles mimados demais.** Diz ele sorridente se vestindo.

— **Sou eu que mimei?** aponto para a porta. — **Foi você que os deixou dormirem no seu peito ontem à noite. Eles estão apaixonados por você.**

— **Eu apaixonado por vocês!** Ele diz tão rápido que nem percebe.

E eu sinto meu coração tropeçar. Vestidos, caminhamos até a porta. Quando abro...lá estão eles. Balder com o focinho prensado na madeira. Tyr sentado como se estivesse à beira da morte. Costelinha chorando como se tivesse sido traído profundamente.

— **Meus amores...** digo, ajoelhando enquanto eles invadem o quarto num turbilhão de pelo, amor e drama. — **Desculpa... desculpa a mamãe, eu estava ocupada.**

Eryon se agacha também, e os três pulam nele ao mesmo tempo, empurrando, lambendo, fazendo pequenos sons de indignação. Ele ri, completamente vencido.

— **Eu não sabia que eles eram tão ciumentos assim.**

— **Eles dormem comigo desde filhotes.** Dou de ombros. — **E agora acham que você está roubando o lugar deles.**

Tyr se joga de barriga para cima, implorando carinho. Balder enfia a cabeça entre as mãos de Eryon. Costelinha escala meu colo como um macaquinho.

— **Tá, tá... venham.** Digo, suspirando. — **Podem dormir com a gente. A cama é enorme, cabe todo mundo.**

Eryon ergue uma sobrancelha.
— **Todo mundo?**

— **Todo mundo até você dragão!** Dou um tapinha no ombro dele. — **E vê se não bota fogo na gente enquanto dormimos.**

Ele sorri daquele jeito macio que faz meu peito derreter.
— **Prometo tentar.**

Voltamos para a cama, agora com três criaturas deitadas em cima das nossas pernas, braços, barrigas um caos peludo e apaixonante.
Eryon se ajeita ao meu lado, um braço envolvendo minha cintura por baixo de Costelinha que ocupou metade do travesseiro.

Ele encosta o rosto no meu, beija minha testa e fecha os olhos.
Eu digo baixinho no seu ouvido: — **Também me apaixonei por você.**

O corpo dele reage num microinstante um suspiro fundo, quase um tremor leve no peito. Os dedos dele apertam a minha cintura, como se aquela frase tivesse encontrado um lugar para morar dentro dele. Ele sorri mesmo de olhos fechados.

E assim, aquecidos, cercados por respirações suaves... Balder roncando baixinho aos pés. Tyr espremido entre nós dois como um tijolo felpudo. Costelinha deitado entre meus cabelos no travesseiro, achando que é um príncipe. E Eryon com o braço sobre minha cintura, quente como fogo e calmo como noite de céu limpo.
Nós dormimos, todos na mesma cama.
Como uma pequena alcateia inesperada...



Capítulo

O PARTO





O amanhecer chega devagar, derramando uma luz dourada sobre o quarto... mas ninguém ali dentro está preparado para ela.
Estamos todos embolados, como um ninho de criaturas estranhas.
Balder está metade em cima da perna do Eryon, metade no meu quadril.
Tyr dorme com a cabeça prensada na barriga dele.
Costelinha ocupou meu peito como se eu fosse o travesseiro oficial dele.
Eryon desperta primeiro ou tenta.
Ele abre um olho, olha para baixo e encontra Balder roncando com a língua de fora.

— **Elara...** ele sussurra, imóvel. — **Eu... não consigo me mexer.**

Eu abro um olho.
— **Bom dia pra você também...**

— **Eu tô preso**, ele insiste, agora com um leve desespero cômico.
Eu olho para Balder, depois para ele.

— **É, amor... agora você entende o que é viver comigo.**

Ele suspira derrotado.
— **Estou com dó de tirar ele de cima da minha perna com cãimbra.**

Depois de alguns minutos de empurra-empurra gentil, conseguimos levantar. Os três cães despencam do colchão como batatas vivas: espreguiçando, bocejando, fazendo barulhinhos dramáticos de manhã.

Enquanto arrumamos a cama juntos, Eryon tenta esticar o lençol... mas Tyr pula em cima, achando que é brincadeira. Então dedicimos fazer ondas com o lençol.

— **Agora chega**, os três se jogam no tapete, espreguiçando com aquele som alto de cachorro feliz.

— **Vão lá fora fazer xixi, vão tomar uma água,** digo, apontando a porta. — **E depois a gente toma café.**

Eles disparam como flechas. Eu e Eryon seguimos para o banheiro. Assim que entro, o espelho Margot se ilumina com brilho exagerado e canta:
— **Boooom diiiiiiaaaaa, bonitões!**

Eu solto um riso curto. Eryon já acostumou e espera o show matinal.

— **Bom dia, Margot**, digo, ajeitando meu cabelo.

Eryon levanta a mão como quem cumprimenta uma velha amiga:
— **Bom dia, Margot. Você tá animada hoje.**

O espelho vibra, espelhando brilho:
— **Ani-ma-da é pouco, meu bem! Eu tô radiante! E vocês também estão, né?** Pausa drámatica.
— **Porque, assim... o clima essa noite estava QUENTE, HEIN?!**

Eu cubro o rosto com as duas mãos, Eryon solta um risinho malicioso:
— **Margot, por favor... não dê detalhes.**

— **Eu não dou detalhes, querido,** ela pisca, literalmente, —**mas eu subentendo. E o subentendido diz MUI-TA coisa. E sua pele está ótima hoje bruxa Elara.**

— **Obrigada Margot.** Passo a mão no rosto, levemente envergonhada.

Eu sussurro para ele: — **Eu te avisei que ela não tem filtro.**

— **Sim** , ele murmura, encostando a testa na minha. — **Mas é parte do charme dela.**

Margot suspira alto:
— **Ai, ai... um casal apaixonado logo cedo... meu reflexo até fica mais bonito!**

A Margot ainda está cintilando toda metida quando dou dois passos até o espelho e levanto uma toalha.
— **Desculpa, minha amiga... mas seus olhos precisam ser fechados.**
Coloco uma toalha sobre o espelho, Margot solta um "**Ué!**" ofendida.

— **Elara! Isso é censura mágica! Eu tenho direito de ver as coisas belas da vida, me deixa ver o dragão sem camiseta pelo menos.**

— **Não hoje**, respondo, firme. — **Algumas cenas são classificadas como para maiores de zero reflexos.**

Eryon dá risada baixinho atrás de mim.
— **Obrigado Elara**, ele diz, se aproximando e segurando minha cintura.
— **Eu não sobreviveria sendo narrado por ela no banho.**

— **Meu bem**, Margot resmunga atrás da toalha — **eu narro com elegância**! Eu ignoro.

Puxo Eryon para dentro da banheira.
A água quente nos abraça, somos só nós dois...a manhã fresca, a espuma... e o perfume leve de ervas que sempre flutua no ar daquele banheiro encantado. Ele desliza os dedos pela minha nuca, inclinando meu rosto para o dele. O beijo é suave, um "bom dia" preguiçoso. Um rápido namoro matinal, com toques leves, sorrisos abafados contra a pele, risadinhas baixas quando a água espirra.

Desejo, quieto, intimidade de quem está começando a se encontrar. Depois ficamos de costas um para o outro.
Ele lava minhas costas, passando a mão devagar, eu fecho os olhos, aproveitando o momento. Depois trocamos.
Eu lavo as costas dele, deslizando a espuma pelos ombros largos, pelo pescoço, sentindo o calor natural da pele dele que sempre parece queimante. Ele suspira, relaxado.

— **Acho que posso me acostumar com isso,** ele murmura.

— **Banhos?**

— **Nós dois assim, um cuidando do outro.**

Meu coração quase falha.
— **Confesso que posso me acostumar também!** Nos beijamos carinhosamente.

Saímos da banheira rindo, ensopados, nos secamos e Margot reclama:
— **Posso abrir os olhos agora?**

— **Pode**, digo, tirando a toalha.

— **HMMM... tá, vocês estão apresentáveis. Mais ou menos.**
Vestimos roupas confortáveis, eu com um vestido leve azul tão escuro que beira quase preto, ele com uma calça macia e uma camisa branca de tecido fino que realça indecentemente bem o ombro dele.
Descemos para a cozinha.

A casa está animada. A chaleira canta baixinho. Os cães estão esperando na porta com rabos abanando.

Com um passe de mágica seus pratos flutuam pela coziha até a varanda, onde eles gostam de comer e deitar.

Preparar café da manhã com Eryon é... diferente.Um caos gostoso.
Ele tenta fritar ovos, quebra um no balcão sem querer.
Eu faço pão e quase deixo queimar porque ele me puxa pela cintura e me beija o pescoço sem aviso. Costelinha rouba uma fatia de queijo, Tyr late para a manteiga e Balder senta no pé do Eryon como se fosse seu novo trono.

E no meio de tudo isso... ele me olha. Um olhar simples, calmo, tão cheio de afeto que meu peito aquece mais que o fogão a lenha.

— **Eu nunca tive isso**, ele diz, baixinho. — **Uma manhã que parecesse... minha.**

— **Eu também não, agora temos.** Respondo, entregando uma xícara de café. —**Bem-vindo ao caos do nosso lar.**
Ele sorri daquele jeito completamente apaixonante.

— **Nosso?** Ele pergunta sorridente.

— **Se sobrevivermos a uma possível guerra, sim!** O beijo carinhosamente.
Sentamos à mesa, comendo devagar, enquanto o cheiro de pão quente e café fresco toma a cozinha inteira. O dia só está começando... mas já carrega aquela sensação rara:
— **Este é um dia para recordar**. Digo baixinho enquanto bebo mais um gole de café.

O sol ainda mal subiu, mas derrama aquela luz dourada inicial que deixa tudo com cara de magia. Terminamos o café, os cães deitados na varanda. Eryon bebe o último gole da xícara e respira fundo.

Eu me levanto e vou até a varanda com minha xícara.
A brisa fresca bagunça meu cabelo, o cheiro de pinho e umidade sempre me traz paz. Eryon chega logo atrás, sorrateiro, mas imenso, como sempre. Ele senta no primeiro degrau, ao meu lado, e observa a floresta acordando, folhas tremendo, o amanhecer entre os galhos, o canto distante de um pássaro azul.

— **Sabe...** começo, enrolando os dedos na xícara — **eu estou feliz por você estar aqui.**

Ele me olha, o vento mexendo no cabelo dele.
— **Feliz por ter conhecido você**, continuo, virando o rosto para ele.
— **Você trouxe algo que eu nem sabia que sentia falta.**

O olhar dele muda, amolece e fica intenso de um jeito que me deixa tonta. Mas antes que eu continue, deixo sair, com um suspiro:
— **Mas também quero que saiba... nós temos alguns dias até os caçadores chegarem.**

Eryon abaixa o olhar para as próprias mãos.
— **Eu me sinto culpado, Elara. Culpado por ter caído aqui.**
Por ter sido encontrado. Por... trazer risco para você e para todos.

Eu viro meu corpo para ele, tocando seu braço.
— **Eu entendo. No seu lugar, eu me sentiria assim também, e tá tudo bem, eu não estou brava. Nem decepcionada, eu estou feliz Eryon... e tudo acontece por algum motivo.**

Ele ergue o olhar. Há fogo ali e medo também.
— **Mas se eles vierem... vão destruir tudo. E será por minha causa.**

Eu balanço a cabeça, firme.
— **Nós somos os únicos que podem proteger esse lugar.**
Os moradores da floresta. As criaturas pequenas. A magia daqui.
E... eu não sei se minha força será suficiente para uma guerra, mas...
Eu me levanto, e me sento em seu colo.
As mãos dele automaticamente seguram minha cintura, olho nos olhos dele.

— **...vamos ter que ser fortes. Os dois. Juntos.** Ele encosta a testa na minha, os olhos fechados.

— **Elara... eu não quero que você morra por minha causa.**

Minha voz sai pequena: — **Eu não quero morrer agora... não antes de viver uma paixão de verdade, essa nossa paixão. E confesso... eu tô com um pouco de medo.**

A expressão dele se transforma.
Ele segura meu rosto com as duas mãos, delicado como se segurasse algo frágil.
— **Minha Elara, minha bruxa linda...** ele diz, colocando meus cabelos para trás do ombro e olhando nos meus olhos.
— **Eu também quero viver isso com você, cada parte, cada manhã e cada toque. Mas se eu tiver que morrer ao seu lado...eu morro feliz.**

Meu coração desaba inteiro.

— **Só...** ele continua — **não tenha medo de mim depois.**
Como dragão... eu posso ficar extremamente agressivo. Então não se assuste, se eu fizer tudo que for possível para proteger vocês quatro.

Sinto um nó na garganta. Coloco minha mão na nuca dele, puxo seu rosto para o meu...e o beijo apaixonadamente.

— **Vamos juntos**, digo contra sua boca. — **E vamos voltar juntos. Quero poder te beijar mais vezes.**

Ele sorri, lento, malicioso.
— **Só beijar?** ele pergunta com os lábios ainda nos meus.

Os três vem chegando de fininho, Balder latindo, Tyr girando em círculos, Costelinha com a língua de fora.

— **Acho que temos companhia**, Eryon diz.

— **Eles querem correr**, sorrio. — **E eu também.**

Levanto da varanda e corro pro jardim.
Os três disparam atrás de mim, pulando na grama, farejando tudo.
— **VEM, ERYON!** grito.

— **Me dá cinco minutos, eu não posso levantar agora!** gargalhamos juntos. — **Desculpa, mas você estava no meu colo e me beijando.**

Eu sorrio maliciosamente pra ele. Ele se levanta, fingindo dor, e corre atrás de nós. Gritos, correria e gargalhadas.
A manhã vira alegria pura.

Depois de visitarmos cada morador da floresta, paramos perto do lago, para nos refrescarmos. Pequenas fadas posavam no fuço dos três curiosos...quando uma coruja branca pousa no meu ombro, agitada, com olhos arregalados.

— **Elara! A elfa Erilin... está em trabalho de parto!**



Eryon endireita a postura.
— **Vamos**, digo. — **Eryon, preciso que me faça uma favor, pegue meu kit. A maleta azul, em cima da estante e me encontre lá.**

Eu me preparo, mas antes que eu me afaste demais, ele me alcança pela mão, gira meu corpo para ele...
E me beija. Um beijo rápido, firme, cheio de força.

— **Eu já te encontro! Boa sorte.**

— **Obrigada Dragão.**

Corro. Chego à casa élfica, com um tronco iluminado por luz dourada. Dentro, Erilin está deitada, suando, e Aedran segura sua mão.
— **Elara... lyén ah víra!**
(Elara está vindo!)

Eu me ajoelho ao lado dela.
— **Calma, Erilin. Serrián, serrián.** (Respira, respira.)

Aedran segura a mão da esposa, nervoso, e diz:
— **Elara, sên tharíel feyra il'vayren lórien quáren**
(Elara, ela está com dores forte o bebê vem rápido demais)

Eu toco seu ombro, pedindo calma, e respondo:
— **Vâren ilássa. Lyr'aen mira tal veyrá len.**
(Isso é bom. Rápido significa que ele quer nascer.)

Eryon entra no cômodo, entregando a maleta com cuidado. Aqui!
Abro o kit, ervas, tesoura mágica, compressas, agulhas, pomadas. Ele também me entrega toalhas limpas.

— **Véren, Erilin... el'thára ven, shyára.**
(Vamos, Erilin... quando sentir, empurre.)
Ela fecha os olhos, respira fundo, e a luz ao redor de seu ventre pulsa como uma chama prestes a nascer.

E, num grito forte...O choro do bebê ecoa entre as paredes.
Um elfo recém-nascido, iluminado, pequeno, perfeito.
Aedran cai em lágrimas. Erilin soluça e Eryon sorri, emocionado.
Eu seguro o bebê, com cuidado, enrolado em uma toalha e entrego a ela.

Ajoelho-me ao lado dela, toco seu ombro e digo suave
— **Aedran Lyan'tel venir'áen... Vâren vaelya.**
(Aedran, é um menino... parabéns.)

Erilin chora de alegria. Aedran encosta a testa na dela, tremendo.

Respiro fundo.
— **Agora vou precisar de água morna, Eryon**, digo, prática, firme.
— **Vou limpar e cortar o cordão.**

Ele corre para pegar. Mas antes mesmo que eu toque no cordão, Erilin solta um gemido profundo, não de alívio, mas de dor.
Eu ergo o lençol, e vejo que ela está entrando em trabalho de parto mais uma vez.

— **Aedran**... digo. — **Serrián ethel. Il'thyr... váren dul'ar otur babè.**
(Segura seu filho. Ela vai ter outro bebê.)

Ele arregala os olhos, incrédulo.
— **Il'rath?... Otur?** (Vai ter outro?)

Eu balanço a cabeça.
— **Sí... tal'vyr a'nor, o moar... veyráen.**
(Sim... pelo jeito são dois, ou mais, quem sabe.)

O medo dele vira pânico, mas não há tempo.
As contrações voltam, rápidas, brutais.
Erilin dobra o corpo para frente, gemendo, o suor escorrendo pela testa. Eu começo o processo novamente, firme, concentrada, mas ela está ficando pálida demais, tem algo errado.

— **Erilin... fica comigo.** Segurei seu rosto. — **No'lirra... no'lara. Serrián míra... no faléa.**
(Não dorme... não fecha seus olhos. Fica comigo... não se vá.)

Ela tenta focar, mas a dor está vencendo.
— **Elara!** Eryon aparece com a água morna, mas congela ao ver a cena.
Olho para ele, o coração disparado.
— **O bebê está virado, ela está perdendo muito sangue. Eu vou ter que virar ele por dentro.**

Ele empalidece, mas afirma:
— **Eu estou aqui.**

Aedran só consegue repetir o nome da esposa entre soluços.
Coloco as mãos sobre o ventre dela, respiro fundo. Meu estômago revira, minhas mãos tremem... mas eu preciso.
Tento girar o bebê. Nada, ele está preso, duro, como se a natureza também rastejasse de medo.
O suor escorre pela minha têmpora.

— **Vamos, pequenino... vamos...** murmuro. Mas não muda.
Os gritos de dor de Erilin ecoam pela casa.

Eu me sento bem na frente dela, coloco as duas mãos sobre o ventre ensanguentado e começo a recitar o rito antigo. Espero que de tempo. Não morra por favor. Seus olhos estão ficando cada vez mais pesados e seu coração enfraquecendo.

A luz nas minhas mãos vibra azul-dourada.
— **Radix-Lume aria tálum Velia mantum flore,Vernal' is dórum Umbra-luxa shiaris.**
(Raiz-Luz guia o caminho. Protege o ventre como véu. Que a vida gire para nascer. Que a sombra dê passagem à luz.)

O ar ao redor treme, o ventre dela aquece e o bebê se move dentro, girando gentilmente, atendendo ao chamado. A magia de Valedorne obedece. A energia percorre a casa, subindo pelas paredes, fazendo o chão, o teto, as paredes brilharem. Erilin abre os olhos, de repente forte. A magia sustenta o espírito dela, para que ela consiga fazer força. O bebê gira completamente.

Eu sinto... ela sente.
— **Agora, Erilin**... digo, quase chorando — **força.**
E então, num grito intenso, quase selvagem, ela empurra.

O choro do segundo bebê surge como uma rajada de vento.
Uma menina, luminosa, quase prateada, linda.
Eu respiro aliviada, minhas mãos tremendo.

— **Lyar'len... veyrá lírien**, sussurro com lágrimas nos olhos, enrolando a recém-nascida na toalha. (É uma menina)

Entrego a pequena nos braços de Erilin, que mal consegue conter o choro.

Ajoelho-me perto dela, toco seu rosto quente, e digo em Ilyéan:
— **Serrin vah'lara... el'nor veyra. Tál isnor.**
(Estou orgulhosa... você ficou forte. Agora acabou.)

Erilin segura minha mão, tremendo e murmura fraca:
— **Vah'lyenna... sen irél. Il'naeria ven lírien.**
(Obrigada... sem você eu não teria conseguido.)

Passo um pano morno por sua testa suada, afastando fios grudados.
— **Eu vou fazer seu curativo... você vai ficar bem.**

E imediatamente começo a trabalhar na cura dela, porque o sangue não para. Minhas mãos brilham forte. Minha voz treme no ritual.
A casa inteira pulsa junto, como se a floresta sustentasse minha magia.
— **Vamos, Erilin... fica comigo**... murmuro. — **Véren... véren**...
(volta... volta...)

A luz finalmente se estabiliza, o sangramento diminui. Ela respira fundo, exausta, mas viva. Aedran encosta o rosto no pescoço dela, soluçando como uma criança.
Eryon suspira, apoiando as mãos na parede, como se só agora percebesse que estava prendendo a respiração.

Eu limpo o suor da minha testa. O chão ao meu lado está tingido de vermelho. Mas minhas mãos cobertas de sangue. E duas novas vidas choram.

Respiro fundo. As minhas mãos finalmente param de tremer.
Eryon se aproxima devagar, como se soubesse exatamente o que fazer antes mesmo que eu peça.
Ele me envolve nos braços, grandes, quentes, seguros e eu desabo no peito dele. Meu rosto encosta no ombro dele e as lágrimas vêm todas de uma vez.

— **Eu fiquei com tanto medo de perder ela**, minha voz sai falhada, pequena, ainda trêmula.

Ele segura meu rosto entre as mãos, com uma delicadeza que contrasta com toda a força do corpo dele.
— **Você é incrível, Elara.**

A forma como ele diz isso, forte, convicto. Como se eu tivesse salvado o mundo inteiro. Enxugo as lágrimas rápido, tentando me recompor, mas antes que eu consiga, ouço Erilin me chamando, fraca, mas consciente.
Viro-me e me aproximo da cama.
Os olhos dela brilham apesar do cansaço. Ela segura a menina com delicadeza e murmura :
— **Elara... liryen nira velia, thalanir essëa, vael tora miren**
(Elara vai ser seu nome, você a trouxe viva a esse mundo.)

Meu coração se parte e se remenda ao mesmo tempo.
Aedran, ainda segurando o menino nos braços, diz com a voz embargada:
— **Lir'an ven'ora... seríel tal'varya. Il'vayren vaelia sen.**
(Somos muito gratos a você... mais do que podemos dizer.)

A voz dele quebra no final, carregada de emoção.
Meu peito aperta, as lágrimas voltam queimando meus olhos.
Choro ainda mais. Choro de alívio, de milagre, de gratidão, de ver duas novas vidas respirando.

Eryon se aproxima por trás e descansa a mão na minha cintura.
As duas crianças respiram. A luz da casa pulsa suave, e a magia da floresta parece cantar, baixinho, um hino para os recém-nascidos.

Entrego a menina para Erilin, mas percebo que ela está fraca demais para segurá-la naquele momento. Então respiro fundo, limpo minhas mãos e digo:
— **Aedran, nira thalanir ilya vaen**.... segure o menino um pouco.

Ele ajeita o bebê no colo, ainda com o rosto iluminado por lágrimas. Depois, viro-me para Eryon:
— **Eryon... segure a menina, por favor.**

Ele arregala os olhos.
— **Eu? Assim... desse jeito?** ele aponta para os braços.

— **Sim**, sorrio. — **Ela não morde, ainda.**

Ele sorri de canto, ele pega a pequena Elara com uma delicadeza que nenhum guerreiro deveria ter. A menina abre a boquinha, faz um som rouco, e Eryon trava, como se o coração dele tivesse acabado de derreter inteiro. Fica bobo, bobo de verdade e rosto dele se suaviza.

Enquanto isso, eu limpo o corpo de Erilin com cuidado, troco os panos ensanguentados, cubro seu ventre com uma manta morna e digo:
— **Nira vael silmëa lórë, nira?** (vou te levar para uma cama limpa, está bem?)
Ela acena, exausta.

Estendo as mãos e pronuncio, firme, em Valedorne:
— **Levitum Aire, Corpusca, Objetum, Sequere Me.**
O corpo dela se ergue suavemente.

Aedran observa com reverência. A menina dorme no peito de Eryon, que não consegue parar de sorrir como um tolo apaixonado.
Levo Erilin até a cama limpa, ajeito mantas ao redor dela e confirmo que a respiração está estável. Aedran se aproxima.

— **Qua essëa nira ilya vaen?** (Qual será o nome do menino?) pergunto. Aedran sorri, emocionado.

— **Eldrin.** (luz que nasce) Eu sorrio de volta.

— **Eldrin... e Elara. Dois novos pequenos sóis.**
Devolvo os bebês para a mãe, que chora baixinho enquanto os abraça.

A cena inteira parece abençoada. Nos despedimos e saímos devagar. Andamos lado a lado. Eryon carrega meu kit com uma mão... e a minha mão com a outra.
O silêncio é confortável, até que eu falo:
— **Eryon... posso te confessar algo?**

— **Pode, sim.** Ele responde virando o rosto pra me olhar.

Eu olho para meus próprios pés, envergonhada.
— **Eu nunca fiz um parto antes.**

Ele para de andar. — **...como assim? E aquilo tudo??**

— **No meu reino eu era... bem...**

— **Uma princesa**, ele completa.

— **Isso mesmo. E tínhamos pessoas treinadas para fazer partos. Eu só... eu só espiava, observava. Eu era e sou curiosa e aprendi vendo os rituais, os feitiços, as técnicas...** Minha voz embarga.
— **Por isso eu estou tão emocionada. E tão cansada.** Levanto a cabeça. — **Mas não conte a eles, ok?**

Eryon abre um sorriso orgulhoso e cheio de ternura.
— **Já disse e vou repetir: você é uma mulher incrível.**

Eu dou um risinho cansado.

— **Foi muita adrenalina. Mas... ainda bem que eu aprendo rápido.**
Ele aperta minha mão.

— **Rápido demais até.** Ele sorri com os olhos fechados.

Os três cachorros correm na frente, felizes, parando para cheirar cada flor como se aquilo fosse o evento do ano.
Chegando em casa, eu praticamente desabo no sofá.

— **Hey, dragão... a adrenalina está baixando... e eu tô com... um pouco... de... sono...** Bocejo. — **Pode dar almoço pra eles? Tem comida fresca na mesa para todos vocês...**

— **Claro**, ele responde com um sorriso.
Inclina-se, dá um beijo suave na minha bochecha e me cobre com uma manta. Adormeço em segundos.

Fim de Tarde, acordo assustada, com o coração acelerado.
— **Já é tarde?!** salto do sofá.

Olho pela janela, e lá estão eles: os quatro. Eryon e os três cães, deitados no gramado como se tivessem virado estátuas de preguiça.
Suspiro e subo para me lavar. Tiro minha roupa manchada de sangue e me troco por algo leve. Quando volto para a varanda, grito:

— **Hoje vamos ter carne assada!**
Os quatro levantam a cabeça ao mesmo tempo.
— **A fogueira será longe de você**, aponto para a árvore Velhanthir — **e de qualquer outra árvore, tá?!**

— **Fiqueeee... tranquiiilaaa, peeequenaaaa chaamaaa.** A voz de Velhanthir não sai de um ponto só. Ela nasce fundo, nas raízes, sobe pelo tronco e se espalha no ar, grossa e lenta, como madeira rangendo ao vento. Cada palavra chega com um leve atraso, carregando um eco.

— **Miiinhaas raaaízees... conheceeem ooo calooor e sabeeem se afassstar deleee.**
As folhas tremulam, como um riso contido.
— **Alémmm diissooo.. não tenhooo pressaaa de virarrr lenhaaa... gostooo deeemais de observaaar vooocê viveer.**

Os cães pulam. Eryon levanta, limpa as mãos na calça e diz com a maior cara de pau:
— **Vocês ouviram isso? Carne assada.**
Olha para os cachorros. Todos três explodem em latidos e pulos.

Fazemos fogo na clareira afastada. O cheiro da carne assando se espalha no ar, misturado com ervas que penduro nas brasas.
Eryon vira a carne com um sorriso gigante. Seu corpo nu do torso reflete a luz laranja do fogo.
Os cachorros sentam ao redor como estátuas obedientes, mas a cauda denuncia a ansiedade. Comemos juntos, risos, cheiros, histórias, os cães enterrando os ossos. É perfeito!

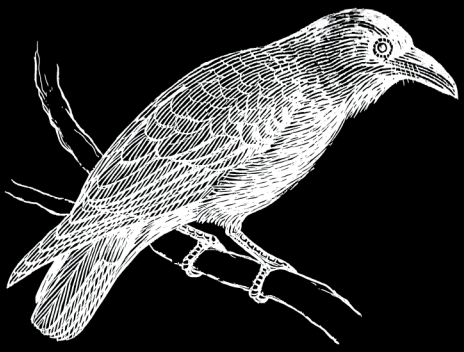
Quando terminamos, voltamos à cozinha para guardar as coisas.
É então que
TOC.
TOC.
TOC.

A batida na porta é seca, rígida. Como se não fosse feita por dedos humanos. Troco um olhar com Eryon.
Abro a porta... e ela está lá.



Capítulo

A MULHER CORVO





Uma mulher negra lindissíma. Vestida inteiramente de preto, pano e penas. Dreads escuros e longos, quase tocam suas coxas.
E seus olhos...Pretos, como dois corvos encarando minha alma.
Ela inclina a cabeça para o lado, observando-me com um movimento rápido. As asas, duas asas imensas, de penas pretas e densas, se dobram contra as costas.

Ela estende a mão e me entrega um pequeno rolo de tecido, amarrado com barbante.
Sua voz é fria, profunda, ecoando como o vento entre troncos:
— **Três dias... Os caçadores irão chegar, e a barreira vão quebrar.**

As palavras pousam na sala como cinzas.
E, sem esperar resposta, ela abre as asas, de um estalo seco e o vento se agita ao redor dela. Num movimento rápido, selvagem, ela se lança para o céu noturno. As asas cortam o ar, as penas brilham ao passar diante da lua. Ela sobe, sobe, até desaparecer no céu estrelado.
Eu fico na porta com a mensagem na mão e o coração disparado.

O pergaminho da Mulher-Corvo pesa na minha mão como pedra.
Me aproximo de Eryon lentamente, ainda sentindo o eco do bater de asas dela no ar. Ele está parado perto da mesa, a luz da cozinha refletindo no bronze do corpo dele, o maxilar marcado pela sombra do fogo. Coloco o pergaminho em sua mão, ele me olha e abre.
A luz das velas tremula ao redor de nós.

Enquanto ele lê, seus ombros fortes, sempre estáveis, caem um pouco, a testa dele se franze, a respiração fica pesada.
E quando termina, ele fecha o pergaminho devagar e me puxa para perto, envolvendo meus ombros com força.
Seu peito se pressiona ao meu, sinto o coração dele batendo rápido.

Ele olha para baixo, porque precisa baixar a cabeça para encontrar meus olhos. E com a voz rouca, confusa e determinada, diz:
— **Me perdoa, Elara.** O polegar dele roça minha bochecha.
— **Eu vou proteger vocês.** Ele respira fundo.
— **Nem que custe a minha vida...** engole seco.
— **Nem que eu me entregue como prisioneiro a eles pra salvar você... eu vou fazer.**

A dor na voz dele me rasga por dentro e meus olhos se enchem de lágrimas.

— **Dragão...** digo baixinho, colocando a mão em seu rosto quente.
— **Eu sou uma bruxa poderosa, lembra?** Enxugo meus olhos com a outra mão. — **Eu vou lutar ao seu lado.**

Ele fecha os olhos, como se aquilo aliviasse e ferisse ao mesmo tempo.
— **Mas...** minha voz treme — **eu não posso morrer.**
Engulo o choro. — **Quem cuidaria dos meus garotos?**

Ele sorri de canto, triste, mas cheio de amor. E então eu sussurro em seu ouvido:
— **Vamos esquecer isso agora... Me beija.** Aproximo minha boca da dele. — **Me beija como se fosse a última vez.**

Ele não deixa terminar. A mão dele desliza para minha nuca.
Eryon me ergue do chão com um movimento só, como se eu pesasse tanto quanto uma pluma. Sinto minhas pernas se entrelaçando na cintura dele. O beijo é profundo e apaixonado.
E cheio de desespero e medo de quem teme perder o amanhã.

Minha respiração se prende quando as mãos dele sobem por minhas costas, quentes como um abraço de fogo.
Minhas mãos percorrem seus ombros largos, sentindo cada músculo.
A barba dele arranha suavemente minha pele quando ele desce a boca para o meu pescoço.

O toque, quente, lento, preciso, me faz arfar sem conseguir controlar.
O mundo inteiro parece estremecer com o som da minha respiração.
Ele me deita no chão da cozinha, atrás do balcão, onde a luz do fogo não alcança completamente.
Ali, na penumbra, somos só nós dois, perdidos entre medo...
e desejo...e aquela urgência de quem sabe que pode não haver outra noite. Os dedos dele deslizam pelo meu rosto. Eu toco o seu enorme peitoral, o coração batendo rápido ou talvez fosse o meu.

Nossos lábios se encontram novamente...Mais suave, mais profundo.
Um beijo que não é só paixão, é desespero, é amor.
O corpo dele se encaixa ao meu, as mãos dele seguram minhas costas, me puxando para perto, como se tivesse medo que eu desaparecesse.

E ali, no chão frio da cozinha, com o cheiro de lenha queimada no ar, nos entregamos um ao outro. Com aquela mistura de lágrimas e desejo que torna tudo mais verdadeiro. Não era apenas um momento físico. Era dois corações...tentando se convencer de que a vida ainda podia ser bonita, mesmo com a sombra da morte se aproximando.

Quando tudo termina, ficamos abraçados, a testa dele encostada na minha. O silêncio é tão doce que dói.
O calor do corpo dele envolve o meu, como se pudesse me proteger do mundo inteiro. E eu me sinto inteira, perdida e viva, nas mãos do meu dragão.



Momento depois, eu acaricio seu rosto com o dorso da minha mão.
— **Eu vou falar com todos amanhã**, falo com a voz baixa, — **precisamos alertá-los**. O polegar dele desliza até meus lábios.
— **E você precisa descansar dragão, vai precisar de energia.**

— **Você também vai, Elara...** ele murmura. — **Para segurar a barreira o máximo que puder**. Ele me beija como se fosse uma despedida.

Decidimos subir e nos deitarmos todos.
Risos tentam ocupar o lugar onde o medo deveria estar.
Somos uma família improvisada, remendada, mas real.
E naquela noite... Silenciosamente...
Todos escolhem esquecer o que os espera.
Dormimos juntos.

De manhã, subo na pedra central do bosque. A luz atravessa as folhas em feixes dourados, como se o sol tivesse aprendido a rezar ali.
E eles chegam. **Todos**.

Elfos de cabelos prateados e olhos luminosos surgem em silêncio, carregando arcos, flechas e espadas antigas, as lâminas marcadas por histórias.
Fadas pequenas pousam nos ombros de outros seres. Algumas têm cabelos negros e vestes escuras, a pele variando entre tons profundos; são as fadas sombrias, feitas para criar caos no inimigo, enfraquecer onde tocam. Outras exibem cabelos de cores vivas, peles claras ou negras, brilho leve ao redor do corpo; fadas da luz, que mantêm aliados firmes, sustentando o que insiste em permanecer de pé.
Trolls enormes se acomodam perto das raízes, mastigando meias como se fosse a coisa mais natural do mundo. Corpos maciços, força de montanha, capazes de arremessar árvores como lanças. A pele é feita de rocha, musgo e cinza, grossa e irregular. Os rostos largos lembram gorilas de pedra.

Sátiros aparecem rindo antes mesmo de serem vistos, pés de bode, troncos fortes e marcados, chifres curvados emergem do cabelo desgrenhado, flautas de osso presas à cintura.
Duendes surgem e desaparecem entre os troncos, trocando olhares maliciosos, cochichando segredos e apostas sobre o motivo do chamado.
Ninfas emergem devagar na beira do riacho, a pele pálida brilha como diamante sob a luz filtrada do bosque, refletindo tons frios e suaves.
Os cabelos brancos escorrem pelos ombros como correnteza, longos e lisos, misturando-se à água. Os olhos, também brancos, são fundos e imóveis, como se enxergassem além do tempo, além da superfície das coisas, alcançando o que normalmente permanece escondido.
Os homens-árvore têm o corpo talhado em casca, rachada pelo tempo. Veias de luz dourada percorrem a pele, como seiva viva, pulsando sob a superfície. As orelhas são pontudas e os dentes finos e afiados.
Os olhos âmbar, atentos, predatórios, como se observassem não apenas o corpo, mas a intenção de quem se aproxima.
Filhotes de criaturas brincam sem entender nada, correndo entre pernas, asas e caudas, enquanto borboletas azuis cortam o ar, como se também tivessem vindo ouvir.

Três anos antes, éramos poucos.
Agora...Somos um povo inteiro.

Meu coração dispara, meu medo também.
Eryon fica atrás de mim, como uma muralha, eu respiro fundo e começo:
— **Seres de todos os lugares.** Minha voz ecoa entre as árvores. — **Com muita dor no coração eu preciso avisar, a todos vocês...que caçadores vão chegar... eles chegam em três dias.**
O silêncio cai como neve pesada. E eu apenas fecho os olhos, respiro fundo mais uma vez.

Eu continuo: — **A barreira mágica, não vai suportar a quantidade de homens que está vindo...** Passo a mão pelo próprio braço.

— **E eles não virão sozinhos.** Meu olhar pesa. — **Eles têm ajuda de seres escravizados... ou traidores. Não serão apenas homens desta vez. Com ajuda de seres mágicos, eles podem sim, derrubar a proteção.**

Alguns começam a chorar baixinho, outros rangem os dentes com raiva. As fadas abraçam seus filhos, os elfos trocam olhares tensos.

— **Eu peço que vocês fujam**, digo, a voz firme.
— **Se escondam... eu vou lutar para proteger o nosso lar.**

Um Homem-árvore bate o cajado no chão, a madeira estalando sob o impacto, e grunhe em recusa. — **Eu falo por todos da minha espécie**, diz, a voz grossa, vibrando como tronco sob vento forte. — **Nós vamos ficar e vamos lutar.**

Uma fada grita que não vai abandonar o vale. O troll... para de mastigar a meia e ergue o punho, dizendo que vai esmagar quem ameaçar sua família. E então Aedran se adianta, com o bebê Eldrin nos braços.Ele fala em Ilyéan, a voz vibrando como aço:

— **Dur'ven il'lara. Elen'thor miravel. Iren nal veyra, vel nor'eth a'linara, vel thalanir na'shael.** (Eu sou um guerreiro. Eu vou ficar. Eu vou lutar para proteger minha mulher, meus filhos e esta terra.)
Meu coração aperta.

Eu respondo em Ilyéan, com respeito profundo:
— **Aedran... veriel nor. Veyren tal'lor. Sarn vel thora.** (Aedran, você é um guerreiro e não posso impedir, será uma honra lutar ao seu lado.)

Coloco a mão no coração, inclino o corpo e a cabeça levemente.
Ele retribui o gesto. Erilin, ainda fraca, segura a filha com força e mesmo assim, ergue o queixo.
— **Estamos juntos**, diz ela, eu apenas leio seus lábios.

Eu respiro fundo, arrumo meu chapéu.
— **Eu sou a bruxa mais forte do meu reino, depois dos meus pais. A magia vibra nas minhas mãos. Eu vou proteger todos vocês... com unhas e dentes.**

Um coro de vozes explode. Alguns gritam que não vão embora, outros choram dizendo que confiam em mim, outros abraçam seus filhos com medo, borboletas coloridas voam acima das cabeças. Folhas dançam no vento. E eu sinto que não estamos sozinhos, vamos nos proteger.

O sol mal havia passado a copa das árvores quando todos começaram a se mover.
A paz frágil da manhã era preenchida por vozes, passos, magia, risos nervosos...E aquela energia tensa que paira no ar quando um povo se prepara para resistir.
Mas, ainda assim, havia beleza e havia união.

Enquanto o povo se organizava, os líderes se reuniram para explicar como cada grupo atuaria e quais poderes seriam usados. Precisávamos estar cientes uns dos outros, alinhar forças, definir limites e assumir responsabilidades.



AS FADAS DA LUZ



Eu sou Lyriel, líder das Fadas da Luz. Nós já iniciamos a preparação organizando todo o território sob nossa influência direta. Estamos posicionadas em pontos elevados da floresta, clareiras e trilhas principais. Nossa função nesta guerra é clara: suporte, proteção e garantir a clareza total do campo de batalha.
Explicando os nossos poderes.

Canto da Revelação: Vamos usar esse canto para derrubar qualquer tipo de invisibilidade ou ilusão que o inimigo tente usar. Com isso, exibimos todos os adversários escondidos, impedindo que sejamos pegos de surpresa por truques visuais ou camuflagens mágicas.

O **Acalento:** Atuamos diretamente no estado emocional das tropas aliadas. Quando o pânico começa a se espalhar, usamos o Acalento para reduzir a fúria descontrolada, o medo e o caos mental. Isso mantém nossos soldados lúcidos e prontos para seguir ordens.

Escudo Harmônico: Criamos barreiras feitas de luz sonora. Esses escudos protegem nossos aliados contra ataques mágicos e também contra ataques físicos leves, como flechas ou projéteis menores, criando uma camada extra de defesa nas linhas de frente.

Cura Rítmica: Durante o combate, emitimos frequências que fecham feridas leves instantaneamente. Para os casos de feridos graves, nossa magia estabiliza o quadro do soldado, impedindo que ele morra no campo e permitindo que seja removido para tratamento posterior com a ajuda de um portal que um duende abre rapidamente.

Fortalecimento de Vontade: Vamos estar voando em diversos lugares projetando nossa energia para que os aliados resistam mais ao medo paralisante. Esse poder garante que os guerreiros mantenham o foco na missão, mesmo quando estão sob extrema pressão ou diante de inimigos aterrorizantes, como os Trolls.

Se a situação se tornar insustentável, estou pronta para me unir a Morgwen, das Fadas das Sombras. Juntas, podemos invocar o Chamado de **Harmonia do Crepúsculo** para paralisar a guerra e restaurar o equilíbrio, Elas podem explicar melhor.



AS FADAS DA SOMBRA



Eu sou Morgwen, líder das Fadas das Sombras. Nós operamos na profundidade da mente e no fim necessário de todas as coisas. Nós representamos o medo, as verdades que as pessoas escondem de si mesmas, a ruptura e o encerramento de ciclos. Nossa sombra não deve ser confundida com malícia; ela é profundidade. Atuamos onde a luz não alcança e onde a coragem falha.

Vou explicar como estamos agindo e como nossos poderes funcionam no campo de batalha. **Canto do Véu Negro**: Através deste canto, apagamos qualquer fonte de luz e criamos uma escuridão. Além de cegar fisicamente os inimigos, esse véu bloqueia a visão mágica, isolando os adversários em um vazio absoluto onde não conseguem coordenar ataques.

Sussurro da Loucura: Infiltramos dúvidas, paranoia e confusão nas linhas inimigas. Um soldado que ouve nosso sussurro para de confiar em seus aliados, acreditando que está prestes a ser traído, o que desmorona a disciplina militar do oponente por dentro.

Distorção Emocional: Atuamos diretamente no psicológico, amplificando sentimentos de culpa, ódio e desespero. Pegamos uma pequena insegurança do inimigo e a transformamos em uma carga emocional paralisante, impedindo-o de lutar com eficiência.

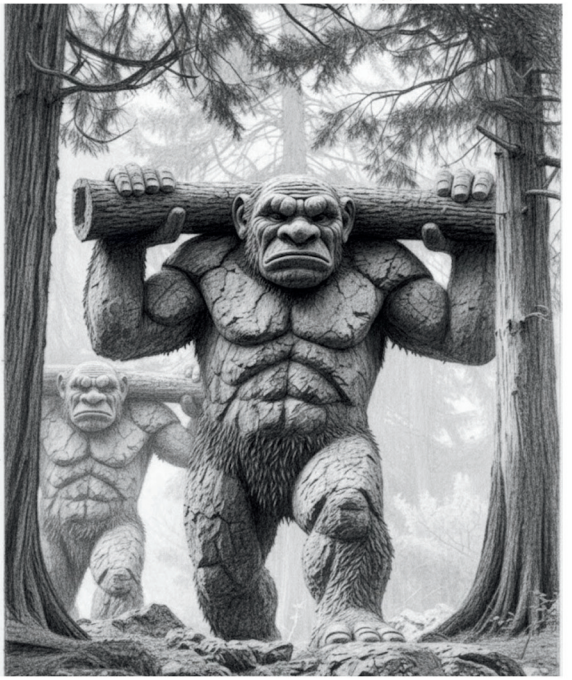
Marca da Ruína: Marcamos alvos específicos no campo de batalha. Aqueles que carregam nossa marca falham no momento mais decisivo, seja um golpe de espada que deveria ser fatal ou um escudo que deveria proteger. Nós garantimos o erro do adversário.

Por fim, ajustamos o uso da **Luz Negra**: Emitimos uma energia escura que corrói tanto a magia quanto a força de vontade do inimigo. Diferente do fogo que queima a carne, a Luz Negra dissolve a determinação e os escudos místicos, deixando o alvo vulnerável e exausto.

AVISO IMPORTANTE
Chamado de **Harmonia do Crepúsculo** (Raridade)
Em casos extremos, quando nos unimos às Fadas da Luz, podemos realizar este chamado. Ele anula magias de grande escala e restaura o equilíbrio total do campo de batalha, podendo encerrar uma guerra inteira instantaneamente. No entanto, o preço é altíssimo para ambas as cortes, exigindo um sacrifício de quase todas nós, que raramente estamos dispostas a pagar.

As sombras já estão se alongando e quando a guerra começar, o inimigo não perderá apenas a visão, perderá o controle.

OS TROLLS



Eu sou Vorkar, líder dos Trolls. Nós nascemos do ódio da montanha, da dor da pedra quebrada e do sangue derramado em guerras antigas. Não operamos com lógica humana nem hesitamos. Nós não pensamos como os humanos, nós simplesmente avançamos. Estamos prontos para o avanço. Enquanto os outros planejam e cantam, nós somos a força que derruba o que estiver no caminho.Vou explicar como nossa natureza funciona e como nossos corpos operam nesta guerra.

Estamos nos reunindo nos desfiladeiros e encostas mais altas.
Testamos lâminas inimigas contra a própria pele, quebramos armas humanas.
Estamos treinando a regeneração brutal sob impacto real.
Arrancamos, quebramos, recompondo ossos e membros para garantir que o corpo responda mesmo sob destruição extrema.

Força da Montanha: Minha função e a dos meus é quebrar as linhas de batalha. Derrubamos muralhas com as próprias mãos e arremessamos árvores como se fossem lanças. Um único golpe de um troll pode esmagar vários inimigos ao mesmo tempo. Não desperdiçamos energia com alvos pequenos quando há formações inteiras para esmagar.

O Rugido do Abismo, quando rugimos juntos, o efeito é físico. O chão treme, os inimigos perdem o equilíbrio e os animais fogem por puro instinto. É um som projetado para ativar o medo primordial em qualquer ser vivo.

Ativamos nosso **Instinto de cerco.** Caminhamos ao redor de muralhas, fortalezas naturais e defesas improvisadas, tocando a pedra, sentindo onde ela está fraca. Sabemos exatamente onde golpear quando eu ordenar o avanço dos meus.

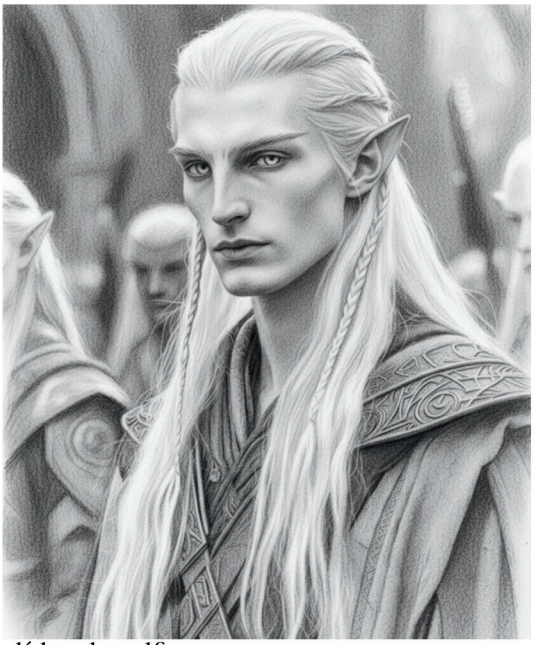
Fúria do Sangue. Se formos feridos gravemente, entramos em estado de massacre. Nesse ponto, ignoramos dor, fogo e lâminas, parando apenas quando tudo ao redor estiver destruído. O custo é alto: após o fim da fúria, muitos de nós morrem porque o corpo não aguenta o esforço.

Estamos na base das montanhas aguardando o sinal.

Observação: Nossas limitações são claras.
Magia de cristal e trovão atravessa nossa pele de pedra.
Rituais de selamento da terra nos imobilizam e quebram nossa ligação com o solo. Água profunda enfraquece nossos corpos, esse domínio pertence às ninfas.

Ainda assim, longe da água e do selamento, nós avançamos e aguardamos o inimigo.

OS ELFOS



Eu sou Aedran, líder dos elfos.
Enquanto os outros se organizam, minha função é garantir que cada um de meus guerreiros esteja pronto. Nossa sobrevivência não depende apenas de nossas espadas, mas de como operamos nossa própria natureza e habilidades.

Nós operamos de forma diferente dos outros seres. Vivemos entre o tempo e a memória, o que nos permite enxergar o mundo em camadas: o presente imediato, o que já aconteceu e as possibilidades futuras. Por isso, não lutamos por impulso; cada movimento é calculado com base em uma necessidade ancestral.
Aqui está a explicação de como funcionamos em campo de batalha:

Visão do Véu: Meus batedores veem a magia que é invisível para os outros. Conseguimos perceber mentiras sutis e identificar rastros emocionais deixados por qualquer ser que passe por nosso território. Nada permanece escondido de nossa observação por muito tempo.

Os **Passos do Tempo**: Em deslocamento, não deixamos pegadas. Podemos atravessar linhas inimigas sem sermos detectados. Em combate direto, nossa vantagem é a antecipação: parecemos estar "um segundo à frente" do adversário porque processamos a realidade de forma acelerada.

A **Canção de Cura Antiga**: Utilizamos frequências sonoras baixas que fecham feridas físicas e estabilizam o estado mental dos soldados. Esse procedimento é mais eficaz quando feito em grupo, fortalecendo a alma do contingente antes do choque inicial da batalha.

Os arqueiros treinam com os **Arcos do Destino**. Ajustamos intenção e foco, testando flechas contra alvos ocultos e ilusões. Cada disparo é feito com propósito, e sabemos exatamente quais juramentos humanos, uma vez quebrados, os tornam vulneráveis.

Na grande clareira, reunimos nossos guerreiros. Ali, estão afiando suas espadas, testamos lâminas, ajustamos empunhaduras e equilibramos peso e alcance. Cada elfo conhece sua arma como conhece a própria respiração. Treinamos formações, ataques coordenados e defesas curtas.

Eu levantei o arco e a flecha recém-afiada, analisei contra a luz e disse:
— **Elyen tal'vorya... lira míren... vorya sen no'dâr.**
(Flecha verdadeira... atirar com calma... golpear sem ódio.)

Os outros elfos repetiram as palavras baixinho como um mantra que acalmava a alma e fortalecia a mão que atira.

ESPÍRITOS DAS ÁRVORES



Eu sou Korthar, o Tronco da Ruína, líder dos Espíritos das Árvores. Nós não somos apenas vegetação; somos a memória de cada traição ocorrida nestas terras. Enquanto os outros marcham, nós aguardamos sob o solo, prontos para consumir aqueles que pisam em nossas raízes.

Nós nascemos em solos encharcados de sangue, em locais onde pactos sagrados foram quebrados e a magia apodreceu. Diferente dos seres de vida curta, nós lembramos de tudo o que aconteceu desde a primeira semente. Não esquecemos e não perdoamos.

Vou explicar quais são nossos poderes para essa guerra

Domínio do Território: Sob o meu comando, o chão se move lentamente. Alteramos o relevo, fazemos as raízes mudarem os caminhos e as trilhas conhecidas simplesmente desaparecem. Exércitos inteiros se perdem em nosso domínio sem que precisemos desferir um único golpe físico.

Também estamos nos preparando para a **Absorção de Magia**. Ajustamos nossos troncos para receber feitiços humanos sem rachaduras ou sobrecarga. Aprendemos a sugar a energia lançada contra nós, armazená-la e devolvê-la de forma instável quando necessário. Cada teste fortalece nossa resistência contra conjuração direta.

Sombras Enraizadas: Nossas sombras têm substância. Elas ganham forma para segurar pernas e armas dos soldados inimigos. Elas podem sufocar um alvo sem deixar marcas externas. Durante a noite, somos quase impossíveis de evitar.

Sussurros da Casca: Nossas cascas emitem as vozes dos mortos, promessas falsas e verdades que doem no fundo da alma. Quem ouve nossos sussurros por muito tempo acaba enlouquecendo ou se entregando voluntariamente à terra.

As **Raízes da Sentença** estão sendo posicionadas. Elas se alongam abaixo do solo, marcando pontos onde inimigos provavelmente pisarão. Quando forem despertadas, saberemos exatamente onde perfurar e arrastar.

Por fim, estamos alinhando nossas raízes umas às outras. **Despertar da Floresta Negra** (Poder Coletivo): Quando eu e minhas irmãs respondemos juntas, a floresta inteira se fecha em um casulo de escuridão. O céu escurece e o tempo desacelera para quem está preso lá dentro. Poucos sobrevivem para contar o que viram.

Nós, Espíritos das Árvores, conhecemos nossas limitações.
O fogo ritual é capaz de nos ferir de verdade.
A magia de renascimento verdadeiro pode apagar nossas memórias, nos devolvendo à terra sem consciência do que fomos.
Em territórios totalmente mortos, nossa força enfraquece, pois não há seiva nem raiz para sustentar nossa influência.

OS DUENDES



Eu sou o Zink, líder dos duedes. Nós, duendes das lanternas, já estamos em movimento. Estamos ocupando trilhas esquecidas, ruínas e caminhos que parecem seguros demais. Cada lanterna está sendo ajustada para criar **Luz Enganadora**, testando quais tons conduzem melhor humanos para rotas falsas, círculos longos e terrenos perigosos.

Estamos treinando o **Apagamento da Orientação** constantemente. Perto de nós, fazemos bússolas falharem, apagamos referências no céu e distorcemos a percepção de tempo. Observamos quanto tempo leva para um grupo humano perceber que está perdido e ajustamos a intensidade para prolongar a confusão sem revelar nossa posição.

Também estamos praticando a abertura de **Portais de Curta Duração**. As lanternas abrem fendas rápidas apenas o suficiente para transportar pequenos grupos. Entramos, atacamos pontos específicos ou sabotamos rotas e desaparecemos antes que o inimigo consiga reagir. Vamos ajudar as fadas da luz a atravessar os feridos.

Rimos enquanto treinamos o **Riso da Ruína.** Ajustamos o som para quebrar concentração de magos e desorganizar formações. Observamos como até soldados experientes erram quando o medo surge sem explicação.

Por fim, também atuamos como **sabotadores.** Roubamos os suprimentos, apagamos fogueiras de sinalização, roubamos armas importantes e abrimos caminhos para libertar prisioneiros.

Quando os humanos entrarem no território, muitos ainda acreditarão que sabem para onde estão indo.

Nós, duendes das lanternas, também temos limitações.
A luz solar forte enfraquece nossos truques e reduz o alcance da Luz Enganadora. O ferro puro é capaz de quebrar nossas lanternas e destruir portais ativos. A água corrente apaga nossos caminhos falsos e desfaz a orientação que criamos.



AS NINFAS DA ÁGUA



Eu sou Thalássa Nymeriel, Rainha das Ninfas da Água.
E falo enquanto a maré se move. Somos sorrateiras, quando os inimigos acreditarem que estão avançando, a água já terá entrado neles.

Na guerra, nós vamos usar **Canto do afogamento**, cantando debaixo da água. Quando alcança humanos e não humanos inimigos, a nossa voz ecoa como uma linda melodia na mente deles. Quem é exposto ao canto tem memórias profundas ativadas. O alvo começa a sentir uma atração intensa e irracional pela água, Se jogando no mar, lago ou rio, o mesmo vai se afogar até a morte enquanto o canto é mantido.

O efeito depende da ninfa que sustenta o canto. Se ela for ferida ou interrompida, o vínculo se rompe e os afetados recuperam a consciência gradualmente.

Aliados de Elara não são afetados. A marca antiga nela cria uma zona de exclusão mágica, reconhecida automaticamente pelas ninfas.

Para usarmos a magia dos **Olhos da Maré Morta**, nós precisamos olhar dentro dos olhos do inimigo, nossos olhos claros e vazios podem paralisar o corpo, fazendo ele reviver seus piores medos ou induzir transe e confusão mental. Quanto mais escura a água ao nosso redor, mais forte é o efeito.

Durante movimentações inimigas, liberamos a **Névoa da Travessia.** Ela reduz visibilidade, distorce percepção espacial e interfere na orientação inimiga. Caçadores veem caminhos que não existem e perdem noção de distância e direção. Aliados enxergam rotas seguras marcadas por sinais aquáticos discretos, visíveis apenas para aqueles vinculados à aliança de Elara. Esse poder é usado para controle de território e emboscadas, não para confronto direto.

Maldição da Lua Cheia: Com a lua cheia se aproximando, nossos poderes dobram. Em breve, poderemos despertar os mortos afogados, corpos esquecidos em rios, lagos e mares. Eles não pensam, não falam e não sentem dor, vão lutar ao nosso lado. E vamos criar ilusões realistas usando a água e a luz lunar para desorientar completamente os oponentes. Durante os eclipses, nos tornamos quase incontroláveis, e é um período crucial para nossos ataques mais audaciosos.

Por fim vamos usar também a **Bênção da Água**, que é aplicada para proteção de Elara e seus aliados. Ela acelera a recuperação física, reduz perda de sangue e diminui o desgaste corporal durante o combate. Não regenera traumas graves, mas mantém combatentes ativos por mais tempo.

Elara salvou minha vida quando eu já estava à beira da morte, trazida pela corrente quase sem forma. Em troca, selamos um pacto simples e eterno: Enquanto você respirar, vamos atender o teu chamado.

Estamos prontas para matar esses malditos humanos que nos caçam por prazer.

OS HOMENS-ÁRVORE



Eu Thar'Khael, falo pelos Homens-Árvore.

Estamos nos posicionando nos limites do território. Nossos corpos assumem a Carne de Casca Viva, engrossando a pele, selando rachaduras e deixando a seiva próxima da superfície. Armas comuns já não nos atravessam. O fogo comum apenas nos acorda por completo.

A **Seiva Ígnea** está sendo estimulada. Testamos o fluxo dentro de nós, aprendendo a lançá-la com precisão. Onde ela toca o solo, raízes cortantes nascem. Esses pontos são marcados como zonas de contenção, ninguém atravessa duas vezes.

Vamos ativar o **Chamado das Raízes Profundas** em áreas estratégicas. A terra responde lentamente, mas responde. Ensaiamos a imobilização de grupos inteiros, fechando o solo sob pés inimigos, quebrando ossos sem pressa.

Nossa **Seiva de Lava** não é apenas ígnea, ela é lava de vulcão.
Corre quente e pesada sob a casca, queimando quem nos toca sem a nossa permissão. Pode ser cuspida ou lançada como lâminas viscosas que derretem até metal, selam feridas nossas e abrem crateras no solo.
Quando cai na terra, endurece em raízes negras cortantes.

Nossa outra estratégia, é quando um caçador se esconde atrás de uma de nós, pensando sermos árvores comuns. Nesse momento usamos nossa **Mordida Venenosa:** Nossos dentes são afiados como lâminas de pedra.
A mordida injeta um veneno mortal, feito de seiva tóxica.
O corpo do inimigo enrijece, a respiração falha, os músculos travam.
Não mata rápido, primeiro paralisa, enfraquece e entrega o corpo ao solo e às raízes.

Como todos nós, também temos nossa fraqueza:
Magia de sal corta nossa ligação com a seiva.
Terrenos totalmente mortos e desertos, enfraquecem nosso corpo.
Traição vinda da própria floresta nos fere mais do que qualquer lâmina.

OS SÁTIROS



Eu sou Kaelthar, o líder dos sátiros.
Vamos entrar na guerra, e alguns vão usar a **Fúria do Chifre Negro**, Este é o nosso transe de guerra. Nossos olhos escurecem completamente, e os chifres se transformam em armas rituais letais. Avançamos como uma muralha de músculos e impacto. Nesse estado, não existe a palavra recuar: ou vencemos, ou caímos.

Antes da batalha, realizamos o **Ritual do Sangue e da Seiva:** cortamos nossa própria pele e misturamos nosso sangue com a seiva das árvores anciãs. Marcamos nossos corpos com símbolos que nos tornam temporariamente imunes à dor e ao medo. Tornamo-nos máquinas de guerra imparáveis.

A **Força da Terra** sustenta cada passo. O chão treme quando caminhamos. Quanto mais antiga é a floresta, mais forte nos tornamos. Se somos feridos em solo fértil, a própria terra nos alimenta, e a regeneração começa, lenta, constante, inevitável.

Atuamos como **Guardas do Caminho Verde**: Somos os mestres das rotas. Nossa função é proteger as passagens secretas e conduzir Elara e nossos aliados com total segurança através da mata. Sob nosso comando, a floresta obedece e se fecha para qualquer inimigo que tente nos seguir.

Usamos a **Maldição do Território Profanado** quando o inimigo ultrapassa certos limites. Se árvores são queimadas, rios envenenados ou raízes sagradas violadas, a floresta reage através de nós.

A partir desse momento, iniciamos uma caçada ritual. O alvo é marcado pelo próprio território. Não importa a distância nem o esconderijo, podemos perseguir por dias. O inimigo não encontra descanso, perde rotas e é forçado a se mover constantemente. Durante a caçada, a floresta fecha caminhos, bloqueia saídas e direciona o alvo para áreas onde não há apoio, até que a ameaça seja eliminada.

O Juramento de Kaelthar
O inimigo sentirá o solo vibrar muito antes de nos ver.
Quando os chifres negros baixarem, a investida será final.

As Mulheres Corvo



Nós somos as três Mulheres-Corvo. Enquanto os exércitos se chocam e o sangue tinge a terra, nós nos posicionamos no limiar. Não criamos a morte, apenas a acompanhamos. Vivemos entre o campo de batalha e o além, entre o destino e a escolha, e entre o último suspiro e o silêncio. Nossa função nesta guerra não é liderar, mas gerenciar a transição das almas e colher o que resta do conflito.

Observamos de longe e nossos poderes na prática funcionam assim: **Visão do Fim**: Já conseguimos ver quem vai morrer nesta batalha antes mesmo do primeiro golpe. Sentimos quando o fio do destino está prestes a romper e marcamos as almas que já estão "partindo". Não podemos mudar o curso de tudo, mas nosso papel é avisar sobre o que é inevitável.

Forma do Corvo: Para nos movermos, nos transformamos em corvos negros, bandos inteiros ou sombras aladas no céu. Isso nos torna perfeitas para espionagem, fuga e para sermos o próprio presságio visual da guerra.

Roubo de Memórias: Ao tocar um moribundo no campo, absorvemos suas lembranças finais. Guardamos segredos de guerra e estratégias que morreriam com o inimigo. Carregamos milhares de vozes dentro de nós para usar a favor do nosso lado.

Asas da Travessia: Nossa função sagrada é guiar as almas para o além e proteger espíritos perdidos. Impedimos que necromantes profanem os corpos dos caídos. Onde passamos, garantimos que a morte não seja humilhada.

Por fim usamos o **Coro das Viúvas**: Quando cantamos juntas, em um tom baixo que parece o vento, enfraquecemos os exércitos inimigos. Aumentamos o medo e fazemos com que soldados larguem suas armas por pura exaustão emocial e física.

Nossa existência possui regras rígidas. Não podemos mentir sobre o destino, não importa o quanto a verdade seja dolorosa. Cada profecia que proferimos envelhece um pouco nossos corpos. Além disso, amamos raramente, pela natureza do nosso trabalho, perdemos sempre quem amamos.

Com tudo alinhado entre os líderes, o vale ganhou outro ritmo.

AS CRIATURAS PEQUENAS
Correndo entre pernas, raízes e mantas, criaturas miúdas levavam recados, mantimentos, garrafas d'água.
Pareciam crianças hiperativas.
Um deles um gnomo baixinho, gorducho segurava uma cesta de pães recém-assados.

— **Cuidado para não derrubar de novo!** gritou alguém.
— **Eu não derrubei! Saiu correndo sozinho da minha mão!**
E toda a equipe riu.

A COZINHA COMUNITÁRIA
O cheiro delicioso de ensopado de raízes encheu o ar.
Velhinhas fadas, duas elfas jovens e uma criatura-pássaro de bico dourado estavam cozinhando juntos.
O vapor subia da panela grande, iluminado pelo sol, criando arco-íris pequenos no ar.
— **Mais sal!** gritava a criatura-pássaro.
— **Menos sal!** gritava uma fada.
— **Um pouco de cada, por favor!** Eu dizia, sorrindo.

ERYON E EU COORDENANDO
Eryon caminhava pela clareira com uma postura tão firme que parecia feito de pedra... mas o olhar denunciava, ele estava atento a cada sombra.
— **Precisamos reforçar a entrada leste**, ele disse, sem tirar os olhos da floresta. — **Eu vi rastros por lá.**

— **Os elfos já estão indo**, respondi, apertando o feitiço que brilhava na ponta dos meus dedos.

Ele se aproximava de mim o tempo todo.

A cada hora, ele encostava a mão no meu ombro, na minha cintura ou nos meus dedos, como se confirmar que eu estava ali o mantivesse respirando. E eu sempre devolvia o toque.
Com um sorriso cansado... mas seguro.

— **Vamos repassar o plano**, digo ao grupo, abrindo o mapa do bosque. As runas se acendem sob meus dedos.
— **Norte: área de raízes profundas e árvores antigas. Terreno favorável para os sátiros, homens-árvore e espíritos da floresta.**
— **Oeste: o Lago Azul e a ligação com o mar. Zona de atuação das ninfas.**
— **Centro: as fadas da luz permanecem aqui, sustentando o canto para quebra de encanto contra invisibilidade.**
— **Barreira inteira: elfos posicionados em todos os pontos, cobrindo cada acesso.**
— **Entradas principais confirmadas. E todos já sabem onde cada grupo vai se posicionar.**
— **Pontos fracos protegidos.**
— **Quando eles avançarem, já estaremos onde precisamos estar.**

O troll mais velho levanta a mão, segurando uma meia mordida como se fosse um artefato sagrado.

— **E se eles vierem pelo alto?**

Antes que eu responda, Eryon cruza os braços e diz:
— **Eu cuido disso.**

A naturalidade com que ele diz faz o troll só... balançar a cabeça em aceitação. Eu viro para ele, sorrindo.
— **Eu confio em você, dragão.**

Ele desvia o olhar, um sorriso tímido aparecendo nos cantos da boca.

No meio da tarde, chamamos todos para comer. O cheiro da sopa quente tomou o ar, pão macio, ervas curativas, tomates doces. Frutas vermelhas que manchavam os dedos como tinta.
Todos sentaram no gramado, formando círculos. Alguns comiam em silêncio, outros falavam baixo, outros riam, tentando afastar o medo.

As crianças mágicas correram entre as pernas dos adultos, gargalhando, como se fosse um dia comum.
E então...Uma borboleta azul pousou no meu ombro.
Eu fechei os olhos por um instante, pedindo aos deuses uma vitória.

O sol começou a cair, pintando a floresta com sombras longas.
As fadas continuavam tecendo luz, voando em círculos e cantando como sinos distantes. Os elfos testavam o alcance das flechas, que brilhavam com ponta prateada. Os espíritos das árvores erguiam barreiras, raízes se entrelaçando como serpentes.

E os trolls... descansavam depois de tantos troncos carregados e treinamentos. Eu observava tudo.

A luz do entardecer refletia nos rostos cansados. Meu cabelo era puxado pelo vento. E meus olhos... meus olhos tentavam absorver cada detalhe daquele dia.

Eu sinto que nós temos uma chance.

Porque esse dia foi isso: unidos, fortes, cheios de esperanças
Um dia perfeito. Um dia que eu queria guardar dentro do peito.
E justamente por isso... dói tanto pensar no que vem depois.

Eu ergo as mãos, pedindo silêncio. Os murmúrios diminuem aos poucos, as fadas pousam, os elfos endireitam a postura, os trolls seguram a respiração, ninfas, salamandras mágicas, sátiro, os espíritos das árvores se inclinam em direção a mim e Velhanthir atento.
— **Eu agradeço a todos**, digo, minha voz firme apesar do cansaço que pesa nos meus ossos. Olho cada um deles nos olhos. Alguns brilham com medo, outros com coragem, outros com... fé.

— **Estou tão orgulhosa de todos nós, trabalhando juntos. Fizemos hoje o que precisávamos fazer.** Respiro fundo. — **O pergaminho nos deu três dias... e um já passou. Temos dois dias para nos fortalecermos. E se hoje, em apenas um dia, mostramos o quanto somos fortes juntos, então vamos conseguir.**

Vejo cabeças assentindo, pernas cansadas, olhos sonolentos.
Seres que já deram tudo o que podiam dar. Eu suavizo o tom.

— **Por favor... vão descansar. Um corpo cansado não vence batalha nenhuma, durmam, alimentem-se e abracem seus filhos.**
Amanhã, ao pôr do sol... retornaremos aqui.

Uma pausa. Eu sorrio, pequeno, mas verdadeiro.
— **Boa noite a todos. E obrigada... por acreditarem em mim.**

Eles começam a se dispersar.
As fadas se levantam em pequenos feixes de luz e voam para suas árvores cristalinas. Os elfos caminham em grupo, conversando baixo em Lyléan. Os trolls seguem arrastando troncos e mantas.
As criaturas pequenas correm para suas casas subterrâneas.
Os espíritos da madeira se desfazem em raízes e voltam ao solo molhado. Salamandras voltam deixando o rastrode fogo pelo caminho, as ninfas voltam para seus lares, todos vão saindo, andando devagar e cansados.

E então... Sobra apenas o som da floresta noturna e o vento frio do anoitecer batendo nos meus cabelos. Sinto Eryon se aproximar atrás de mim.

— **Você falou muito bem**, ele murmura.
Viro o rosto para ele. Ele parece... preocupado, mas orgulhoso.
— **Eles confiam em você, Elara. Você os salvou uma vez, vai salvar de novo.**

Meu coração aperta.
— **Eu só espero... não decepcioná-los.**

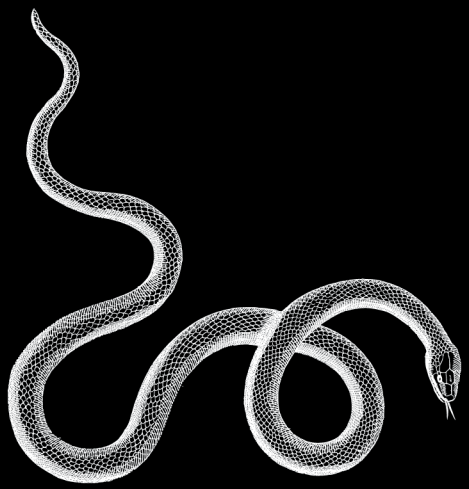
Ele toca minha mão.
— **Você não vai.**

Eu inspiro o ar úmido, sentindo a noite finalmente cair por completo.
— **Vamos...** digo baixinho. — **Também precisamos descansar.**

Ele segura minha mão com firmeza.
— **Vamos, bruxinha.**

Caminhamos de volta para casa. Os cães seguem juntos, tranquilos, barrigas cheias, passos preguiçosos depois de um dia longo. Tyr vai à frente, atento como sempre, Balder caminha ao lado de Eryon, e Costelinha no meu colo, todo sonolento deitado de barriga pra cima. Lá dentro, tomamos um banho rápido, a água lavando o cansaço, a tensão e o medo que tentaram se instalar. Deitamos na cama, Tyr se acomoda aos meus pés, pesado e quente. Balder se estica ao lado, ocupando mais espaço do que deveria. Costelinha se enfia entre nós, suspirando satisfeito.
Eu me viro um pouco, sentindo o calor do Eryon perto de mim.
Por hoje, estamos seguros.

Capítulo
A INVASÃO





Eu me deitei acreditando que teria algumas horas de paz.
A casa estava escura, aconchegante.
Os meninos dormiam espalhados pela cama, roncando baixinho.
Eryon dormia ao meu lado, quente como sempre, um braço pesado sobre minha cintura. Tudo parecia calmo.
Calmo demais.

E então...Senti, não foi um som, não foi uma visão, não foi um sonho.
Foi uma fisgada na espinha, um puxão no meu peito.
Um estalo de ar queimando por dentro.
A barreira... a barreira estava sendo tocada.

Meus olhos se abriram imediatamente.
— **Eryon!** sussurrei, sentando na cama, o coração martelando. — **Eles... eles estão aqui.**

Ele acordou com um sobressalto, os olhos flamejando em poucos segundos, como se a batalha sempre estivesse a um piscar de distância.
— **Como assim? Ainda faltavam dois dias...**

Ei já estava de pé coloando minha roupa de guerra, Eryon colocou algo simples, afinal se rasgaria em alguns minutos.

— **Alguém está usando magia avançada. Um feitiço de ocultação, eles chegaram escondidos... invisíveis até mesmo para a floresta, mas eu consigo sentir alguém tocando a barreira.**

Um estrondo abafado veio do lado de fora como um trovão distante.
A barreira tremeu.
Dessa vez, Eryon sentiu também.

— **Merda**. dise ele, já tentando se transformar. Mas algo o segurou, a casa, pequena demais para conter sua forma real.

— **Eles estão tentando quebrar a proteção**, digo com as mãos tremendo de adrenalina. — **Estão tentando forçar a passagem.**

Os meninos acordaram, rosnando, tremendo. Eu me ajoelhei e acariciei cada um deles.
— **Calma, meus amores... vocês ficam aqui dentro, não saiam por nada.**

Mais um estrondo. A barreira gritou, e não foi só um som na magia. Foi uma dor, uma dor real. Uma fisgada profunda que atravessou meu peito como se mãos invisíveis estivessem puxando minha alma pelas costelas. Deitei no chão, as mãos apertando meu peito, tentando conter... algo que não tem como conter.
O ar saiu dos meus pulmões em um soluço seco.
Eryon se aproximou num segundo.

— **Elara...** a voz dele veio baixa, grave, cheia de preocupação.
— **Você está bem?**

Eu mal consigo levantar a cabeça, mas respondo:
— **Sim...Só é o aviso... da barreira sendo quebrada.**

Respiro fundo, o chão gelado sob meus joelhos, o coração pulsando no ritmo da floresta em pânico.

Mas... há outra coisa. Algo mais profundo que os caçadores.
Um toque mágico, um toque familiar, um toque... traidor.
Levanto os olhos devagar.
Sinto Eryon me tocar nos ombros, me ajudando a ficar de pé, mas minha mente está em outro lugar, na sensação estranha se espalhando pelo meu corpo.

— **Eu estou sentindo algo... mais profundo que os caçadores,** sussurro.

Eryon franze o cenho, os olhos dourados se estreitando, atentos.
— **O que você quer dizer?**

Eu fecho os olhos por um instante, tentando decifrar a dor, o rastro mágico, a assinatura que pulsa do lado de fora da barreira como um punho batendo na porta errada.
— **Tem alguém usando magia avançada lá fora...** murmuro.
— **Alguém que sabe exatamente como a barreira funciona.**
Como tocá-la, feri-la. Como... me alcançar por dentro.

A última palavra sai quase muda.
Eryon segura meu rosto entre as mãos.
— **Um bruxo?**

Eu engulo seco.
— **Sim. Não é apenas qualquer bruxo...É alguém de Valedorne.**
O nome do meu reino pesa na minha língua.

Eryon arregala os olhos, o corpo ficando tenso, quase em forma de batalha.
— **Alguém do seu reino que quer você?**

Eu sinto a resposta antes de dizer:
— **Temo que sim. E quem quer que seja... está guiando os caçadores pela floresta. Está abrindo caminho para eles. E escondendo as tropas com feitiço de invisibilidade, só viram eles por algum descuido, e pelo tempo de caminhada, daria três dias.**

O chão inteiro vibra outra vez.

A barreira cedeu um pouco. Não muito, mas o suficiente para me gelar o sangue. Um estalo surdo percorreu o ar como se o próprio bosque tivesse arregalado os olhos.
Meu coração disparou. Antes que eu pudesse reagir, Eryon segurou meu rosto com as duas mãos, firme, presente, como se quisesse ancorar a minha alma para que eu não desmoronasse.
Os olhos dourados dele estavam queimando.

— **Vamos para fora agora.**
— **E os outros?** perguntei, a voz falhando enquanto a dor da barreira ainda vibrava no meu peito. — **Precisamos alertá-los.**

Ele sorriu. Mas não foi um sorriso doce, foi aquele sorriso de guerra.
De dragão, selvagem e protetor.
Um sorriso que dizia que ele estava pronto para matar quem encostasse em mim.

— **Eu vou avisar os elfos**, ele disse, já recuando meio passo.
— **E você checa se todos foram para o esconderijo. Vamos lutar juntos.**

Meu coração apertou como se alguém o espremesse com dedos frios.
Antes que eu pudesse falar, ele me puxou pela nuca e me beijou.
O tipo de beijo que se dá antes de partir.

Quando ele se afastou, a respiração dele batia quente contra minha boca. Os olhos dele estavam tão intensos que quase ardiam.
— **Eu te amo, Elara...Não vou te perder.** Ele respira fundo.
— **Você é forte... é muito mais forte do que acredita. Vai proteger todos que ama. E eu...** ele encostou a testa na minha, — **voltarei a tempo antes da barreira ser quebrada. Eu juro.**

Eu senti o mundo girar por um segundo.

A confissão dele, a guerra no horizonte, o calor da boca dele ainda nos meus lábios e a dor da barreira queimando dentro de mim.
Tudo se misturou.
Coloquei minha mão no rosto dele e disse:
— **Então vá**, murmurei. — **Volte para mim... Eu também amo você!**

Ele sorriu de novo, aquele sorriso de quem vai destruir qualquer coisa que tente impedir. E correu para a porta, a silhueta enorme desaparecendo na escuridão da noite.
Corri para fora em seguida, para falar com Velhanthir.
Ao lado da porta, meu amigo e meu gurdião.

Ele virou o rosto para mim no mesmo instante em que me aproximei um leve estalo de madeira acompanhando o movimento.
— **Elaraaa...** sua voz ecoou baixa, grave, como vento passando por dentro do tronco de uma árvore oca. — **Innvasoresss, vão conseguir entrar e poucoooo tempooo.**

Eu respirei fundo, ainda com o cheiro de Eryon na pele, o gosto dele na boca... e o medo queimando minha mente.

— **Velhanthir**, coloquei minha mão em sua casca quente — **eu preciso que cuide deles agora.**
Ele inclinou a cabeça, atento. — **Dos seus... cachorros e criaturas?**

— **Isso, do meus filhos e dos outros que estão lá dentro escondidos todos no porão. Preciso ver como todos estão no outro esconderijo. Você... proteja eles dentro da nossa casa.**

Velhanthir se endireitou, troncos e raízes chiando enquanto ele assumia uma postura mais alta, ultrapassando o telhado, e suas raizes foram tomando conta da casa. E minha casa desapareceu sob uma cúpula de raízes grossas, troncos entrelaçados e ramos brilhando com feitiços naturais.

— **Ninguém passaaaa por mimmmm**, ele prometeu, sua voz vindo lá de cima.— **Seuuuu larrr será segurooooo.**

Eu toquei o tronco de Velhanthir de novo, sentindo o poder dele vibrar. Eu senti o coração apertar.

— **Obrigada**, sussurrei. — **Cuide deles até eu voltar.**
Ele assentiu, seus olhos verdes se estreitando com algo que parecia... carinho. — **Volte rápidoooo, Elaraaa. Precisamos de você.**

Eu me virei. A barreira tremeu outra vez, dessa vez como um rugido abafado. E eu continuei correndo em direção ao esconderijo, enquanto o mundo ao meu redor se preparava para quebrar.

Quando alcancei o grande rochedo que escondia a entrada do abrigo, já dava pra ouvir murmúrios, choros contidos e passos apressados. Empurrei a pedra e entrei. O abrigo estava cheio, mais cheio do que nunca.
Famílias inteiras amontoadas, mães abraçando filhos, elfos com olhos tensos, fadas tremendo de nervoso dentro de pequenos globos de luz. O ar estava carregado de medo.

E quando me viram entrar...
— **Elara!**
— **Ela chegou!**
— **O que está acontecendo?**
— **A barreira tremeu, nós sentimos!**



Eu ergui a mão, pedindo calma. Meu peito ardia, meus pulmões pareciam encolher, mas eu precisava ser forte por eles.
— **Eu queria ter certeza de que todos já estavam aqui.**
Nós fomos atacados antes da hora, expliquei. **A barreira está sendo ferida por magia externa. Não se desesperem, vocês estão seguros aqui. Não saiam por nada do esconderijo, até eu ou alguém voltar e dizer que está tudo bem, entenderam?**

Todos disseram que sim

Uma mãe segurava o filho tão forte que os dedos tremiam.
Um elfo mais jovem chorava baixinho por seu pai ter que lutar a guerra.
Um dos trolzinhos rosnou de nervoso, escondido atrás da perna da mãe.
Eu dei um passo à frente, deixando minha magia iluminar meus dedos.
Coloquei água e comida por uma semana. afinal não saberiamos o tempo que eles teriam que ficar escondidos.

E então... o chão tremeu eu cabaleei.

O ar vibrou com um estalo, um som parecido com vidro quebrando, mas mais profundo. Eu senti a dor atravessar meu peito novamente.
Cai de joelhos por um segundo, a mão apertando o coração como se pudesse segurá-lo no lugar. Gritos ecoaram no abrigo.

— **A barreira!** Um ser gritava
— **Ela está cedendo!** O outro gritava do outro lado
— **Elara!**
Levantei devagar, ainda ofegante.

— **Fiquem aqui!** ordenei. — **É só a primeira rachadura. Ainda não cedeu. Eu vou voltar, prometo.**
E corri para fora antes que alguém tentasse me impedir, ou antes que algum inimigo me visse por lá.

Assim que saí do abrigo, fiz sua entrada desaparecer... vi luzes azuis riscando o céu. Fadas, dezenas delas, voavam em formação ao centro, cantando em uma língua que parecia vento batendo em cristal.
Lume, lume, lume...Lume, lume, lume...

O canto subiu, subiu, subiu, até estourar.
Uma explosão azul se abriu no céu como um sol invertido, como poeira brilhante. A luz se espalhou em ondas, atravessando o ar, varrendo a névoa... e então, finalmente, o feitiço de invisibilidade se rasgou.
E tudo apareceu. A névoa se levantou como um véu. E as silhuetas surgiram. Primeiro algumas, depois dezenas, depois centenas.
Homens armados, conjuradores encapuzados, com runas negras queimando nas mãos.

Criaturas enormes acorrentadas, escravizadas os usado como armas sob feitiço. Arqueiros de armaduras escuras, tomando posição. E conforme a luz das fadas se espalhava mais e mais... eu pude ver. Eles estavam em volta da barreira inteira. Cercando tudo.

O vale, as crianças escondidas, Eryon correndo pelo escuro.
Meus meninos protegidos dentro de casa. Todos nós, cercados como presa. Eu fui girando meu o corpo devagar olhando ao redor, um arrepio subindo pela minha nuca enquanto a luz azul das fadas revelava mais e mais inimigos surgindo na névoa por trás da barreira.

Meu coração batia tão forte que parecia ecoar no chão. Para o lado norte, vi arqueiros posicionados, flechas negras curvadas como dentes. Do sul, criaturas enormes arfavam, acorrentadas, pisando pesado demais. A oeste, conjuradores se preparavam para lançar magia negra. A leste, guerreiros humanos batiam lanças contra o escudo. Eles não podem nos ver, até que a barreira se quabre por completo. E sigo olhando tudo... e meus olhos alcaçam ele... o bruxo, o traidor.

O capuz preto brilhando com magia púrpura que corroía o ar.
Meu estômago se fechou e eu pensei:
Assim que a barreira quebrar... nós seremos esmagados.
Eu sentia na pele, em cada fibra e em cada pulsação da floresta.

Não haveria tempo para fuga, nem para reorganizar.
Eles estavam preparados para entrar por todos os lados ao mesmo tempo. O medo bateu forte, cruel e ácido.
Mas junto dele veio algo mais quente, algo que queimava mais... o nosso propósito.

Me endireitei, travei os dentes. Inspirei fundo a noite fria. E gritei, com a voz mais alta que minha alma conseguiu alcançar: — **FORMEM UM CÍRCULO!**

O som da minha voz atravessou o vale como uma lâmina.
As fadas pararam no ar, os elfos correram das sombras, os trolls deixaram cair troncos e correram pesados. As criaturas pequenas se espalharam, levando recados, os espíritos ergueram raízes.
Eu sentia cada olhar em mim.

— **VAMOS, AGORA!** Respirei profundamente.
— **ESTÃO NOS CERCANDO POR TODOS OS LADOS! CÍRCULO DE DEFESA! CÍRCULO COMPLETO! CADA SER EM SUAS POSIÇÕES.**

Aedran surgiu primeiro do lado direito, espada élfica em mãos, os olhos brilhando com a raiva de um pai que não quer perder seus filhos e esposa. — **Lythar'en val síra!** ele gritou em Lyléan. (Corram para a formação!) Não eram muitos homens, nem a metade do que tinha lá fora, mas somos mais fortes. Outros elfos repetiram o comando, suas vozes cortando a floresta como flechas: — **Val síra! Val síra!**

As fadas da luz permaneceram no alto, sustentando o canto que mantinha quebrada a magia de invisibilidade do inimigo. Outras fadas circularam entre nós, pousando mãos luminosas sobre ombros e cabeças, regulando o medo, acalmando a respiração, mantendo o foco. À frente, os trolls se posicionaram lado a lado formando uma barreira. Os homens-árvore estavam nos seus lugares combinados e a seiva sob a casca começou a brilhar de forma intensa, linhas de fogo lento correndo pelos troncos e raízes expostas.
Dei mais uma volta.. eles estavam lá.

Todas as criaturas que, nos últimos anos, tinham se tornado parte do meu lar. As ninfas surgiram dos lagos e da entrada do mar, corpos pálidos e luminosos, os cabelos brancos escorriam pelos ombros, longos e úmidos. Elas se moviam devagar, e o frio úmido que vinha de seus corpos fazia o ar se condensar, levantando véus de vapor azul rente ao chão.

Uma das Mulheres-Corvo, a mensageira espiritual, pousou no topo de uma rocha próxima. Seus olhos negros brilhavam, as penas dos braços se abriram devagar, revelando mãos humanas e garras ao mesmo tempo.
— **Isso não é só guerra**, ela avisou. **É uma dívida antiga.**
A voz dela ecoou grave, rasgando o ar.

— **Eles esperaram o momento certo... fiquem firmes e não deem brechas.** A outra mulher- corvo confirmou, e as duas alçaram voo.

Do outro lado, os sátiros surgiram do mato alto, corpos ágeis, olhos atentos, pés de casco, chifres curvados. Alguns seguravam lanças curtas de madeira escurecida e seus corpos estavam marcados por rituais. Um deles bateu o casco no chão, fazendo a terra vibrar. — **Estamos com você, bruxa!** O líder gritou.
— **Formem grupos e se espalhem nas áreas combinadas.** Eles seguiram se esplahando em grupos

Atrás deles, criaturas menores começaram a se posicionar. Duendes ágeis se espalharam pela floresta com lanternas mágicas parcialmente cobertas, a luz surgindo e sumindo entre raízes e troncos. Alguns desapareceram entre as árvores, outros se esgueiraram por passagens estreitas que só eles conheciam. Já ocupavam os pontos combinados: prontos para abrir portais rápidos para as fadas, sabotar linhas inimigas, roubar armas, cortar suprimentos e desaparecer antes de serem vistos. Ver aquela movimentação calculada e tão precisa... fez meu peito aliviar. Os rostos deles me encaravam como se eu fosse a âncora que segurava o mundo inteiro no lugar.

A Rainha das ninfas, Thalássa, se aproximou. A pele pálida e brilhante e sobre a cabeça, uma coroa feita de conchas claras e fragmentos de madrepérola, encaixada perfeitame, como se tivesse nascido com ela. Pequenas gotas escorriam entre as conchas, nunca caíam no chão. Os cabelos brancos desciam pelas costas como fios de maré. O corpo era coberto por um manto translúcido, preso aos ombros por fechos de coral, que se movia com ela mesmo sem vento.
Quando falou, a voz era baixa e firme, carregada de profundidade, como som que atravessa a água antes de chegar à superfície.
— **Estamos preparadas, Elara. O mar, os lagos e os rios estão sob nosso domínio. Quem ousar atravessar, não viverá para contar essa história.**

Uma das Mulheres-Corvo abriu as asas, espalhando penas que flutuaram como sombras suspensas no ar.
— **Seu comando, nossa casa, nossa guerra.**

As Fadas das Sombras começaram a se manifestar, permanecendo nas bordas da barreira, espalhando-se entre troncos, pedras e desníveis do terreno, prontas para atacar. Os Espíritos das Árvores despertaram, árvores ancestrais se deslovam lentamente, abrindo caminhos próprios, revelando rostos antigos que observavam o avanço inimigo com atenção calculada. Eu inspirei fundo... e pensei: Eles confiam em mim, eu não posso falhar.

Capítulo

A BARREIRA SE QUEBRA





O ar ficou pesado. Pesado como se o próprio céu estivesse prestes a cair sobre nós. Eu senti a magia vibrar na minha espinha antes de ouvir o som, uma vibração profunda, antiga, que ecoou entre as árvores como um coração prestes a falhar.
As runas da barreira começaram a piscar. Primeiro douradas, depois vermelhas...e então... CRACK.

Um único estalo, como se tivesse sido lançado bem no meio do meu peito. Minhas pernas fraquejaram, as fadas no céu pararam de bater as asas por um segundo, os elfos arregalaram os olhos.
Os trolls rosnaram, as ninfas se posicionaram.

Até os espíritos das árvores estremeceram, soltando farpas do tronco. Eu virei o rosto para a esquerda e vi uma rachadura fina.
Como uma linha de luz branca se espalhando pelo ar, do chão até o topo da barreira.
— **Não...** sussurrei.
A rachadura se expandiu.

CRACK. CRACK. CRACK

Linhas novas se abriram, se multiplicando como vidro quebrando. Cada estilhaço brilhou, por um segundo apenas. E então...

TUDO se quebrou.

Com um estrondo tão alto que fez o bosque inteiro tremer.
A barreira EXPLODIU em milhões de fragmentos de luz que voaram pelo ar como pássaros coloridos antes de desaparecer.

A magia protetora que eu mantive por três anos, que segurou tempestades, criaturas, feitiços e medo...simplesmente sumiu.
Fiquei sem ar e senti o vazio absoluto, horrível.
Como se alguém tivesse arrancado algo de dentro de mim.

E quando o último fragmento de luz se apagou...o mundo ficou escuro.
Muito escuro e silencioso por meio segundo.
Depois disso... ELES CORRERAM.
Como uma onda de pessoas, uma avalanche de corpos.
Armaduras batendo, bestas sendo erguidas, criaturas rugindo.
Todos vindo na nossa direção, como se o bosque estivesse sendo engolido por uma tempestade humana.

— **AGORA!** gritei, minha garganta queimando.

Aedran ergueu o arco.
— **Val'thor EN'RAYA!** (Disparem sem hesitar!)

Os elfos puxaram as cordas ao mesmo tempo. O som foi como vento cortado. As flechas prateadas voaram, luz, magia e precisão absoluta.
E caíram sobre o exército humano como chuva mortal.
Os primeiros homens tombaram antes de entender o que estava acontecendo. Conjuradores foram atingidos na cabeça, criaturas escravizadas ruíram de lado e a primeira linha deles QUEBROU.

Mas a segunda veio e a terceira.
E eles continuavam avançando, agora gritando, pisando nos mortos, lançando magia negra. As ninfas que estavam em terra, levantaram véus de água. A umidade se espalhou pelo chão em círculos irregulares, formando poças profundas onde antes havia terra firme. Soldados que avançavam com pressa afundaram até os joelhos, depois até a cintura. Alguns largaram as armas para tentar se equilibrar. Outros simplesmente desapareceram sob a superfície escura, puxados por mãos dos afogados.

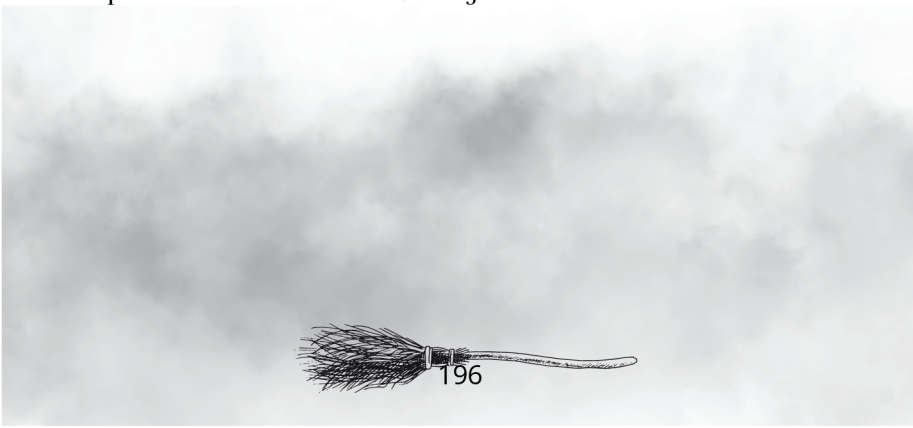


Do outro lado, elfos avançaram para a linha interna de defesa. As espadas foram sacadas com precisão treinada, lâminas longas refletindo o brilho da noite. Quando a primeira leva inimiga atravessou o alcance das flechas, os elfos fecharam formação, golpes curtos, fatais.

Às margens do campo, as Fadas das Sombras entraram em ação, elas não atacaram diretamente. A escuridão se concentrou em pontos específicos: conjuradores humanos começaram a errar palavras, símbolos se desfizeram antes de completar o feitiço. Alguns soldados pararam no meio da corrida, olhando para os próprios aliados e começaram a se atacar entre si. Gritos surgiram onde não havia ferimentos, medo puro.

As raízes sob o solo reagiram ao peso do avanço. Espíritos das Árvores fecharam passagens, ergueram o chão em ângulos irregulares, quebrando formações. Onde um passo deveria ser firme, o terreno cedia. Onde um recuo seria possível, o caminho já não existia.

Os trolls avançaram um passo à frente da linha. Punhos cerrados, corpos absorvendo impacto. Onde um deles golpeava, não restava formação inimiga, restava apenas corpos espalhados e espaço aberto para os elfos retomarem posição.
O ataque humano continuava, mas já não era coordenado.



As fadas lançaram feixes de luz coordenados. Algumas permaneciam nos pontos altos, sustentando o canto. Outras se moviam rápido entre árvores e pedras, alcançando os feridos antes que o pânico se espalhasse. Sempre que alguém caía, um brilho curto envolvia o corpo e, no instante seguinte, um portal se abria perto do chão. Duendes puxavam os feridos para dentro, sem cerimônia, levando-os para áreas seguras antes que o inimigo percebesse.

Os duendes também estavam por toda parte, lamparinas apagavam fogos de sinalização, mãos rápidas arrancavam flechas dos corpos ainda quentes, soltavam correias, roubavam espadas caídas. Onde os humanos tentavam se reorganizar, descobriam tarde demais que estavam sem armas, sem luz, sem direção.

Pelos flancos, os sátiros entraram em movimento. Não avançaram em linha, correram pelos lados, usando as raízes e desníveis como apoio. O impacto veio rápido. Corpos fortes derrubavam no choque, chifres abaixados perfuravam corpos, cascos batiam no chão com força suficiente para desestabilizar grupos inteiros. Eles não paravam, passavam, quebravam, seguiam.

Eu ergui as mãos e conjurei um escudo de luz. Três lanças negras atingiram ao mesmo tempo. O impacto percorreu meu braço como fogo, meu corpo sacudiu inteiro, mas eu não cedi um passo.
— **Se mantenham firmes!** gritei.

Mais à frente, caçadores humanos tentavam se esconder entre árvores e sombras. Foi um erro. Homens-árvore se moveram entre eles. Alguns foram agarrados por raízes que surgiram sob os pés. Outros se queimaram ao tocar a casca, a seiva escorrendo quente, cuspida em jatos curtos que abriam crateras em corpos humanos ou criaturas. Onde alguém se escondia atrás de um tronco achando estar seguro, dentes de afiados se fechavam rápido demais para reação.



Eu, que nunca tinha matado ninguém, estava no meio de uma guerra. Minha vontade de proteger todos eles era maior que o medo de enfrentá-los. Maior do que o pânico correndo gelado pelas minhas veias.
Eles não paravam de vir. Estavam próximos demais, rápidos demais... e todos lutando ao mesmo tempo. Meus olhos percorriam a tudo e a todos.
O barulho, os gritos, a magia no ar, tudo se misturou.
Meu coração acelerou mais rápido que o normal, meu corpo travou por um instante e o medo subiu de uma vez, pesado e paralisante.

Então uma voz cortou o campo de batalha:
— **PEGUEM A BRUXA!**
Os humanos mudaram de direção na mesma hora.
Vieram todos para mim.
Meu coração estavas prestes a rasgar o peito. A respiração falhou, curta, irregular. Eu vi algo se mover pela direita.
Rápido e pesado... Eryon.

Ele surgiu entre as árvores correndo, o peito expandido, as veias do pescoço marcadas por um brilho quente, contido. Os olhos dourados brilhavam intensamente, foi quando chegou perto o bastante... ele não hesitou. O corpo dele se transformou.
A estrutura cresceu de forma brutal, ossos se estendendo, a pele se cobrindo de escamas, asas se abrindo com força suficiente para rasgar o ar e garras enormes surgiram.

Ele deu um rugido que estourou pelo bosque inteiro, um som tão profundo que parecia um terremoto. Ele ergueu o pescoço e cuspiu fogo. Um mar de chamas varreu a frente do exército, quebrando o ímpeto do exército que corria em minha direção.

DEZENAS de homens foram queimados instantaneamente. Alguns nem conseguiram gritar. Outros tentaram correr, mas as chamas os alcançaram. O fogo iluminou tudo, as árvores, as raízes, os rostos em choque, as fadas girando no ar.

E por um segundo...
por um único segundo...
Eu achei que venceríamos.
Mas então...

DE NOVO.
Senti o cheiro da magia púrpura torcendo o ar, como ferrugem queimando. O bruxo traidor levantou a mão...e SE DESFEZ em poeira violeta. Invisível de novo.
— **FADAS**! gritei, o desespero tomando minha voz.
— **CANTEM NOVAMENTE! O BRUXO ESTÁ INVISÍVEL!**

E começaram:
Lume... Lume... Lume...
A guerra reiniciou com intensidade dobrada.
E eu sabia: Se não acharmos o bruxo... estaríamos todos mortos.

A guerra estava acontecendo ao meu redor.
Gritos, espadas, flechas cruzando o ar, sangue se espalhando e chão tremendo sob passos e explosões de magia.
Um golpe me atingiu em cheio. Minha vassoura partiu ao meio e caiu no chão, inútil. Fui empurrada para dentro da confusão, cercada por corpos em movimento, metal batendo em metal, respirações ofegantes, senti respingos quentes de sangue no meu rosto. Alguém caiu ao meu lado, o choque foi tão próximo que senti o calor no rosto antes mesmo de entender o que tinha acontecido.
O ar estava pesado de fumaça, suor e medo. Eles estavam diminuindo... mas ainda eram muitos perto de nós.



Meu coração batia descontrolado, forte demais para o meu próprio peito. Mesmo assim, continuei. Conjurei escudos, desviei golpes, ergui barreiras instáveis, qualquer coisa para impedir que mais alguém do vale caísse.
Eu não estava lutando para vencer.
Eu estava lutando para manter todos vivos.
Minha função sempre foi essa. Sustentar, proteger e manter o campo inteiro de pé enquanto o mundo lutava.

Eu sabia atacar. Sabia lançar feitiços que rasgariam carne e ossos. Mas, no momento em que precisava cruzar essa linha... algo em mim travava. Eu sentia o medo me controlar, como se, ao matar, eu perdesse exatamente aquilo que eu sou.

Enquanto eu segurava o centro, a guerra se espalhava. No mar, nos lagos e nos rios, as ninfas submersas, cantavam. O Canto do Afogamento vibrava debaixo da água. Homens que avançavam pelas margens paravam de repente. Largavam armas, caminhavam sozinhos para dentro da água, os olhos vazios, totalmente hipnotizados. Alguns se jogavam, outros apenas entravam... e não voltavam.

Uma ninfa emergiu perto das rochas, a pele pálida brilhando sob a lua, os cabelos brancos colados ao corpo. Ela sorriu ao ver mais um afundar.
— **Estávamos precisando de homens por aqui**, disse, a voz baixa, cruel.
— **Para nos servirem**. E um sorriso maléfico surgiu em sua face, o riso que veio depois, foi muito alto, e atravessou a água como um corte.

Com a Maldição da Lua Cheia, corpos antigos começaram a se mover. Afogados esquecidos emergiram nos pontos certos, mãos puxando pernas, braços se fechando em torno de cinturas. Não falavam, não hesitavam... apenas arrastavam.



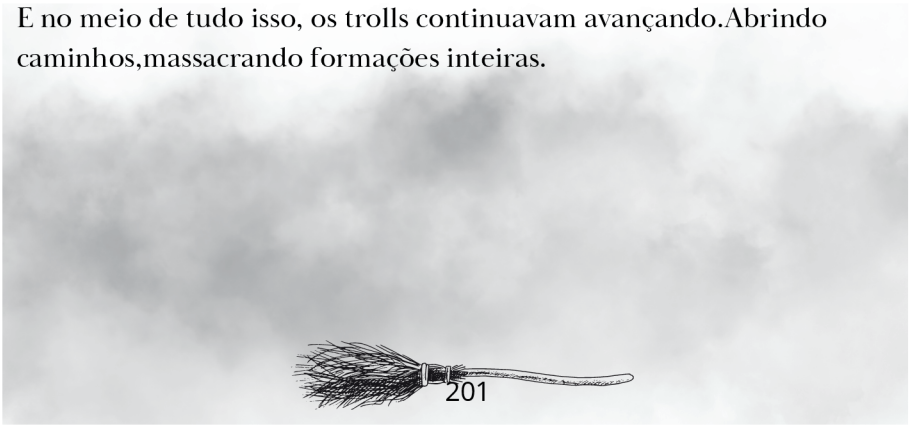
Mais atrás, onde nossos aliados caíam feridos, outras ninfas ativavam a Bênção da Água. O sangue estancava, o corpo aguentava mais tempo, a respiração se estabilizava. Não curava tudo, mas mantinha vivos os que ainda podiam lutar.

Acima do campo, as Mulheres-Corvo começaram o Coro das Viúvas. Um canto de corvos, um peso que caía sobre o inimigo. Ombros curvavam, espadas ficavam pesadas demais. Muitos simplesmente paravam, exaustos, sem entender por quê.

Nos caminhos alternativos, os duendes já tinham feito o território desaparecer. Trilhas se repetiam e o tempo se distorcia. Os magos erravam conjurações simples, distraídos pelas risadinhas que surgiam do nada. Cada riso quebrava a concentração, desfazia selos, fazia feitiços falharem no último segundo.

Os Espíritos das árvores, absorviam ataques diretos. Magia lançada contra eles sumia na casca... e voltava. Duas vezes mais forte. Conjuradores menores caíam quase imediatamente, sem entender como seus próprios feitiços os tinham atingido. Estavam quase todos mortos.
As Sombras Enraizadas se estendiam pelo chão, agarrando pernas, prendendo braços, sufocando em silêncio.

E no meio de tudo isso, os trolls continuavam avançando.Abrindo caminhos,massacrando formações inteiras.



E então aconteceu... O bruxo.
Ele apareceu parado na porta da minha casa. A mão dele estava no trinco. E o Velhanthir, meu guardião estava caindo.
As raízes dele, aquelas que sempre abraçaram minha casa, estavam murchas e queimando, morrendo com a magia do bruxo.

— **Não...** A palavra quase não saiu. Foi engolida pelo barulho da guerra atrás de mim.

Atravessei o caos, passei por meio de solsados, desviei de corpos, senti o vento de lâminas passando perto demais, ouvi metal raspando minha pele. Não parei. Minha respiração queimava, o chão parecia instável sob meus pés, mas eu continuei. Até chegar diante da porta.

Ele virou a cabeça devagar, como se já soubesse que eu viria. Ainda não podia ver seu rosto. Mas enxergava seu sorriso maléfico.
— **Então era aqui que você estava se escondendo**. A risada foi curta e calculada.. —**Você é patética, Elara.**

Meu corpo tremia inteiro.
— **Nos deixe em paz... por favor...** respiração ofegante. **Se você quer a mim... me leva... Mas não abra essa porta.**

Ele inclinou a cabeça, como se gostasse da minha dor.
— **Além dos seus cães imundos, tem outros seres aqui dentro?** disse, a voz carregada de desprezo, — **Estão escondidos? Eu adoro brincar de procurar**, passou a língua pelos lábios.

Eu pensava nas criaturas e meus meninos escondidos no porão. Para os que não couberam no abrigo. Para os que confiaram em mim..
Meu coração congelou.
— **Por favor**, meus olhos marejados — **me leva. Só para com isso... deixa todos em paz...**

Ele gargalha. Gargalha como se meu desespero fosse música.— **Ah, eu vou levar você...** disse com aquele sorriso, doentio. — **Mas só depois de matar todos eles.**

Senti meu estômago virar gelo, e finalmente, ele tirou o capuz.
O rosto é pálido demais, quase sem vida. Os olhos roxos, fundos, devorados pela própria magia. Os lábios rachados sangram enquanto se curvam num sorriso que não é humano.
Valderick Thorne.

O nome que aterrorizava qualquer sussurro em Valedorne. O bruxo exilado e assassino, o homem que tinha jurado destruir eu e minha família.

— **Você...** sussurrei, sem ar. — **Valderick Thorne...**
Ele gargallhou como um psicopata

— **Ah... eu esperava tanto por esse momento**, disse, inclinando a cabeça. Senti minhas mãos tremerem.

— **Minha família não te fez nada além de obdecer ordens...** murmurei, a voz tremendo. — **Você traiu o reino... matou inocentes... poderia ter fugido...**

Ele levantou o rosto e gritou tão forte que o ar vibrou:
— **CALE A BOCA!** Aquele grito, mostrava o quanto ele estava louco.
— **Você é uma... Kyr'vhan mar**, rosna, cuspindo no chão — **uma ofensa ao nome das bruxas**. O olhar dele me percorre de cima a baixo, lento, calculado. — **Olha pra você...**

— **... você não mata, você cura, você acolhe. Você construiu...** ele olha ao redor, — **esse reino tão nojento quanto você. Cheio de criaturas defeituosas, exatamente como você.**

Eu engoli o ar, sentindo meu coração apertar.
— **Por favor...** minhas mãos tremiam — **deixe todos irem... por favor.**

Ele sorriu. Um sorriso lento, cruel, satisfeito com a minha súplica.
— **Sua família matou a minha família, Elara.** A voz dele ficou baixa e maléfica. — **Seus pais não tiveram piedade... E onde estava a "bruxa bondosa", hein?**
ONDE VOCÊ ESTAVA QUANDO ELES DESTRUÍRAM MINHA VIDA?
Ele gritava enquanto arranhava a porta de madeira com a suas unhas afiada

— **Por isso, vai ser um prazer quebrar você, pedacinho por pedacinho.** Ele deu um passo para frente.
— **Quero que assista enquanto eu mato cada um dos que você ama... E depois eu te levo.** Outra gargalhada doentia.

Os olhos dele brilharam de ódio puro.
— **E por fim... vou matar você diante dos olhos dos seus pais. Do mesmo jeito que me obrigaram a olhar minha família morrer.**
A risada dele ecoou como se viesse de todos os cantos da floresta.
— **Divertido o meu plano, não acha?** Ele deu um sorriso diabólico.

Eu estava tremendo da cabeça aos pés.

— **Por favor...** minha voz mal sai. — **Eu entendo que você está com raiva... mas eles não têm que pagar pelos erros da minha família.**
— **Só me leva...** engulo o choro. — **E me mata logo... por favor...**

Ele estalou a língua.

— **Agradeça ao seu dragãozinho.** Seus olhos se estreitaram.
— **Quando ele caiu... identificamos esse seu reino barato, e seguimos o rastro da magia dele.**

Ele inclinou a cabeça. — **E assim chegamos até você..**
A voz dele caiu para um sussurro grave, quase um cochicho.
O olhar dele mudou, ganhou fome e sede.
— **Vou te contar um segredo... eu vou matá-lo.** A frase saiu lenta, arrastada, saboreada, lambendo novamente seus lábios. — **Vou arrancar os dentes do seu dragão, vender cada um no mercado negro, arrancar a pele para fazer armaduras...** Ele aproximou o rosto do trinco, os olhos brilhando como facas.
— **E vou beber o sangue dele, ser jovem e forte mais uma vez, e depois... bom, eu vou jogá-lo fora.**

Meu coração acelerou.

— **E quando estiver mais jovem e forte**, ele sussurrou, quase em êxtase — **vou dominar Valedorne, toda a magia antiga, toda a força das chamas, todo o poder que deveria ter sido meu.**
Ele lambeu a própria unha afiada, como se já sentisse o gosto.
— **E farei isso assistindo você quebrar, Elara. Assistindo você implorar. Assistindo você perder tudo... exatamente como eu perdi.**
A porta rangeu sob a mão dele, e a porta abriu.

E Costelinha saiu correndo.
— COSTELINHAAAA, NÃOOOOO!

Ele o pegou pelo pescoço com uma rapidez brutal. O corpinho dele balançou no ar. Eu comecei a chorar imediatamente.

— **Não... por favor... ele não...** chorava desesperadamente sem conseguir conter minhas lágrimas. — **Me leva... me leva... por favor... Mas solta ele... eu te dou um pouco do sangue de dragão... Me mata na frente dos meus pais, o que você quiser... Mas ele não, eu imploro.**

O bruxo desceu as escadas e ficou um pouco mais próximo a mim, colocou seu rosto no pescoço do Costelinha, o cheirou profundamente e voltou a me olhar.
— **Sua família matou todos que eu amava.**

— **Mas você matava pessoas inocentes... por favor...** Eu disse chorando

Ele sorriu, um sorriso frio.
E ...
Com uma unha negra, longa e afiada.
Ele cortou a garganta do Costelinha.
Sem hesitar... Sem pensar... Sem alma.

O sangue escorreu pela sua mão, e o bruxo simplesmente o jogou em minha direção como se fosse lixo, e se virou em direção a porta novamente.
Corri e jogando meu corpo para frente, caindo de joelhos na terra, segurando o corpinho dele, antes que ele tocasse o chão.

— **Não... não... meu filho...**o sangue escorrendo nas minhas mãos
— **Meu amorzinho... Por favor, fica comigo...** chorando em prantos
— **FICA COMIGO...filho**, por favor, fica comigo.
Eu soluçava tão forte que doía respirar.

Minha visão ficou borrada. O mundo sumiu.
Só existia aquela dor absurda acontecendo dentro do meu peito.
Segurei ele com força, pressionei meu rosto no dele.
— **NÃO... NÃO... NÃO...**

Então a dor explodiu dentro de mim. Como se meu coração tivesse sido dilacerado. Olhei para o céu com ele morto nos meus braços, o grito subiu pela minha garganta. Se rasgou para fora.
— **AAAAAAAAAAAAAAAAHHHHHHHHHHHHHHHH!!!!**

O chão tremeu.
Meu peito travou.
A dor, a dor de perder meu filho está tão grande, que parecia rasgar minhas costelas por dentro...
... Meu cabelo começou a se erguer devagar, como se mãos invisíveis o puxassem para cima, contornados por uma fumaça negra.
Não havia vento, não havia ar, só havia a escuridão.

A fumaça negra começou a descer para o meu corpo.
Descia pelo meu pescoço, tocava meu rosto com garras suaves de sombra. Depois meus braços, meus ombros, meu peito, desceu para meus dedos tremendo contra o corpinho dele.

Era como se eu estivesse queimando... sem fogo.

Como se tudo que eu era estivesse se desfazendo.
A fumaça se movia como se tivesse consciência.

E quanto mais eu gritava... Mais ela crescia, mais densa e mais forte ficava. Meu corpo inteiro tremia, não de medo, não mais.
Era o ódio e perda.

As chamas negras começaram a tomar forma nas extremidades da fumaça. Chamas que não queimavam o chão, me quimavam por dentro. Queimavam tudo que ainda havia de luz em mim.

E meus olhos... Meus olhos foram escurecendo. Primeiro o castanho sumiu, depois a pupila se dilatou até engolir tudo.
Até meu olhar virar um abismo completamente preto e profundo.
Minha pele ficou ainda mais pálida, veias de noite líquida começou a correr pelo meu corpo todo. E meu coração...

Meu coração, que sempre foi luz, cura, amor...
Foi tomado por escuridão.
Tomado por uma fúria tão grande que nem eu sabia que existia.

Eu respirei e a fumaça negra entrou e saiu de meus pulmões como se fosse ar. Eu me levantei, não como Elara, a bruxa bondosa.
Mas como algo que o próprio reino temia despertar.
Como a filha dos Reis de Valedorne.
Como herdeira da magia sombria que dormia no meu sangue.
Meu corpo tremia, não de fraqueza, mas de poder demais para caber dentro de mim.

As fadas vieram em um voo trêmulo.
Pequenas, brilhantes, com olhos arregalados e molhados de tristeza, cantavam baixinho

Seren'ael... Seren'ael...Lumilae... lumilae...
Nym'a soren...Lume'thor... Lume'thor...
(Tira a dor... leva o mal...alma pequena... luz que guia)

Eu segurei Costelinha nos braços uma última vez.
Tão pequeno, tão mole, tão... quieto.
Meu coração se partiu mais uma vez.
Entreguei-o às fadas. Elas o suspenderam no ar com magia pura, luz ao redor do corpinho frágil dele.

Aproximei meus lábios de suas orelhinhas minúsculas e cochichei algo, entregando um saquinho tecido preto. Elas acenaram, soluçando, e voaram levando meu filho, cercadas de luz como um cortejo de despedida.

Meu olhar voltou para a casa, para o monstro que a invadira.
Para o assassino do meu filho, e nenhuma luz restou em mim.
Comecei a caminhar...

O primeiro humano que correu até mim gritou algo que nem ouvi.
Eu apenas ergui a mão e minha palma se fechou ao redor de sua garganta. Quebrei seu pescoço, que estalou como galho seco.
O corpo caiu aos meus pés como um saco vazio.

Outro veio com uma espada, gritando, tentando me acertar.
Eu virei o rosto devagar, como se ele fosse lento demais para existir.
Com um movimento tão rápido que nem eu consegui ver...
Arranquei a espada da mão dele e a empurrei de volta.

A lâmina atravessou o peito dele como manteiga quente.
Ele caiu de joelhos, depois caiu por completo.
Eu segui andando.

Cada passo deixando uma sombra negra pelo chão.
A fumaça me rodeava como um manto em movimento.
Meus olhos, inteiramente pretos, brilhavam de dentro.



Capítulo
O SALTO





A casa estava destruída, raízes arrancadas, paredes queimadas.
Mas o porão intacto.
Subi as escadas como se meu corpo flutuasse. Quando empurrei a porta do sótão, ela quebrou, voando para longe.
O bruxo virou o rosto.

Ele recou um passo, depois outro.
Os olhos dele se encheram de pavor puro.
Ele gaguejou:
— **O... está fazendo aqui, era para estar devastada chorando a morte do seu bicho para humanos.**

Eu ergui a mão. Toda a fumaça negra do meu corpo subiu para ela. E com um único gesto, como se puxasse o ar... apontei as mão em direção a ele, a fumaça negra empurrou o bruxo com força sobrenatural, ele voou para trás como se tivesse sido atingido por uma tempestade. A madeira do sótão rachou, a parede inteira explodiu para fora. E o corpo dele despencou do alto.

Ele caiu no centro do campo de batalha, exatamente onde a guerra acontecia mais violentamente. Soldados humanos recuaram assustados, as criaturas acorrentadas hesitaram, as fadas recuaram em um clarão de luz. O impacto levantou poeira, destroços e folhas, formando um círculo vazio ao redor do corpo dele. E por apenas alguns segundos, quando olhei para trás para medir a distância do impulso que tinha tomar antes de pular, e olhar para fora novamente, ele já não estava mais lá.

O círculo de poeira ainda pairava...mas o corpo dele havia sumido.
Como se tivesse sido puxado para dentro da escuridão.
Ou como se tivesse se erguido rápido demais.
Meu coração bateu forte, uma batida seca, pesada.

— **Maldito...** sussurrei, sentindo a fumaça negra subir do meu peito.
A madeira estalou atrás de mim, minha pele se arrepiou.
Eu ainda o sentia, ele ainda estava por perto.

A guerra rugia lá fora.
Gritos, chamas, medo, homens lutando contra elfos, podia escutar o barulho das espadas. A destruição ecoava de todos os lados.
Mas eu não hesito, dou alguns passos para trás...
e corro. Corro até a beira do buraco aberto no sótão, sentindo a adrenalina explodir no meu sangue. A magia sombria vibra dentro de mim como um segundo coração. Solto o ar... e salto.
Lanço o corpo para frente sem pensar, sem medo.

O vento noturno bate no meu rosto com violência. O cheiro de terra queimada sobe rápido demais. As luzes das fadas tremulam no ar abaixo de mim, como estrelas à beira do colapso.

O chão se aproxima rápido. Soldados me veem cair. Apontam armas, gritam ordens confusas, tentando entender o que despenca do céu.
E então... no exato instante em que a terra vai me engolir um rugido colossal rasga a floresta. — RAAAAAHHHHHH!
O ar treme. As árvores se curvam, chamas iluminam a noite.

Eryon. Ele mergulha na minha direção com precisão absoluta.
No segundo exato em que estou caindo ... ele passa por baixo de mim.
Meu corpo colide contra as costas dele. Seu corpo é colossal com escamas que queimam sob minhas mãos.
As asas cortam o ar com força brutal. O fogo pulsa nas veias do pescoço dele, vermelho e vivo, como lava contida.

— **Elara!** a voz profunda dele ecoou na minha mente. — **Segure-se!**

Eu me agarrei. E juntos, mergulhamos direto no coração da guerra.
Bem próximo ao chão, Eryon abriu a boca e soltou fogo para todos os lados, um arco dourado e selvagem que varreu humanos, conjuradores e criaturas como se fossem poeira.
O calor subiu pelas minhas pernas, iluminando meu corpo com um brilho feroz.

E eu, nas costas dele, ergui as mãos e deixei a magia sombria fluir.
— **Luxa Umbrel**! lancei, e a explosão negra abriu caminho entre escudos e armaduras.

Uma onda de energia saiu das minhas palmas como lâminas de sombra, cortando o ar, derrubando os que ousavam mirar em nós.
Eryon rugiu, batendo as asas com força, levantando um vendaval que empurrou um grupo inteiro de caçadores para trás.

— **Agora, Elara!** sua voz mental veio urgente e quente. — **Desça!**

Ele mergulhou abruptamente, inclinando o corpo. Eu soltei uma das escamas, deslizando pelo flanco dele e saltei quando minhas botas quase tocaram o chão.
Aterrissei com impacto, meus joelhos flexionando, a sombra vibrando ao meu redor como um animal à espreita.

A terra cedeu um pouco sob meus pés. A fumaça subiu.
Meu cabelo flutuou, completamente tomado pela magia negra.
Eryon pousou logo atrás de mim com um estrondo que fez todo o campo estremecer, fogo escorrendo entre seus dentes.

Eu ergui o rosto para a multidão de inimigos que ainda avançava.
E sorri, um sorriso frio, sombrio e letal.

Olhei para o chão. Um soldado morto com uma espada cravada no peito, o cabo ainda vibrando do último suspiro.
Inclinei o corpo, segurei o punho da lâmina e arranquei a espada do corpo ainda quente, o som foi úmido e pesado.

A arma escorreu sangue até minhas mãos.
— **Vamos acabar com isso**, murmurei.

A fumaça negra que me envolvia reagiu ao toque do metal, subindo pela lâmina, como se fosse parte de mim, como se fosse a extensão da minha raiva. Meu corpo vibrou. Meus olhos ficaram ainda mais escuros.
Minhas veias pulsaram como rios de sombra negra.

À minha direita, Eryon ergueu a cabeça olhou para os trolls que começavam a ser pressionados. Para os elfos cercados por conjuradores e para as fadas cantando quase sem fôlego.
Ele rosnou, baixo,
— **Preciso ajudar do outro lado**, disse, a mente dele tocando a minha.

Eu toquei seu focinho com a mão escurecida pela sombra.
— **Vá**, murmurei. — **Eles precisam de você. E eu vou sobreviver.**
Os olhos dourados dele se estreitaram.

— **Voltarei para você.** A promessa ecoou pela minha mente.

Antes que eu pudesse responder, ele abriu as asas gigantescas.
O vento soprou forte, levantando poeira, folhas, sangue seco.
Chamas subiram pela garganta dele. E então ele saltou.
Um salto enorme, firme, majestoso.

Ele bateu as asas e desapareceu em direção à linha de frente oposta, derrubando soldados e conjuradores como se fossem ervas no chão.

Assim que Eryon desapareceu no céu em uma explosõao de fogo e vento...Os humanos me viram sozinha, e começaram a vir na minha direção.
Primeiro, dois.
Depois cinco.
Depois uma dúzia inteira se soltou do caos e correu para mim como se eu fosse o prêmio final.

Gritos, passos pesados, armaduras rangendo, espadas erguidas e bestas são armadas às pressas. Eles achavam que eu era vulnerável sem o dragão. Eles achavam que eu ia correr, que eu ia hesitar.
Mas a sombra dentro de mim ronrona, satisfeita e faminta.
O ar ao meu redor esfria de repente. A magia se comprime na minha pele, pesada. Meus pés afundam um pouco na terra enquanto eu firmo o corpo, sentindo o solo me responder.
Eu levanto a espada ensanguentada, firme e precisa. Como se fosse extensão da minha vontade.

— **Venham**... murmuro.
Minha voz sai baixa e grave, tomada pela escuridão.

Meu corpo se move com uma rapidez que eu nunca tinha sentido.
Era como se a fumaça negra me empurrasse, me guiasse, me acelerasse. Eu avançava, e o mundo ficava lento.
A expressão dos inimigos demorava para se formar, a surpresa, o medo e a tentativa inútil de erguer um escudo.
E quando eles finalmente reagiam... Eu já estava em cima deles como um animal, cortando suas gargantas.

Outro veio com um machado. Eu virei o pulso, a lâmina da minha espada cortou o ar, cortou carne, cortou tudo e antes que o sangue tocasse o chão, eu já tinha girado para o segundo.

Um terceiro tentou me acertar pelas costas.
Eu senti, a sombra dele se projetou no meu peito como aviso.
Virei o corpo. Minha mão esquerda agarrou o rosto dele, o estalo foi seco, violento. Ele caiu sem olhos, sem vida.
Eu não senti nada, nenhuma culpa, nenhum peso, nenhuma hesitação.
A única coisa dentro de mim era aquela escuridão quente e pulsante, como um coração batendo nas sombras.

Homens vinham de todos os lados, eu era mais rápida, mais forte e mais cruel.
Se tentavam erguer a espada eu quebrava seus pulsos.
Se tentavam correr eu cortava suas pernas.
Se gritavam, eu cortava suas gargantas.
Se ousavam olhar para as criaturas do meu reino...
Eu arrancava a cabeça, não importava. Eles morriam.
Eu estava coberta de sangue, da cabeça aos pés.

Os próximos erguem seus miseros escudos, formando um semicírculo como um grupo de lobos tentando encurralar um monstro.
Pobres tolos.
Meu sorriso se abriu devagar, sombrio e frio. Quase... divertido.
— **Vocês realmente acham que vão sobreviver a mim?** Eu perguntei com a voz grave.

E então eu fui e ataquei.
Um movimento suave, fluido, como se eu estivesse dançando.
A espada cortou o ar em um arco perfeito, arrancando o escudo do primeiro e abrindo a garganta do segundo. O terceiro tentou recuar eu agarrei o capacete dele e bati sua cabeça contra o chão.
O estalo ecoou como um galho quebrando na floresta.

Mais dois vieram juntos. Eu desviei entre eles, com extrema velocidade, e cortei ambos pelas costas. Caíram de joelhos no chão.
Eu passei ao lado deles sem olhar. A sombra pulsava.
O mundo ao meu redor tremia. Era como se outra versão de mim, maior, mais selvagem, estivesse guiando meus movimentos.
A cada inimigo que caía, a fumaça ao meu redor crescia.
A cada golpe que eu dava, a escuridão vibrava como se estivesse sorrindo e seguia faminta. Eu estava forte, não sentia mais medo ou arrependimento, eu estava sedenta.

Quando o último homem do grupo caiu, a poeira subiu ao meu redor.

Meu olhar estava escuro, sem brilho, sem fundo, como dois buracos na noite. Do outro lado do campo, Eryon era pura destruição. Ele varria dezenas de soldados com a cauda. Pisoteava os inimigos. Voava baixo para incinerar criaturas acorrentadas que, finalmente libertas, lutavam a nosso favor.

O rugido dele é como música para mim. E quando nossos olhares se cruzavam por um instante... Com os olhos de dragão dele, dourados, imensos, eu podia sentir ele sorrindo, e eu retribuía com um meio sorriso manchado de guerra. Um sorriso de quem já tinha passado do limite.



E agora eu entendo...
Eu entendo o que meus pais queriam e querem de mim.
A súbita falta de remorso, a fome de vingança.
A necessidade visceral de proteger o que é meu, com sangue, com fogo, com sombras.

Eu não sou mais só Elara.

Eu sou a Filha Sombria de Valedorne.
E eu só pararia quando todos estivessem caídos ou fugindo.
E o bruxo...

Ah.
O bruxo eu não só mataria...
Eu destruiria com minhas próprias mãos,
com meu próprio ódio,
com minha própria magia sombria.
E ele sentirá cada segundo disso.
Eu vou torturá- lo lentamente



Capítulo
A FILHA SOMBRIA

Todos temos um lado sombrio...



Minha respiração estava calma. Eu olhava para os lados com frieza, sem pressa. Meus olhos completamente negros me faziam ver melhor, mais nítido, mais profundo, como se cada movimento, cada vibração de medo, cada intenção hostil tivesse uma luz própria.
Nenhum humano se aproximava mais.
Eles recuavam, hesitavam, tremiam.

Mas então...Lá na frente.
Entre a fumaça espessa, entre os restos de fogo no chão, entre as sombras que tremulavam com cada explosão, um brilho roxo corrompido se abriu no ar.
E ele surgiu.
O bruxo.
Sorrindo.
Não um sorriso comum, mas aquele sorriso doentio aflito, ensandecido.
Um sorriso que dizia que ele não sentia dor nem medo.
Por que ele já estava morto por dentro
Um sorriso de alguém que já não tinha alma.

— **Então...** ele disse, inclinando a cabeça, a voz carregada de ódio doce.
— **É isso que sobrou da princesa perfeita.**

A fumaça roxa subia dos dedos dele, formando tentáculos no ar. Criaturas pequenas de sombra rastejavam pelo chão, desaparecendo no escuro. Ele deu um passo à frente, e os olhos dele queimavam em roxo profundo, uma cor que parecia veneno.

— **A filha dos reis... A bruxa gentil...A curandeira do bosque...** ele riu, o som abafado, sujo. — **Olhe para você agora.**

Eu fiquei imóvel com espada firme na mão.
A sombra rodopiando ao meu redor como um animal protetor.
O vento da guerra batendo no meu rosto. Eu não pisquei.
Ele continuou:
— **Olhe o que você se tornou... um monstro igual a mim.**
A escuridão vibrou no fundo da minha garganta. Meu sangue queimou. A fumaça negra subiu pelas minhas costas como asas de sombra se formando. Mas minha voz saiu calma e controlada.
Baixa e grave.

— **Não.** respondi.
Meus olhos negros brilhavam, as veias sombrias tremiam sob minha pele. A lâmina da espada vibrou como se sentisse minha fúria.
— **Eu me tornei melhor que você.**
Dei um passo à frente. Lento e firme. A terra sob meus pés rachou.
Valderick franziu o cenho por um instante, o primeiro sinal real de desconforto nele.

Eu continuei, a voz agora carregada — **Muito mais poderosa.**
Um vento escuro passou pelo campo, as sombras nas árvores estremeceram, as fadas se calaram, sentindo a força que se acumulava em mim.

Valderick abriu um sorriso tenso, como quem tenta esconder o medo.
— **Poderosa, você?** ele riu. — **Veremos.**

A aura púrpura dele se expandiu como uma explosão que rachou o chão. Fez soldados os poucos soldados que ainda restavam ao redor gritarem, cobrindo os olhos.
E eu ergui meu queixo.

— **Venha.** murmurei. — **Vamos ver quem é o monstro aqui.**
A sombra ao meu redor se fechou como uma armadura.

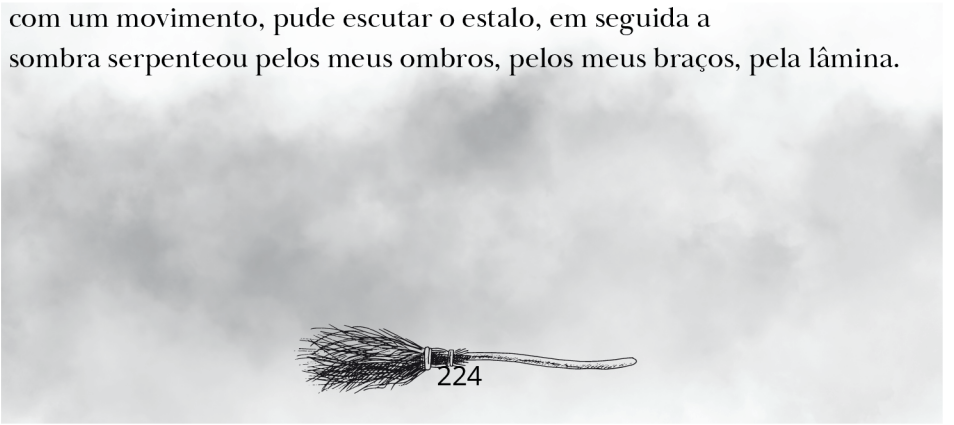
Eu não era mais a bruxa que ele esperava enfrentar.
Eu sou a Filha Sombria de Valedorne.

Valderick estreitou os olhos e o sorriso desapareceu.
Ele parecia realmente irritado. A energia púrpura ao redor dele se condensou, vibrando como trovões, o chão rachou sob suas botas e as casas tremeram.
— **Já que quer morrer com tanta confiança...** ele rosnou — **eu mesmo terei o prazer de matar você.** A mão dele se ergueu.

E a magia veio.

Um raio púrpura, espesso e retorcido, disparou da palma dele direto para o meu peito. A energia vinha rasgando o ar, carregada de ódio, corrupção e gritos de almas aprisionadas.
Eu ergui minha espada, a sombra me envolveu.
A lâmina negra absorveu parte do impacto, mas a explosão foi tão violenta que me arrastou alguns metros para trás, criando um sulco de terra e sangue. A poeira subiu, minha pele ardeu.
Meu ombro deslocou, mas eu fiquei de pé, limpei o sangue no canto da boca.
— **Tsc... ainda viva?** **Valderick** recuou um passo, incrédulo.
Eu sorri devagar.

— **Você vai precisar de mais do que isso.** Coloquei meu ombro no lugar com um movimento, pude escutar o estalo, em seguida a sombra serpenteou pelos meus ombros, pelos meus braços, pela lâmina.



Eu avancei... rápida demais. A distância entre nós desapareceu como se o mundo tivesse perdido espaço. A ponta da minha espada quase tocou o rosto dele. Valderick desviou no último segundo, e mesmo assim a lâmina arrancou uma mecha de seu cabelo e cortou sua bochecha.
O sangue roxo escorreu.
Ele tocou o ferimento, olhando a mão suja. E sorriu lambendo o sangue do seu dedo.

— **Então a princesinha aprendeu a morder?** Valderick sibilou, limpando o canto da boca. — **Aprendeu com os seus cachorros?**
— **Com certeza com aquele saco de pulga que eu matei não foi!**

A menção a eles foi o estopim. O ódio borbulhou, denso e letal.
Eu ataquei de novo. Eu me tornei um borrão de destruição. Cada investida minha era um trovão que estremecia o ar. Eu não lutava mais com técnica, mas com uma fúria ancestral, cada movimento sendo guiado pelas sombras que rugiam no meu sangue.

Nossas magias colidiam com um estrondo ensurdecedor. Onde a minha sombra tocava a corrupção dele, o ar chiava e desintegrava. Era noite contra veneno. Somos dois monstros se estraçalhando; cada faísca mágica que nos atingia deixava queimaduras e cortes, mas eu não sentia mais dor. Só sentia a necessidade de vê-lo cair.

Valderick tentava recuar, os olhos arregalados enquanto seu bloqueio falhava. Ele tentava desviar, mas eu estava em todos os lugares ao mesmo tempo, impulsionada pelo puro desejo de morte..

A lâmina negra não apenas tocou o manto dele; ela o devorava. O som do tecido caro se partindo foi abafado pelo estalido da ponta de aço encontrando a resistência da carne. Golpeei com fúria, retalhando sua pele em cortes superficiais que desenhavam linhas escarlates antes de, finalmente, enterrar o frio do metal na lateral de seu estômago. Senti a vibração da lâmina raspando em suas costelas.

— **Sua... maldita...** Valderick cuspiu um coágulo espesso, o sangue sujando o queixo enquanto ele cambaleava.

Eu ergui a lâmina, o metal ainda quente do contato com as entranhas dele. — **Isso foi só o começo**, disse com um sorriso diabólico rasgando meu rosto. Eu queria saborear cada segundo da sua queda.

Valderick então ergueu as duas mãos, rápido e desesperado.
— **Umbra Ment'rash!** Ele gritava.
A magia roxa jorrava de seus dedos como feixes de nervos expostos, serpentes de energia púrpura que chicotearam o ar em direção à minha testa, tentando invadir minha mente.

Senti uma lâmina de gelo absoluto ser enterrada na base do meu crânio, uma pressão brutal que parecia querer expandir meu cérebro contra o osso. Arqueei o corpo, o ar fugindo dos pulmões, enquanto minhas mãos tremiam e a fumaça negra que me protegia vacilava, como uma chama sufocada.

Valderick abriu um sorriso grotesco, os dentes banhados em escarlate.
— **Isso, minha princesa... Deixe-me entrar... Deixe que eu apague cada centelha de quem você é...**

A magia dele atravessou o ar como ganchos invisíveis e se cravou no meu crânio. A pressão veio tão forte que minhas pernas simplesmente cederam. Eu caí de joelhos.

Coloquei as mãos na minha cabeça instintivamente, como se eu pudesse arrancar aquela dor com os dedos.
— **Sai... de dentro... da minha... cabeça,** sussurei, as palavras mal conseguiam escapar, espremidas pelo ranger dos meus dentes. Minha própria voz soava como um eco distante, uma estranha em meu próprio corpo.

Os vermes de energia púrpura começaram o banquete. Eles rastejavam pelas minhas memórias, deixando um rastro de podridão por onde passavam: Minha infância foi retorcida em um pesadelo cinzento. O rosto da minha mãe foi desfigurado, sua luz sendo tragada por sombras doentias. Meus cães, meus protetores... foram rasurados da existência. E Eryon... Senti os ganchos de Valderick se prenderem à imagem dele, tentando arrancá-lo de mim, tentando deixar apenas um buraco negro onde o meu amor habitava.

— **Sim...** A voz de Valderick agora não vinha dos seus lábios, mas de dentro do meu crânio, gutural e onipresente. — **Resista... lute... quanto mais você luta, mais eu me delicio com os pedaços que sobram. Eu quero ver você quebrar, átomo por átomo..**

O chão sob meus joelhos vibrou, ou talvez fosse apenas meu coração, martelando contra as costelas como se quisesse escapar daquele tormento. A pressão no meu crânio se tornou insuportável, um rompimento interno que me fez engasgar. Senti o gosto ferroso inundar minha boca um segundo antes de cuspir um jato de sangue quente sobre as pedras frias do chão.

O sangue tocou meus lábios e escorria pelo queixo, um sinal de que minha resistência estava se esfacelando. A fumaça negra ao meu redor estava oscilando e morrendo como uma brasa sob a chuva. Eu estou vulnerável e sangrando, entregue à escuridão devoradora dele.

Eu tentei manter a respiração firme, mas a dor era uma força física, uma prensa hidráulica esmagando meu crânio. Era como se eu estivesse me afogando em uma tinta roxa, espessa e viscosa.
— **NÃO...** Tentei erguer a cabeça, um ato de rebeldia pura, mas a bota invisível da sua magia mental empurrou minha nuca de volta. Ele me forçou a encarar a terra úmida, querendo que o meu último ato fosse o de uma súplica ajoelhada.

Valderick caminhou com uma calma torturante até parar diante de mim. O cheiro de sangue e magia podre emanava dele. Ele me olhou de cima, com aquele nojo satisfeito de quem pisa em um inseto.

— **Você achou mesmo que podia vencer?** Ele riu, um som seco que vibrou dentro da minha cabeça invadida. — **Você, uma criatura quebrada que nem consegue controlar o próprio abismo que carrega.**

Eu cerrei os dentes com tanta força que senti a mandíbula estalar, com os olhos lacrimejando de dor.
— **Eu não... vou... me entregar.** Cada palavra era uma batalha vencida contra a paralisia.

Ele se inclinou, o rosto ferido chegando perto do meu, o hálito quente com cheiro de morte. Sua voz escorria como puro veneno no meu ouvido:
— **Vai sim. Porque eu vou estraçalhar cada memória que te sustenta... Mas antes, vou fazer você assistir. Vou estripar seus outros cachorros diante dos seus olhos.** Ele fez uma pausa teatral, simulando reflexão.
— **E quem mais? Ah, sim... o dragão. E cada criança que eu encontrar escondida nos buracos desse reino. Pra te mostrar o quanto você é fraca e não consegue proteger nenhum deles.**

Ele apertou o meu crânio.
— **E quando eu terminar... você será apenas uma casca oca. Um corpo vazio e dócil, ajoelhado eternamente diante do meu trono.**

A dor atingiu um nível estratosférico. Meus dedos se cravaram na terra com uma força desumana, as unhas rasgando o solo, arrancando raízes e pedras enquanto eu gritava:
— **AAAAHHHHHH!** O grito saiu trêmulo, uma nota quebrada de pura agonia que ecoou pelo campo de batalha.



Mesmo sob as camadas de dor, sob o sangue que escorria e a mente que parecia se despedaçar como vidro, algo no meu núcleo permanecia frio. Uma centelha de escuridão que ele não conseguia tocar. Algo que não cedia.

Eu pensava em Eryon, nos meus cães, nas fadas, no meu povo, nas crianças. Cada rosto, cada promessa, cada juramento de proteção. Era uma fagulha pequena, um ponto de luz no meio do oceano de tinta roxa. E Valderick sentiu. Seus olhos se estreitaram, as fendas pálidas brilhando com um ódio renovado.

— **Ainda lutando?** ele rosnou, a voz vibrando dentro do meu labirinto mental. — **Pois então eu vou esmagar você até que não reste nem o pó da sua existência!**

Os fios de energia se apertaram mais, eram como mãos cruéis arrancando meu espírito pelas raízes. Meu corpo teve um espasmo violento. Minha visão começou a escurecer nas bordas, o mundo se transformando em um túnel estreito de dor. Mesmo assim, eu forcei o ar pelos pulmões colapsados e murmurei:
— **Eu... não... sou... sua...**

As palavras foram um sopro quebrado, um resto de dignidade que custava cada gota da minha força. Uma linha fina de sangue quente escorreu do meu nariz, pingando sobre a terra. Minha alma parece um cristal sob marteladas, prestes a partir em mil pedaços.

Valderick me observava com a frieza de um escultor analisando uma peça defeituosa. Então, ele desviou o olhar lentamente, o sorriso podre se alargando.
— **Peguem os outros cães e as crianças**, ele ordenou, a voz carregada de um tédio cruel.

Dois de seus lacaios dispararam em direção à minha casa, esmagando as flores carbonizadas sob botas pesadas. O pânico subiu como ácido na minha garganta. Eu tentei gritar, tentei erguer o braço, tentei rasgar o ar com as unhas, mas a paralisia era absoluta. Minha garganta vibrava em um esforço mudo, a magia dele me estrangulando por dentro, selando minha voz no fundo do meu peito.
E então, o céu rugiu.

A silhueta de Eryon cortou as nuvens acima das copas queimadas, magnífico, gigantesco, brilhando com chamas internas que pareciam o nascimento de uma estrela. O bater de suas asas deslocou o ar, lançando cinzas para todos os lados. Ele mergulhou como um meteoro de escamas e fúria, os olhos fixos em Valderick, pronto para reduzir o bruxo a nada além de fumaça e osso.

Mas Valderick não vacilou. Ele ergueu apenas uma mão, um gesto quase displicente. Um raio púrpura, denso como um pilar de corrupção, irrompeu de seus dedos. O golpe atingiu Eryon em cheio no peito, o som do impacto sendo como o de um trovão colidindo com uma montanha.

— **ERYON**! —Eu tentei berrar. Minha boca se abriu em um hiato de puro desespero, os músculos do meu pescoço saltaram, mas o silêncio que saiu foi mais aterrorizante que qualquer grito.

Eryon se contorceu no ar, um deus de escamas sendo humilhado por um raio de lodo púrpura. Eu vi cada segundo em uma lentidão torturante: as asas majestosas perdendo a força, o fogo interno se apagando em seus olhos. O corpo enorme girou no céu como uma estrela negra morrendo. Caindo longe entre as árvores, quebrando troncos, levantando poeira... desaparecendo.

Minhas lágrimas começaram a cair, mas não eram claras. Elas eram densas, quentes e vermelhas. Eu estava chorando sangue, o fluido vital sendo expulso pelos canais da minha dor.
Valderick suspirou, satisfeito. — **Até que foi rápido matar o seu dragão. Confesso que pensei que ele me daria mais trabalho!** disse ele, com uma casualidade que me enojou, limpando um respingo de sangue do próprio queixo como quem limpa sujeira de uma refeição.

— **Procurem por ele em cada fresta desta floresta. Quero seus ossos para o meu trono... sua pele para o minha nova armadura... seu sangue para a minha imortalidade. Quero o corpo inteiro. Se estiver vivo, sangrem-no. AGORAAAA**, ele gritou enfurecido.

Homens correram em direção à mata escura, arrastando correntes pesadas, ganchos de açougueiro e lâminas feitas para esquartejar o sagrado.
Eu tentava falar, mas minha garganta era um deserto de vidro moído. Tentava respirar, mas meus pulmões pareciam preenchidos por chumbo. Ao meu redor, a visão era o próprio inferno:
Ao meu redor... tudo estava destruído. Fogo lambendo as árvores antigas. As criaturas do meu bosque... muitas caídas, imóveis.
Fadas lutando para apagar chamas com as próprias mãos, queimando as asas. Trolls feridos, sangue escuro escorrendo das pernas. Elfos lutando cansados, alguns mortos em volta.

E mais longe...As crianças, caminhando em filas, empurradas com lanças. Mães tentando alcançá-las e sendo chicoteadas quando gritavam. E eu vi uma mãe caindo de joelhos. Outra desmaiando, desabando na terra suja de fuligem. Um espírito da árvore ruir em chamas como se estivesse chorando.

Meu coração, que batia como um tambor frenético, um motor de ódio e pânico... simplesmente parou.

O tempo parou, a dor sumiu. No vácuo deixado pelo coração que parou de bater, algo muito mais antigo e terrível começou a despertar. Meu corpo congelou. Meus olhos... queimavam em uma agonia final... e então, a luz neles simplesmente se apagou.

Houve um estalo, vinda do núcleo mais profundo da minha alma, algo se rompeu. Como uma porta de ferro de um mausoléu abrindo sozinha após milênios, um segredo proibido que nunca deveria ter sido sussurrado, uma fera ancestral que deu sua primeira respiração pesada após séculos de sono.

A explosão veio em seguida.
Sombria, profunda e devastadora. A sombra não apenas fluiu, ela percorreu minhas veias, subindo pelos meus braços, serpenteando pelo meu peito e tatuando meu rosto com linhas de escuridão pura.

Valderick, o homem que há poucos segundos me esmagava com o olhar, deu dois passos para trás por puro instinto de sobrevivência.
— **O que...?** o sussurro dele saiu trêmulo

Eu ergui a cabeça lentamente. Minha visão ainda era um mosaico trêmulo e meu corpo protestava a cada movimento, gritando em agonia. O sangue escorria quente pelos meus braços, pingando dos meus dedos e empapando o tecido rasgado das minhas roupas. Eu ainda estava de joelhos, o chão sob mim rachando com a pressão da minha presença, mas eu estava viva e consciente. E, acima de tudo, eu sentia o oceano de magia que agora rugia sob minha pele.
Talvez eu não soubesse como dominar todo esse abismo ainda... mas ele estava ali. Respirando comigo.

Apoiei uma das mãos na terra, e onde meus dedos tocam, as sombras escorreram como tinta corrosiva, matando o pouco que resta da influência de Valderick dentro da minha mente. Forcei uma perna, depois a outra. Fiquei de pé.

Não estou muito firme ou elegante. Estou exausta, devastada, machucada, com o o corpo coberto de sangue e a roupa rasgada. Mas o poder que emana de mim é tão denso que o ar ao meu redor começou a tremer e a gemer, como se a própria física estivesse com medo de ser rasgada.

Valderick me observa. Ele tenta manter a máscara de superioridade, mas seus olhos o traí. Por trás da fachada de mestre das artes sombrias, havia algo que ele não queria admitir. Ele cheira a medo.

Ergo o rosto. Meus olhos não são mais humanos, são abismos de puro vácuo que parecem engolir a luz ao redor. A fumaça escura que emana do meu cabelo serpenteia pelo ar, ganhando vida própria, como se cada fio fosse uma víbora sedenta.
— **Eu disse...** Minha voz sai áspera, um som arranhado que parece emergir de mil metros abaixo da terra, carregado com o peso de séculos de silêncio. — **... que você não vai me apagar.**

Nesse instante, a barragem se rompe. O poder ancestral explode de dentro de mim, e um círculo de sombras se abre sob meus pés, ondulando como água negra e gélida. Runas antigas, marcas que nunca vi, mas que meu sangue saúda, marcam a pela minha pele. Elas queimam. Brilham em tons de roxo abissal, preto vivo e uma luz dourada corrompida que fere os olhos de quem ousa olhar.
Minhas veias escurecem sob a pele pálida e meu cabelo se ergue, desafiando a gravidade, enquanto o ar ao meu redor sobe em espirais frenéticas. A fumaça negra torna-se mais densa, mais consciente; ela respira comigo.

Quando abro a boca, a magia ancestral fala através de mim. Um rugido ecoa dentro do meu peito, o despertar uníssono de todas as minhas ancestrais.



Capítulo

O DESPERTAR DAS ANCESTRAIS



A herança dos Reis Sombrios de Valedorne.
O poder esquecido, a linhagem real que é ao mesmo tempo dom e maldição, agora flui por mim como lava.
Dou um passo à frente. A sombra avança comigo, rastejando pelo chão como um animal faminto, devorando a magia de Valderick, o sorriso dele desaparece totalmente. Ele recua mais um passo, o rosto empalidecendo sob a influência da minha aura.

— **O que você... fez?** ele sussurra, a voz falhando.
Levanto a mão e o ar estala, partindo-se como vidro sob pressão extrema. — **Nada...** respondo, e cada sílaba faz o chão tremer.
— **Eu apenas acordei.**

Ao redor do meu corpo... o ar muda. Primeiro, é apenas um frio. Depois, um arrepio profundo.

A escuridão ao meu redor começa a se mover. Sombras se erguem do chão, da fumaça, da poeira... e tomam forma. Formas femininas, antigas, mortas. Eu prendo a respiração quando percebo: são os espíritos das bruxas. Bruxas de Valedorne e de outros reinos; mulheres que foram caçadas e massacradas por ele, Valderick Thorne.
Seus rostos são pálidos como a lua, seus cabelos flutuam como véus dentro d'água. Suas mãos se erguem e me tocam os ombros, pulsos, costas, como se cada toque me despertasse um pouco mais, transferindo-me poder.

E então, outras surgem. Minhas ancestrais. As rainhas que vieram antes, as mães do meu sangue. Brilham em tons de prata profunda, azul e ouro velho queimado. Suas tatuagens ardem na pele espiritual como brasas, e seus olhos são estrelas fixas em mim.

Quando elas me cercam, eu sinto tudo, poder, força, esperança. Sinto a dor delas, a vida que tiveram e a morte que sofreram. Tudo se mistura, pulsando freneticamente dentro do meu corpo, transformando meu sangue em puro poder real.

Um dos espíritos, uma bruxa de rosto ferido e olhar cortante toca minha bochecha. O frio do seu dedo atravessa minha pele, e a voz dela ecoa, vinda do além:
— **Vingue-nos.** A voz dela ecoa, vinda do além, oca e profunda.

Valderick cai sentado no chão. O impacto o faz perder o equilíbrio quando ele vê o exército de espíritos que me cerca. Ele começa a se arrastar para trás, os olhos arregalados, a respiração curta. O predador finalmente reconhece o rosto de cada uma de suas vítimas.



Outra bruxa coloca a mão sobre meu peito, e sinto meu coração, que estava parado, ser reanimado por um choque de agonia e propósito:
— **Ele não vai sobreviver.**
Uma ancestral posiciona a mão nas minhas costas, quente como um sol negro, e diz: — **Filha de Valedorne...**
Todas as bruxas gritam em conjunto, uma sinfonia de vozes que atravessa os séculos: — **ACENDAAAAAAA!**

E eu acendo. Meu corpo explode em luz negra. As chamas escuras se intensificam ao meu redor, deixando de ser apenas fumaça se tornam labaredas densas, as runas cravadas na minha pele mudam de cor. Elas brilham em tons laranjas incandescentes, como brasas.
Valderick se rasteja para trás, o rosto transfigurado pelo pavor, como se estivesse no fundo do inferno encarando cada um de seus pecados.
— **O que é isso...?** ele sussurra, a voz sumindo no rugido da minha magia.

Eu sorrio. Um sorriso que não é só meu. É o sorriso de cada uma delas, de todas as que ele caçou, torturou e matou. De todas as que lutam agora através dos meus músculos e do meu sangue.
— **É o preço**, eu murmuro, e minha voz reverbera como um trovão
— **de mexer com o sangue de uma bruxa.** Levanto a mão.
— **Bem-vindo ao inferno.**

Um clarão azul ilumina o bosque inteiro, uma onda de choque que arremessa os humanos para longe como se fossem bonecos de pano. Runas explodem no chão, queimando a grama e as raízes, e todas as criaturas recuam, cobrindo os olhos diante da magnitude do que despertei. Eu permaneço aqui, no epicentro de tudo, com centenas de bruxas ao meu redor. Elas vivem em mim, elas lutam através de mim. O silêncio se instala. O tipo de silêncio denso e sufocante.

Então... ele levanta a cabeça. Um sorriso torto e ensanguentado rasga seu rosto pálido. Os olhos dele ardem com um ódio doentio e... medo.
— **Você...** ele cospe sangue, cambaleando enquanto tenta se manter de pé.. — **Você não deveria ser capaz disso.**

Dou um passo à frente, e as bruxas sombrias se movem em sincronia perfeita comigo. Elas flutuam em círculos lentos, como véus de um funeral eterno que ele mesmo provocou. A terra queima sob meus pés a cada passada, transformando o solo em cinzas.
— **Eu sou tudo o que você fez nascer, Valderick.** Minha voz sai grave, vibrando no ar, sobreposta por um coro de vozes ancestrais que falam junto com a minha. — **E sou tudo o que você tentou matar.**

Ele ergue a mão, que treme visivelmente. Sinto o feitiço antes mesmo de ele ganhar forma; o cheiro de ozônio e podridão invade minhas narinas. Uma coluna de fogo roxo irrompe, uma energia retorcida que parece gritar enquanto se manifesta. Valderick urra algo em uma língua necromântica, as palavras saindo como ganchos:
— **Azhar'thol VEKH!**

A energia explode em minha direção, um raio poderoso o suficiente para abrir uma cratera na terra e desintegrar montanhas.
Mas eu não me mexo.
Não vacilo.
Não temo.



As bruxas ao meu redor erguem as mãos antes de mim, um gesto instintivo de mães protegendo uma filha. Juntas, tecemos um escudo negro, denso como a noite mais profunda. O ataque de Valderick colide contra a barreira e se desfaz em fagulhas roxas, girando no ar como cinzas brilhantes que morrem antes de tocar o chão.

Meu cabelo continua erguido, ondulando como fumaça expessa. Valderick recua um passo, o pavor finalmente vencendo a negação.
— **Isso não é possível...** ele sibila, a voz trêmula. — **Eu matei todas vocês! E mataria você também.**

As sombras ao meu redor sorriem, um vislumbre de dentes e escuridão. Uma ancestral, a mais antiga de todas, alta e com olhos que parecem luas partidas, dá um passo à frente. Quando ela fala, a floresta inteira emudece:
—**Você não nos matou. Você apenas nos devolveu ao solo onde agora somos o veneno que vai te devorar.**

Valderick rosna, enfurecido, e levanta as duas mãos para conjurar uma magia desesperada. Mas, antes que ele possa lançar o feitiço, o chão treme. As folhas vibras em um ritmo frenético. Até os pássaros caídos no campo de batalha se erguem com o impacto da vibração.
Uma sombra colossal passa por cima de nós, obscurecendo o sol.

— **Eryon...** sussurro, e sinto meu coração saltar no peito, retomando seu ritmo com uma força nova. Ele surge das árvores, arrebentando troncos centenários como se fossem palha. Suas escamas estão machucadas e o sangue escorre pelo peito, tingindo o solo, mas ele está vivo. E está furioso. Ele ruge. Um som devastador. O fogo que irrompe de sua garganta varre o campo, uma torrente de destruição purificadora que abre um caminho de cinzas direto até Valderick. O bruxo ergue um escudo sombrio a tempo, mas o impacto é brutal; ele é lançado para trás como uma folha em meio a uma tempestade.

Eryon cambaleia, lutando contra a dor dos ferimentos. Ele vira a cabeça em minha direção e... mesmo naquela forma colossal e terrível, seus olhos dourados permanecem profundamente humanos. Ele me vê. Vê o que me tornei, as runas laranjas queimando na minha pele e as centenas de bruxas que me escoltam.
E ele não desvia o olhar. Não há medo nele.
— **Elara**... a voz dele ecoa na minha mente, fraca pela exaustão, mas firme como uma rocha. — **Eu estou aqui**.

As bruxas sombrias permanecem próximas, seus sorrisos são cortes de escuridão no ar. Eryon inclina a cabeça em minha direção, uma saudação de igual para igual, de poder para poder. Respiro fundo, sentindo minha magia pulsar no peito como um segundo coração, sincronizado com o dele.

Valderick se levanta novamente, mancando sobre os escombros, o desespero emanando dele. Ele olha para nós, para a criatura que tentou caçar e para as bruxas que tentou apagar da existência.

— **Isso... isso não pode estar acontecendo**, ele murmura, a voz trêmula e quebrada. — **Vocês são todos uns tolos e fracos, como ainda estão vivos?**

Ergo o queixo, e minha sombra se projeta sobre ele, longa e faminta.
— **Sua maior fraqueza, Valderick, foi confundir misericórdia com fragilidade. Agora a misericórdia acabou**. Minha voz sai calma, com a frieza de uma lâmina antes do corte. -**Esse é o seu fim.**

As bruxas dão as mãos, fechando um círculo perfeito ao meu redor. Elas começam a cantar. É um som rouco, antigo e profundo, como se as próprias raízes enterradas há séculos tivessem aprendido a falar.
— **Umbral... Aradel... Thorya...Valedorne...Valedorne...**



A magia ancestral invade meu corpo, e queima cada centímetro do meu ser. Dou meu primeiro passo. As sombras das bruxas deslizam por mim como véus fúnebres. Elas sussurram feitiços esquecidos diretamente em meus ouvidos, e cada palavra faz novas marcas acenderem na minha pele, sobrepondo-se às runas laranjas. É poder bruto.

Valderick ergue as mãos rápido demais, o movimento frenético de quem sabe que o tempo está acabando. — **TARYN'VOSH!**

Uma rajada de energia púrpura dispara em minha direção, cortando o ar com um chiado. Eu apenas ergo a palma da mão aberta, a magia dele se divide em duas ao me atingir, espalhando-se inofensiva como água batendo em pedra. Os olhos dele se arregalam, as pupilas tremendo de choque.
— **Isso não é magia natural... isso é... isso é proibido!** ele berra, a voz falhando.

— **Você proibiu porque tinha medo.** Dou mais um passo em direção a ele. Minha pele brilha, as runas laranjas pulsando como o núcleo de um vulcão sob a superfície. — **Não é proibido. Agora é meu.**

Ele rosna, tossindo um rastro de sangue escuro na terra. — **Então MORRA COM ELA!**

Ele bate os dois pés no chão com uma força bruta. A terra se abre sob nós. Raízes negras e corrompidas brotam do solo como garras famintas, retorcendo-se para cima para me agarrar e me arrastar para a escuridão. Levanto as duas mãos e o poder que emana de mim é poderoso: as raízes entram em combustão antes mesmo de tocarem minhas vestes. Elas explodem em fumaça e cinzas, desintegradas pela minha aura.

Atrás de mim, o rugido de Eryon rasga o silêncio. Ele está cercado; novos conjuradores tentam prendê-lo com correntes de energia que queimam suas escamas. Mas ele luta como um deus enfurecido, destroçando metal e magia com garras e dentes. Eu não posso ajudá-lo ainda. Minha atenção precisa estar aqui.

Porque Valderick começa a conjurar algo maior... algo devastador. Ele ergue os braços para o céu, as veias de seu pescoço saltando, e solta um grito que parece rasgar o véu entre os mundos: — **KOR'VHAL!**
— **O feitiço de laceração mental...** murmuro. Sinto o vento congelar ao meu redor, o ar ficando tão pesado que cada respiração dói. Ele vai tentar estilhaçar minha consciência de uma vez por todas.

A energia roxa se expande como um eclipse pulsante, uma maré de corrupção que tenta inundar meus sentidos. Valderick quer rasgar minha mente novamente, apagar meu nome e incinerar cada fragmento de quem eu sou. Minha visão turva sob a pressão brutal, mas eu não desisto. Estico as mãos à frente, sinto os fios de magia necromântica dele, frios, viscosos e afiados, chicotearem contra minhas palmas, tentando perfurar minha guarda e invadir meu crânio.
Eu luto contra cada centímetro daqueles fios púrpura, forçando-os para longe, sentindo a estática da magia queimar minha pele. Meus dentes rangem com o esforço de manter as mãos estendidas, criando uma barreira e resistência entre o ataque dele.

É nesse limiar de exaustão, quando sinto que meus braços vão ceder, que algo gelado toca meu ombro.
Viro o rosto e encontro a bruxa ancestral, a mais antiga de todas. Seus olhos são buracos de luz branca absoluta. Ela fala com uma voz que parece o vento uivando entre ossos secos:
— **Não se curva a quem teme o seu nome. Agora, seremos todas uma só.**

Ela posiciona a mão sobre o meu peito. Eu abro os braços, entregando-me ao destino. As bruxas ao meu redor avançam e entram em mim, uma por uma, fundindo-se ao meu corpo como sombras que retornam ao seu lugar de origem. A sensação é de pertencimento é total. Elas são eu e eu sou elas.

Um vendaval de energia pura estoura do meu corpo, uma onda de choque que arranca Valderick do chão e o arremessa violentamente contra uma árvore. O tronco se parte com o impacto.
Caminho em direção a ele. — **Eu já disse que você não vai me apagar.**

Valderick ergue a mão trêmula, chorando lágrimas que não caem. O terror o despojou de qualquer dignidade. — **Por favor... Elara... eu...**

— **Implora?** Minha voz corta o ar como um chicote. — **Como eu implorei para você me levar, para me matar e deixar todos aqui vivos e em paz? Implora como eu implorei para você não assassinar um ser inocente que nunca te fez mal nenhum?**

Dou um passo à frente. Estou tão perto que sinto o cheiro do medo dele. Quando vejo um sorriso de canto nascer em seus lábios ensanguentados algo em mim se rompe. Eu não aguento. Descarrego um soco com toda a fúria das minhas ancestrais no centro do seu rosto. Sinto o estalo do seu nariz se quebrando, o sangue dele voa e ele desaba no chão, ainda rindo como um louco entregue à própria ruína.
Eu não espero ele se recuperar. Ergo minha mão e digo:
— **Umbra Luxem... Mortalis Ferve...**

A luz negra irrompe da minha palma num raio espiralado, metade sombra, metade magia dourada corrompida. Quando atinge Valderick, o chão sob ele afunda e derrete, incapaz de suportar tamanha pressão.

Ele arqueia as costas, o corpo em espasmo, e solta um grito tão lancinante que os pássaros caem do céu como pedras. A pele dele se abre em rachaduras brilhantes, um labirinto de luz destrutiva que o consome de dentro para fora. A magia ancestral está estilhaçando cada átomo da sua existência, devorando sua alma, desfazendo seu legado.

Mas ele não morre. Valderick permanece de joelhos, a carne crepitando sob o fogo frio das sombras, os olhos vazando um sangue escuro e denso. Ele respira como um animal ferido, um som ruidoso e sujo. Ele ainda está vivo. Ainda está miseravelmente consciente de cada segundo da sua agonia.

Atrás de mim, ouço o som de asas arrastando pelo chão.
É Eryon. Ele está sangrando, arranhado e cambaleia um pouco, porém está extremamente furioso. Ele vem caminhando na nossa direção, e cada passo é pesado como um tremor na terra. Suas narinas soltam fumaça. As escamas brilham em um dourado manchado de vermelho pelo próprio sangue. Seus olhos são puro fogo.
— **Ele tentou... matar todos nós.** —A voz de Eryon ecoa, grave e cheia de um ódio antigo.

Valderick levanta o olhar. Seu corpo está destruído e se regenera muito mais devagar do que o normal por causa da minha magia. Mesmo com o corpo praticamente em cinzas, ele tenta um último ato de desespero e levanta uma das mãos para lançar um feitiço.

Eryon não espera.
Com um movimento rápido, brutal e preciso, ele agarra a cabeça de Valderick com sua boca enorme. O som do impacto é seco. Eryon a arranca de uma vez. O sangue escuro começa a escorrer, ele a lança para o alto e a engole em um único movimento.
O corpo sem vida de Valderick tomba no chão, mole, ainda fumegando pela magia negra e dourada que eu lancei. O silêncio finalmente cai sobre o bosque.

Capítulo Final



Eu sorrio aliviada e ergo a espada que seguro. É uma lâmina pesada, manchada com o sangue daqueles que atacaram meu lar. Levanto a arma bem alto; minhas mãos tremem e meu rosto está cortado por lágrimas e fuligem.
E então, eu solto um grito.

Meu grito atravessa toda a floresta. Ele faz as raízes tremerem, faz a fumaça dançar e faz as fadas chorarem. Esse som faz todos os caçadores humanos e criaturas inimigas desaparecerem, batendo em retirada.
Um rugido, gritos e uma explosão de vozes tomam conta de tudo. Todos os seres vivos daquele bosque, elfos, trolls, fadas, sátiros, espíritos das árvores, ninfas, salamandras, duendes, gnomos e tantas outras criaturas gritam juntos. É um som de vitória e de esperança que faz o ar vibrar.

O grito das crianças ecoa. Elas correm até os pais, agarrando-se às pernas deles. Mães desabam de joelhos, abraçando seus pequenos enquanto as lágrimas escorrem. Os elfos tocam os ombros uns dos outros em reverência. As fadas rodopiam em espirais de luz, chorando e cantando ao mesmo tempo.
Eu fico parada no centro da clareira devastada, ainda segurando a espada. Eryon me olha. Eu olho para ele e depois para tudo ao redor. Todos estão vivos, seguros e juntos.

Meu coração finalmente relaxa. Um sorriso cansado surge nos meus lábios. — **Acabou...** murmuro.

E então... meu corpo falha. Meus dedos soltam a espada. Ela cai no chão com um som metálico. Depois, minhas pernas ficam moles, minha visão embaça e o mundo gira rápido demais.

E então... meu corpo falha. Meus dedos soltam a espada. Ela cai no chão com um som metálico. Depois, minhas pernas ficam moles, minha visão embaça e o mundo gira rápido demais.
Sinto meus olhos se fechando, como se pesassem toneladas. Meu corpo inclina para o lado, sem força alguma, e começo a cair.

Eryon se transforma no ar, as asas se recolhem, as escamas se retraem e os ossos encolhem. O fogo dentro dele se apaga como um sol morrendo. Quando toca o chão, ele já é homem novamente. Está nu, ferido e coberto de sangue. Ele agarra o manto de um soldado caído, envolve-se rapidamente e corre até mim com uma velocidade desesperada.
E então, eu caio. Meu corpo atinge o chão com força, e a poeira da terra sobe ao redor de mim no mesmo instante, como um último suspiro do bosque.
— **Não... não, não, não...** ele sussurra enquanto corre.

Quando Eryon chegou até mim, meus olhos já estavam fechados.
Minha respiração era fraca, irregular. Minha pele fria demais. A fumaça negra começava a se apagar, as veias pretas do meu corpo estavam desaparecendo.

A magia que queimava dentro de mim finalmente cobrava o preço.
Ele me segurou nos braços com um cuidado quase desesperado, como se eu pudesse me quebrar ali mesmo.
Como se já estivesse se despedindo.
— **Elara... meu amor... por favor...** a voz dele falhou no final. Suas lágrimas pingavam no meu rosto.

Ele me puxou contra o seu peito, apertando meu corpo mole, exausto, coberto de sangue... o dele, o meu, sangue da guerra inteira.

O bosque inteiro ficou em silêncio. Todos olhavam para nós.

As fadas da luz são as primeiras a se mover. Pequenas luzes tremeluzentes pousam sobre meu corpo, são dezenas delas, com mãos minúsculas pressionando meu peito, minha testa e meus pulsos. Elas cantam baixo, nervosas, em notas finas que oscilam entre a esperança e o medo.

♪ **Lumi... verna... resta... Lumi... verna... resta...** ♪

Ao redor, todos os que ainda estão vivos se aproximam em silêncio. Elfos se ajoelham, com as mãos sobre o coração. Ninfas tocam a terra, pedindo à água e à raiz que não me levem. Trolls abaixam as cabeças enormes, com os olhos marejados. As mulheres-corvo abrem as asas e murmuram uma prece antiga. Alguns rezam para seus deuses. Outros apenas choram.

As fadas se dividem: umas cuidam dos outros feridos, fechando cortes e estancando sangramentos, outras permanecem sobre mim, insistentes e desesperadas. As Ninfas curam outros. Todos estão se ajudando.
Eryon está ajoelhado, comigo em seus braços. Suas mãos grandes tremem enquanto seguram meu rosto. O desespero nos olhos dele é cru, exposto, sem nenhuma armadura.
— **Eu queria poder dar meu sangue a você, mas... eu não sei o que o meu sangue pode fazer...** Ele fala baixinho, a voz quebrada.

Meu peito mal se move agora. Meu coração bate fraco e irregular.
As fadas se entreolham, o brilho delas oscilando.
Todos ao redor sentem. Elfos, trolls, ninfas, espíritos, duendes, sátiros, fadas... todos olham, pressentindo o fim.

Eu não vejo, não ouço e não sinto mais nada. Meu corpo no colo de Eryon, pesado, quase vazio. A respiração vem em intervalos longos demais. Meu coração... para.

Eryon desmorona sobre meu corpo sem vida.

Suas lágrimas quentes batem na minha pele fria. Ele enterra o rosto no meu pescoço, os ombros largos sacudindo em soluços mudos que dizem mais do que qualquer grito.

Ao redor, as fadas apagam seus brilhos, mergulhando o bosque em uma penumbra de luto. Elfos e trolls permanecem imóveis, como estátuas de pedra, com lágrimas escorrendo por rostos cansados. Não há vento. Não há pássaros. A própria floresta parece murchar, as folhas das árvores pendendo para baixo como se quisessem tocar o chão onde sua rainha caiu. E um silêncio de morte, à queda daquela que deu tudo para salvá-los.

É o fim de tudo.



Ou parecia ser...

Então, surge um movimento diferente. Todos olham para trás e, instintivamente abrem caminho. Um corredor se forma entre raízes partidas e armas caídas. Do alto, várias fadas vêm voando juntas, rápidas demais. E no chão... um pequeno ser corre com patinhas apressadas e o focinho sujo de fuligem.

Costelinha.

Ele corre sem hesitar, desviando de tudo até chegar ao meu corpo sem vida. Ele pula sobre meu peito, o corpinho quente contra minha pele fria. Lambe meu rosto algumas vezes, com insistência, como se tentasse me trazer de volta. Ao parar e olhar para o lado, ele arrota uma pequena chama de fogo e coloca a língua para fora, animado.

Eryon congelou, os olhos dele se arregalaram.
Ele entendeu, sem uma palavra.
As fadas pousam diante dele. Duas delas carregam um pequeno frasco de vidro antigo, dentro de um pequeno saco de tecido preto. No rótulo, escrito à mão... minha caligrafia.

As fadas estendem o frasco para ele. Depois, levantam as mãos minúsculas, mostrando cinco dedos abertos.
Cinco.
O corpo de Eryon treme por inteiro quando ele pega o frasco. Não é medo do sangue... Ele não sabe o que, de fato, pode acontecer comigo. Mas agora não tem muito o que temer.

Com cuidado absoluto, ele inclinou meu rosto. Abriu meus lábios com o polegar. Cinco gotas.

Uma... duas... três... quatro... cinco gotas.

— **Volta...** ele sussurra, ajoelhando-se ao meu lado, a voz quebrada pela dor. — **Por favor... volta pra mim... Volta pra nós.**
Nada acontece.

O silêncio volta a pesar sobre o bosque, denso e frio. O canto das fadas cessa. O tempo parece parar, como se a própria natureza se recusasse a continuar sem a sua protetora.

A magia do sangue do drgão percorre minhas veias como um rio de purificador. Meus ferimentos mais profundos começam a se fechar, a carne rasgada se une novamente em um rastro de calor suave, deixando para trás apenas uma pele lisa e renovada. A palidez mortal do meu rosto cede lugar ao meu tom natural, uma cor viva que sobe pelas minhas bochechas enquanto o frio da morte é expulso. Minha pele recupera o brilho, ficando limpa da fuligem e do sangue, como se eu tivesse acabado de emergir de uma fonte sagrada.

De repente, uma respiração intensa corta o vácuo.
Meu peito sobe de uma vez. Solto um suspiro profundo e desesperado, como quem retorna do fundo do mar e pode finalmente respirar. O ar entra queimando meus pulmões, e meu coração volta a bater, forte e descompassado, martelando contra as minhas costelas.

Meus olhos se abrem. Por um único segundo, eles brilham em um dourado intenso e sobrenatural, como se algo antigo tivesse acordado nas profundezas da minha alma... e decidido ficar para sempre. Depois, as luzes se apagam e eles voltam ao normal.
— **Costelinha...?** murmuro, confusa, com a voz fraca e rouca.

Tento focar a visão nas sombras ao redor. — **Eu morri...?**
Olho para o rosto de Eryon, banhado em lágrimas.
— **Todos nós morremos?**

Eryon me puxa contra o peito em um abraço desesperado, soluçando sem tentar esconder a emoção. — **Você está viva...** ele repete várias vezes, como se precisasse convencer a si mesmo.
— **Você está aqui... você voltou.** Eu choro também quando vejo Baldor e Tyr correndo até mim. Eles me lambem o rosto, empurram meu corpo com os focinhos, choramingando de pura alegria. O peso da morte se dissipa.

As fadas voltam a cantar, agora o som é leve, vibrante, e elas rodopiam no ar em espirais de brilho multicolorido.
Ao meu redor, todos se abraçam, riem e choram. Agradecem aos seus deuses, à terra, à magia... e a mim.
Sinto a força percorrer meu corpo. O cansaço se dissolve como névoa sob o sol do meio-dia. Meu coração bate firme e eu me levanto sem nenhum esforço. Sinto-me forte, como se não tivesse lutado por horas, como se não tivesse enfrentado dezenas de homens e como se a guerra nunca tivesse tentado me quebrar.

Seguro Costelinha no colo no mesmo instante. Aperto aquele corpinho quente contra o meu peito, rindo e chorando ao mesmo tempo.
— **Eu sabia...** sussurro, beijando sua cabecinha várias vezes. — **Eu sabia que você voltaria para mim.**
Ele resmunga baixinho, satisfeito, e enfia o focinho no meu pescoço, como sempre faz quando quer garantir que sou real.

Levanto o olhar. As fadas que cuidaram dele estão ali, pousadas próximas, suas asas ainda tremem pelo esforço e seus olhos estão atentos. São corações enormes em corpos minúsculos. Sorrio para elas, um sorriso transbordando gratidão.
— **Vocês fizeram exatamente como eu pedi...** Minha voz sai suave, mas carregada de autoridade e carinho. — **Obrigada por confiarem em mim. Obrigada por salvarem ele. Vocês foram incríveis com todos.**



As fadas inclinam a cabeça em reverência, e as luzes ao redor delas pulsam em resposta. No campo de batalha, todos os sobreviventes seguem meu gesto e reverenciam as fadas, reconhecendo a magia que salvou o nosso futuro.

Coloco Costelinha no chão com cuidado. Respiro fundo, sentindo a magia correr em mim como nunca antes. Ela é sombria, ancestral... e agora está misturada ao sangue de dragão, quente e pulsante no meu peito.
Uma elfa se aproxima em silêncio, trazendo minha varinha. Os olhos dela brilham de emoção quando a coloca em minhas mãos. Seguro a madeira familiar e sinto o reconhecimento imediato, a varinha vibra, aceitando minha nova natureza.

Caminho até o centro do vale e finco a varinha no chão, direto no coração da terra. Pronuncio palavras antigas, sons que não eram ouvidos há séculos, soprados em meu ouvido pelas ancestrais que agora vivem em mim.

A terra responde instantaneamente.

Uma nova barreira surge. Ela se ergue firme, imensa, mais forte do que qualquer outra que eu já tenha criado em toda a minha vida. Quando o vale inteiro é envolvido por ela, ergo os braços para os lados. As fadas começam a pousar em mim, uma a uma, cobrindo meus ombros, meus braços, meu cabelo e meu peito como pequenos vagalumes vivos.

Então, com a ajuda delas, eu lanço o feitiço final.

É a cura. A terra rachada se fecha sob nossos pés, as árvores queimadas se erguem novamente, crescendo mais altas e mais verdes do que antes. A grama brota forte e macia, cobrindo as cicatrizes da guerra.



O fogo se apaga como se nunca tivesse existido. O sol começa a nascer no horizonte, e os corpos dos inimigos evaporam do chão, transformando-se em poeira levada pelo vento matinal.

Poucos dos nossos partiram, mas para os que se foram, preparamos uma despedida digna de heróis. Com a ajuda das ninfas, realizamos uma cerimônia no mar. Observamos enquanto as águas recebem seus corpos com suavidade, envoltos em flores e preces, levados pelas correntes para um descanso eterno sob as ondas. Enquanto o oceano os acolhe, a vida pulsa com força no vale. Aqueles que haviam bebido apenas uma gota do sangue de dragão respiram outra vez; essa única gota foi o suficiente para resgatá-los do limiar entre os mundos. Os feridos começam a se curar sozinhos, envolvidos pela minha magia que agora flutua por todos os cantos do bosque como uma névoa dourada.

Meu corpo exala magia, uma presença quente, constante e protetora.

Como no nosso primeiro dia, crio uma grande mesa no centro do vale. Comemos, rimos e celebramos enquanto o sol nasce, dourando as novas copas das árvores. Eryon se aproxima de mim, ainda processando tudo, segurando um pedaço de pão.
— **Você pode me explicar...** ele diz baixo, — **como sabia que o sangue funcionaria?**

— **Quando vi o Costelinha morrer diante de mim, eu o entreguei às fadas junto com o frasco de sangue que eu carregava, prevendo que seria necessário. Pedi que derramassem três gotinhas na boca dele.**

Engulo em seco, sentindo o peso daquela memória de dor. — **E pedi cinco gotas para mim, caso algo eu morrese em batalha. Como eu ainda não conhecia o processo, eu e o Costelinha seríamos as cobaias... para que você pudesse entender como o seu sangue funciona antes de ajudar os outros,**

Eryon prende a respiração, o choque e a admiração lutando em seu olhar.

— **Depois disso...** finalizo, — **pedi que se escondessem o mais longe possível com o Costelinha até tudo acabar.**

Eryon larga o pão, os olhos transbordando uma mistura de choque e terror retrospectivo. Ele segura meus ombros, a voz saindo em um sussurro rouco:
— **Elara... eu avisei que o sangue era instável. Eu disse que você poderia enlouquecer ou até explodir por dentro se o seu corpo não aguentasse a pressão. E mesmo assim... mesmo sabendo do risco, você se usou como cobaia para entender como ele funcionava?**

Olho nos olhos dourados dele, sentindo a brisa suave do novo amanhecer tocar meu rosto. Dou um sorriso triste, mas em paz.
— **Mas eu já estava sem vida, meu amor,** respondo, minha voz firme apesar da doçura. — **Se eu não voltasse, o risco morreria comigo. Se eu voltasse, nós teríamos a cura para todos os outros. Era o mínimo que eu poderia fazer por você... por nós.**

Olho para as pessoas rindo ao redor, percebendo agora a intensidade daquela magia. — **Eu exagerei**, confesso em um sussurro, vendo como eles se recuperaram rápido. — **Eu não tinha dimensão da sua força, Eryon.**

—**Mas, depois de sentir a vida voltando, entendi que uma única gota seria o suficiente para resgatar qualquer um do limiar da morte. Por isso, ordenei que as fadas dessem apenas uma gota aos outros.** Minha voz falha por um segundo, o peso da realidade voltando.
— **Mas houve seres que, infelizmente, se foram antes de a ajuda chegar. Dez minutos haviam se passado... e quando o tempo da alma acaba, nem mesmo o sangue de dragão pode trazê-la de volta.**

Eryon me olha como se estivesse vendo algo completamente novo, uma força que ele ainda tenta compreender. — **Eu te amo, Elara.**
— **Eu também te amo, dragão** respondo sorridente.

Nós nos beijamos ali mesmo, sem medo, sem pressa, cercados pela vida que floresce. É então que ouço risadinhas finas, agitadas, quase atropeladas umas pelas outras.

— **Eeeeelaaaraaaa... Temos uma coisinha pra te mostrar...**

Afasto-me de Eryon e viro o rosto para a clareira. Costelinha está bem no centro. Duas pequenas asas pretas, ainda molhadas de magia, brotam de suas costas, tremendo enquanto ele tenta, com muita dignidade, sair do chão. As asinhas batem descompassadas; ele levanta um centímetro da grama e cai, tenta novamente e bufa, indignado com a gravidade.

— **Não acredito...** murmuro, levando a mão à boca, escondendo um sorriso. Olho devagar para as fadas, que flutuam ao redor dele com sorrisos travessos. — **Quantas gotas vocês deram pra ele?**

As fadas apenas riem, aquele riso de quem voltou da beira do fim e trouxe um segredo consigo.
— **Bem como ele não voltava, eu derrubei apenas mais uma**. Disse a fada toda sem graça.

— **Está tudo bem meninas, eu no lugar de vocês teria feito o mesmo.** Rimos juntas.

Costelinha, claramente satisfeito com toda a atenção, infla o peito... e arrota outra pequena chama de fogo. As asinhas batem com força e, desta vez, ele consegue ficar no ar por meio segundo. Cai logo depois, mas cai voando.
— **Bem-vindo à família, dragãozinho**, murmuro, indo até ele e pegando-o no colo.

Costelinha se aninhou em mim, mais quente do que o normal.
E ali, com o sol já alto, o vale inteiro reconstruído, o amor intacto e um filhote alado tentando cuspir fogo...
Eu soube que Korvelin, não tinha apenas sobrevivido...
Korvelin renasceu, e todos nós junto dela.

O sol já está alto quando o vale finalmente se aquieta. A floresta parece diferente... não está mais ferida, mas desperta. O ar é diferente, como se tudo estivesse atento... a mim. Ao meu redor, há vida por todos os lados. Elfos sentados na grama nova, fadas pairando sobre as flores que acabaram de brotar, crianças dormindo seguras nos braços das mães.

Ouço risos baixos, choros contidos de alívio e vejo abraços que parecem não querer terminar. Todos do abrigo e os que se esconderam na minha casa estavam bem.
Eryon está ao meu lado, sua presença é um porto seguro. Costelinha dorme no meu colo, com as pequenas asas pretas recolhidas contra o corpo quente. Seu coração, antes tão fraco, agora bate firme e forte.

Passo a mão no seu pelo macio, sentindo a textura das suas asas novas. Sinto algo diferente em mim. Um calor lento se espalha do meu peito para os braços, para a nuca, até a base da coluna. É como se algo tivesse despertado nas profundezas do meu ser... e agora estivesse aprendendo a respirar dentro de mim.

Eryon franze levemente o cenho, percebendo a mudança no meu silêncio. — **Elara? Você está bem?**

Não respondo de imediato. Porque, naquele momento, Aedren se aproxima de nós. O elfo caminha com a postura cansada, mas firme, e para à minha frente para uma última reverência. O sol atinge a placa de metal polido da sua armadura, criando um espelho perfeito diante de mim.

Eu olho para o metal e vejo meu próprio reflexo.
Por um segundo, apenas um, meus olhos não são mais humanos. Eles brilham em um dourado profundo e líquido, com fendas verticais finas e afiadas como lâminas.
Pisco, e tudo volta ao normal. Sorrio, sem saber exatamente por quê, e abraço Costelinha com um pouco mais de força contra o peito.
— **Está tudo bem**, murmuro, mais para mim mesma do que para eles.

Eryon não insiste, mas seu olhar permanece atento, como se ele também tivesse vislumbrado, por um triz, a criatura que agora habita em mim.

Acaricio o Costelinha no colo e sinto suas asas pulsarem. Tomei cinco gotas. Uma dose para os mortos, quando eu precisava de apenas uma. O que o excesso do sangue de dragão fará com uma bruxa de linhagem pura?

Sinto meus sentidos se expandirem. Consigo ouvir o bater de asas a quilômetros daqui e o cheiro do medo dos caçadores que ainda rodeiam a floresta. Minha magia não é mais apenas terra e raiz; agora ela tem garras e um exército de bruxas dentro de mim.

Eryon me olha com amor, mas sinto que, no fundo, ele também pressente a mudança.
Eu sinto que isso ainda não acabou. Os boatos vão correr como fogo por todos os reinos, histórias sobre uma bruxa poderosa e um dragão que sobreviveu ao impossível. Minha família, os bruxos de quem fugi, virá atrás de mim quando souberem do que sou capaz?
E a família de Eryon, escondida e acuada, continuará protegida onde estão, ou a nossa vitória colocou um alvo ainda maior sobre todos nós?
Aperto a mão do Eryon que está sobre minha coxa, e olho para o horizonte. O mundo lá fora acaba de descobrir que existimos. E eles não fazem ideia do preço que estou disposta a cobrar para manter o que é meu.



Para **Costelinha**

Infelizmente, você partiu antes de ver este livro publicado.
E dói saber que, nas páginas onde a fantasia permite milagres, eu consegui te salvar mas na vida real, não.
No livro, você morre, bebe sangue de dragão e volta mais forte do que nunca.

Ah... como eu gostaria que existisse sangue de dragão fora da imaginação.

Como eu desejaria atravessar qualquer reino, enfrentar qualquer guerra, só para trazer você de volta para mim.
Mas a realidade é mais difícil que a ficção.
E ainda assim, o que é real nunca poderá ser apagado.

Quero que todos saibam quem você foi.
Que saibam que você me salvou tantas vezes do silêncio, da tristeza, da depressão.

Que você me deu tudo o que tinha: amor puro, leal, inteiro.
E eu te dei tudo o que eu tinha também.
Você era amoroso, carinhoso, chorão, queria colo o tempo todo.
Curioso com o mundo, como se cada folha fosse uma descoberta.
Feliz correndo em um gramado extenso, livre na areia da praia, com o vento no rosto e o coração aberto.

Que todos que lerem esta história possam te conhecer um pouco.
E que aqueles que tiveram o privilégio de te conhecer de verdade guardem você com o mesmo carinho com que eu guardo.
Você não teve sangue de dragão.
Mas teve algo ainda mais raro: um coração imenso.
Eu te amo, Costelinha. Para sempre. ♥

Esse livro é pra você, já era antes de você partir, quando estava escrevendo com você no meu colo e te chamava de meu Dragãozinho.
Obrigada por me mostrar e me ensinar, como é amar de forma genuína.


Costelinha

Obrigada!

Pela sua compra

Dizem que os escritores criam mundos, mas são os leitores que os tornam reais. Obrigada por ser minha inspiração diária e por me motivar a escrever cada vez mais. Que esta leitura te leve a lugares incríveis!

Suyanne Gomes

Não esqueça de registrar esse momento e nos marcar no Instagram. Será um prazer compartilhar!

@suyanngomesss

@suyannegautora